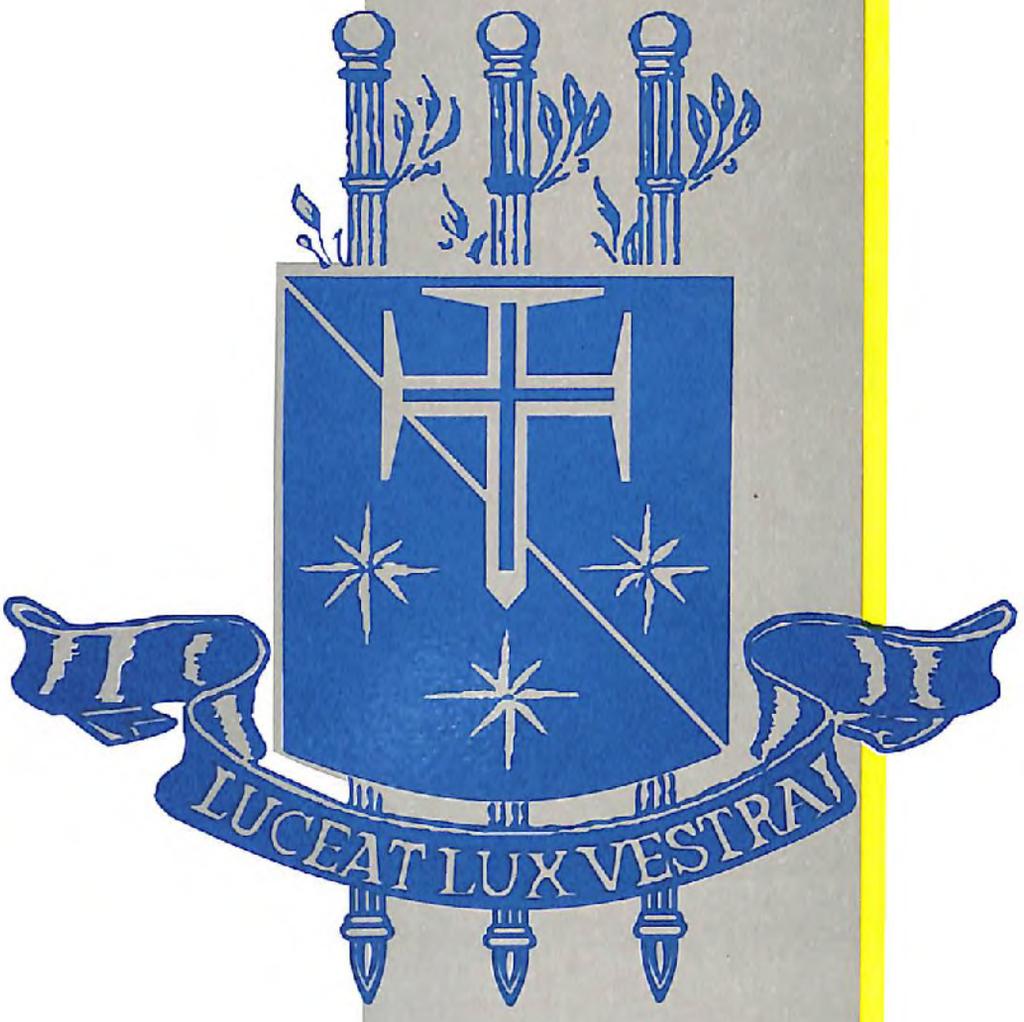

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

A Academia Baiana de Educação é uma sociedade civil, com personalidade jurídica, de duração limitada, fundada em 9 de setembro de 1982.

DIRETORIA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO (2000-2002)

Presidente	:	Alirio Fernando Barbosa de Souza
Vice-Presidente	:	Lêda Jesuíno dos Santos
Primeiro Secretário	:	João Eurico Matta
Segundo Secretário	:	João Fernandes da Cunha
Tesoureiro	:	Maria Augusta Abdon
Diretor da Revista e da Biblioteca	:	Jair de Oliveira Santos
Diretor do Museu Pedagógico	:	Francisco Pinheiro Lima Junior

DIRETORIA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO (2002-2004)

Presidente	:	Alirio Fernando Barbosa de Souza
Vice-Presidente	:	Lêda Jesuíno dos Santos
Primeiro Secretário	:	João Eurico Matta
Segundo Secretário	:	José Nilton Carvalho Pereira
Tesoureiro	:	Maria Augusta Abdon
Diretor da Revista e da Biblioteca	:	Jair de Oliveira Santos
Diretor do Museu Pedagógico	:	Francisco Pinheiro Lima Junior

Revista da Academia Baiana de Educação - Volume 2, número 8, setembro de 2002.

Bahia, AEB, 2001

V.21 x 28 cm (anual)

1. Educação — Periódicos I. Academia Baiana de Educação

CDD 370.05

CDD 370.05

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

EDITOR

JAIR DE OLIVEIRA SANTOS
Diretor e Fundador da Faculdade Castro Alves
e do Colégio Águia,
Professor da Faculdade de Medicina
da Universidade Federal da Bahia

CONSELHO EDITORIAL

EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA
Professor da Faculdade de Educação
da Universidade Federal da Bahia

JORGE CALMON
Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia

LEDA JESUÍNO DOS SANTOS
Professora da Faculdade de Educação
da Universidade Federal da Bahia

Esta revista foi editorada eletronicamente
e impressa com a colaboração da

FACULDADE CASTRO ALVES

Correspondência:
Diretor da Revista da Academia
Baiana de Educação
Rua Mal. Andréa, 226, Pituba
Salvador
Bahia, Brasil
CEP: 41.820-090

CAPA: MANOELITO DAMASCENO
Professor da Faculdade de Educação da UFBa.

SUMÁRIO

Educação Geral

Pilares e Saberes da Educação no Século XXI 5
Jair de Oliveira Santos *5*
A Educação no Terceiro Milênio e a Responsabilidade do Professor 12
Zilma Parente de Barros *12*
Revolução na Educação Superior 17
Alírio de Souza *17*

Discursos Acadêmicos e Homenagens

Mensagem de Despedida ao Prof. Dr. José Maria Magalhães Neto 19
Thomaz Cruz *19*
Discurso Pronunciado ao Receber o Título de Educador do Ano de 1988 21
Edivaldo M. Boaventura *22*
Saudação ao Professor Edivaldo Boaventura pelo Título de Educador do Ano de 1998 26
Leda Jesuíno *26*
Discurso de posse na Academia Baiana de Educação 31
Marcelo Augusto Carvalho Rocha *31*
Discurso de Recepção ao Acadêmico Marcelo Augusto Carvalho Rocha 35
Maria Augusta Cruz Abdon *35*
Discurso de Posse do Acadêmico Milton de Almeida Rabelo 38
Discurso de Recepção ao Acadêmico Milton Rabelo 42
Astor de Castro Pessoa *42*
Discurso de Posse do Prof. José Nilton Carvalho 45
Discurso de Saudação Ao Prof. José Nilton Carvalho 55
Jair de Oliveira Santos *55*
Homenagem da Academia Baiana de Educação ao Ex-Presidente Raymundo Nonato de Almeida Gouveia 62
Estatuto da Academia Baiana de Educação 65
Regimento da Academia Baiana de Educação 67

As matérias desta publicação são da responsabilidade exclusiva dos seus autores.

PILARES E SABERES DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

Jair de Oliveira Santos*

A UNESCO publicou, ao findar-se o século XX, o livro Educação – um tesouro a descobrir[1]. É um relatório elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors, ex-presidente da Comissão Européia, e composta por especialistas em educação, sociólogos, economistas, historiadores e ex-ministros de educação, do mundo oriental e ocidental.

OS QUATRO PILARES BÁSICOS DA EDUCAÇÃO

O Relatório Delors propõe um novo conceito de educação, com quatro pilares básicos: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver*. Esta concepção aponta para a construção de um novo paradigma educacional, em que é valorizado o ser humano, nele considerado tanto sujeito como objeto da educação.

Os dois primeiros pilares, *aprender a conhecer e aprender a fazer*, elementos indispensáveis a qualquer concepção educacional, são os esteios do tradicional *paradigma educacional cognitivo-racional*. Os outros dois, *aprender a ser e aprender a conviver*, representam uma ruptura com a educação convencional, e neles nos deteremos, fazendo uma análise mais profunda.

Ao aprender a ser e aprender a conviver, a pessoa passa a se conhecer melhor, ela se descobre e redescobre, a cada dia e a cada hora. E abre novos caminhos, em direção ao seu verdadeiro *eu*, podendo assim encontrar-se consigo mesmo.

Este era o grande sonho dos antigos, expresso no *gnote se auton* dos gregos, no *nosce te ipsum* dos romanos, e abraçado por Lao Tse, no *Tao Te King*[2], ao dizer que

> *"Quem conhece aos outros é inteligente,*
> *Quem conhece a si mesmo é sábio."*

Acreditamos que estes dois saberes são intrinsicamente relacionados entre si. *Aprender a conviver* implica em conhecer as outras pessoas, e o conhecimento do outro começa, necessariamente, pelo conhecimento de nós mesmos. *O aprender a conviver começa com o aprender a ser.*

Como ensina Morin, no seu livro *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*[3],

"A compreensão de nossas fraquezas ou faltas é a via para a compreensão das do outro. Se descobrirmos que somos todos seres falíveis, frágeis, insuficientes, carentes, então podemos descobrir que todos necessitamos de mútua compreensão".

Podemos acrescentar que, na medida em que aprendamos a identificar em nós os sinais corporais, mentais e comportamentais das emoções e sentimentos – medo, raiva, tristeza, ansiedade, angústia, estresse e da depressão- poderemos identificar estes mesmos sinais em outras pessoas, passando assim a ter uma melhor compreensão delas. E uma melhor compreensão do outro nos leva a um melhor relacionamento com ele, e ao desenvolvimento de uma ética fundamentada no respeito, compaixão e solidariedade.

Para Morin[3], a concepção do ser humano deve contemplar a tríade *indivíduo/sociedade/espécie*. Na realidade, o indivíduo é mais do que o resultado do processo biológico da reprodução da espécie humana. As interações existentes entre os indivíduos produzem a sociedade, que por sua vez retroage sobre as pessoas que a constituem.

Em última análise, todos os seres humanos têm uma constituição biológica e psicológica básica, comum a todos. Todos têm a mesma estrutura orgânica, os mesmos órgãos exercendo as mesmas funções - cérebro, coração, fígado, rins e pulmões, com a mesma organização citológica e histológica.

As estruturas e funções psicológicas humanas básicas são as mesmas para todos, e sobejamente conhecidas da psicologia coetânea: as funções de pensar, sentir, perceber e intuir, características do ser humano, resultam do funcionamento do seu consciente e do seu inconsciente.

Podemos concluir que há uma unidade na diversidade dos indivíduos. Cada ser humano tem sua individualidade, geneticamente determinada ou resultante de sua forma particular de agir e reagir aos estímulos sociais. Mas existe uma unidade na espécie humana.

Esta unidade deve ser contemplada pela Educação, tanto quanto a diversidade. Conhecendo melhor a nós mesmos, podemos conhecer melhor os outros, criando assim condições para conviver melhor com eles. Dentro desta perspectiva, cresce a importância da Educação Emocional como componente do novo paradigma educacional a ser praticado na educação do terceiro milênio.

No livro de nossa autoria *Educação Emocional na Escola*[4], defendemos que a Educação Emocional tem por

* **Diretor e Fundador da Faculdade Castro Alves e do Colégio Águia, Professor da Faculdade de Medicina da UFBA, Pedagogo, Especialista em Administração Escolar, Conferencista e ex-Presidente da Academia Baiana de Educação**

objeto estimular as pessoas a desenv
e o autoconhecimento; a identific
suas emoções, e desenvolver a
colocar-se no lugar do outro,
compreender seus sentimentos e emoçõ

O aprender a ser e o *ap*
recomendados pela UNESCO, permitem
descobrir *o outro* – em quem Sartre coloca a felicidade
humana – e com ele viva e conviva melhor.

O Relatório Delors[1] faz o resgate do
Sartre, que afirmou em seu livro *O existen*
Humanismo[5] que

"É procurando fora de si um fim que o homem se realizará precisamente como ser humano".

A pessoa será mais humana ao abrir
facilitará a busca e a conquista da felicidade. Estará a serviço de uma nova ética, fundamentada no respeito à vida, no respeito ao outro, calcada na solidariedade e na compreensão.

O novo paradigma educacional
racional resgata também o imperativo categ
ao considerar o homem como sujeito e objeto
devendo ser utilizado com um fim em si mesmo e não
um meio para todos os fins.

Estas considerações nos permitem adentrar
no espírito do Relatório Delors[1], quando ele
preciso e é possível, através da educação.
escondido em cada pessoa". E função da
descobrir e extrair este tesouro.

Na introdução ao relatório da comissão
Delors chama a atenção dos educadores para a necessidade de considerar-se o próprio homem como objeto da educação. Ele estabelece como meta prioritária do processo educativo a *construção da própria pessoa*, o que pressupõe a aprendizagem da autoconsciência e do autoconhecimento como elementos fundamentais da educação.

Repetindo as palavras de Delors (op.cit):

*"No alvorecer de um novo século cuja aproximação
indecisos entre a angústia e a esperança, impõe-se que todos os responsáveis prestem atenção às finalidades e aos meios da educação. A Comissão considera as* ***políticas educativas*** *um processo permanente de enriquecimento dos conhecimentos, do saber-fazer, mas também e* ***talvez em primeiro lugar, como uma via privilegiada de construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos,grupos e nações".***

Para Delors o objetivo maior da educação é a construção da própria pessoa e a construção das relações entre os indivíduos, grupos e nações. Assim, a construção de um bom relacionamento entre as pessoas,grupos e nações é meta da educação. É o bom relacionamento da pessoa com ela mesma e com os outros, é o grande objetivo da Educação

tende o autor deste trabalho no seu livro
na Escola[4]
ao relatório
volta ao
*tudo
a pessoa
dentro
mensão
cultu
ção
a da
mente
ção,* ***os meios de compreender o outro***
de compreen
uma
pessoa conhecer a si próp
de
*guiado pelo
trolado pelo exercício da racionalidade".*

do pilar é

Edg
ao fenômeno
apr
Morin as publi
Sete Saberes Necessários à Educação do Fu
chamando-os de:

- As Cegueiras do Conhecimento
- Os Princípios do Conhecimento
- Ensinar a Condição Humana
- [illegible]
- [illegible]
- [illegible]
- [illegible]

A análise do livro mostra o homem como ponto centrípeto da educação devendo para ele convergirem os esforços do educador.

Os dois primeiros saberes apontados por Morin tratam do conhecimento, e relacionam-se com o pilar *aprender a conhecer* do Relatório Delors. Os saberes relativos à *condição humana e à identidade terrena*, relacionam-se com o pilar *aprender a ser*; o saber *enfrentar as incertezas* relaciona-se com o pilar *aprender a fazer*; e os saberes *ensinar a compreensão e a ética do gênero humano*, são relativos ao pilar *aprender a conviver*.

Faremos a seguir uma análise de *ensinar a compreensão*.

ENSINAR A COMPREENSÃO

Morin[3] considera que uma questão crucial para o homem de hoje é a da Compreensão, por isto ela deve ser considerada uma das finalidades da educação. Para ele, a incompreensão deteriora as relações familiares entre pais e filhos e entre maridos e esposas, e expande-se como um câncer para a sociedade, na vida cotidiana, provocando calúnias, agressões e homicídios, psíquicos ou verdadeiros.

Comenta especificamente o mundo dos intelectuais, escritores e universitários, onde deveria haver mais compreensão e que, no entanto, é o mais gangrenado, impulsionado pelo efeito das hipertrofias dos egos, nutridos pela necessidade de consagração e de glória.

Na percepção de Morin, a comunicação não traz, necessariamente, a compreensão, condição necessária para a solidariedade humana.

Admite duas formas de compreensão: *intelectual ou objetiva e humana ou intersubjetiva*. Compreensão vem do latim *comprehendere*, e significa, em termos intelectuais, *abraçar junto*, abraçar as partes, o todo e as interrelações existentes entre eles; perceber o uno e o múltiplo, o texto e o contexto, em todas suas complexidades.

A *compreensão intelectual* implica na inteligibilidade e passa pela explicação, necessária a sua existência. Implica no discurso lógico, com conclusões sustentadas pelas premissas correspondentes, esclarecendo ao interlocutor os significados das proposições.

A *compreensão humana* transcende à explicação - seus elementos estão além da lógica. Exige a sensibilidade de quem tenta compreender - que oriente sua percepção para os pensamentos,sentimentos, emoções, atitudes e comportamentos da outra pessoa, e fique atento às suas reações.

A compreensão humana ultrapassa a intelectual devido a sua própria natureza. É uma apreensão direta, imediata, intuitiva, não racional.

A compreensão humana, segundo Morin[3], é o resultado de um processo misto de empatia, identificação e projeção, através do qual nos colocamos no lugar do outro, e procuramos enxergar o mundo com seus olhos e sentimentos. O outro, para Morin, não é percebido de uma simples forma objetiva,como outra pessoa - ele é percebido como alguém com quem nos identificamos, em quem nos projetamos. Para ele:

"A compreensão humana pede abertura, simpatia, generosidade".

E compaixão, acrescentamos.

EDUCAÇÃO PARA OS OBSTÁCULOS À COMPREENSÃO

Morin(op. cit.) trata dos obstáculos que se opõem a ambas compreensões e daqueles que se referem exclusivamente à compreensão intelectual. Cita como *causas de incompreensão intelectual*:

- A dificuldade de comunicação, como a gerada pela desatenção de um interlocutor;
- A polissemia de uma proposição, que, enunciada com um sentido, é entendida em outro, o que é muito freqüente;
- Ignorância de ritos e costumes do outro, principalmente dos ritos de cortesia;
- Incompreensão dos valores imperativos de uma cultura por um estranho a ela, como o menosprezo a crenças religiosas, o desrespeito aos idosos, etc.
- Incompreensão de imperativos éticos de determinada cultura, como o imperativo da vingança nas sociedades tribais e o imperativo das leis nas sociedades evoluídas;
- Impossibilidade de compreensão de uma estrutura mental em relação a outra, como por exemplo na relação entre um camponês e um acadêmico da metrópole.

Como *obstáculos que se opõem a ambas as compreensões*, cita a indiferença, o egocentrismo, o etnocentrismo e o sociocentrismo.

A indiferença resultante da falta de atenção e consideração pelo outro ser humano, funciona como grande obstáculo a qualquer forma de compreensão.

Também os *"centrismos"*, o egocentrismo, sociocentrismo e etnocentrismo, fazem com que o possuidor se situe no *"centro do mundo"* e considere tudo que é distante ou estranho, como sendo secundário, insignificante ou hostil.

Há um certo sentimento de superioridade em todo *centrismo*. Um certo orgulho de quem o possui, em relação às outras pessoas, que são vistas e tratadas *de cima para baixo*. A humanidade ainda não esqueceu o etnocentrismo da Alemanha hitlerista, baseado na falsa suposição de que os alemães constituiriam uma raça superior.

O *egocentrismo* cultiva a *auto-ilusão*, a tapeação de si próprio, a autoglorificação. O egocêntrico tende sempre a jogar sobre outrem a causa de todos os males e percebe de modo pejorativo as palavras e os atos alheios. Passa a selecionar para os outros o que lhes for desfavorável, e a eliminar o que lhes for favorável.

O egocêntrico se julga melhor que os outros, dono da verdade. Desenvolve hipertrofia da autoestima, que o leva a

problemas de relacionamento. Perante si mesmo, no seu espelho, se torna um homem modelo e passa a ser, para si, um *homo mensura*, ou seja, a medida para avaliar os outros homens.

Morin (op.cit.) chama a atenção para o fato de que

"A incompreensão de si é fonte muito importante da incompreensão do outro".

Concordamos com a afirmativa. O outro, embora sujeito diferente de nós, contém em si os mesmos elementos biológicos e psicológicos, comuns ao gênero humano, e responsáveis por nossa unidade enquanto espécie.

Entendemos que este elo de ligação é que garante a possibilidade da compreensão do outro: partindo de minha autocompreensão e de meu autoconhecimento, conhecerei minhas carências e defeitos, e, a partir deles, posso identificar e compreender as carências e defeitos dos outros. Tais carências e defeitos são semelhantes aos meus, por isto devo aceita-los e tolerá-los.

ESPÍRITO REDUTOR – UMA CAUSA DE INCOMPREENSÃO

Para Morin[(op.cit.)], uma das causas de incompreensão é o espírito redutor que reduz um conhecimento complexo a apenas um de seus elementos, considerando-o o mais significativo. É uma forma de pensar redutora e simplificadora.

Um exemplo de reducionismo está na redução da natureza humana a apenas uma de suas dimensões.A natureza do homem é multidimensional, com as dimensões biológica, psicológica, axiológica, social, cultural e histórica. A redução ao psicológico implica no psicologismo; ao biológico no biologismo; ao social no sociologismo; e assim por diante, com todas as conseqüências maléficas de desconsiderar o todo em privilégio das partes.

Morin cita como exemplo de incompreensão a resultante de um reducionismo em relação à personalidade de uma pessoa, que é considerada em apenas um de seus traços. Se o traço considerado for favorável, haverá desconhecimento dos seus aspectos negativos. É o caso do amante que idolatra o ser amado e não consegue enxergar seus defeitos. Se o traço considerado for negativo, a pessoa será julgada em função dele – é o caso de quem comete um deslize ético, e sempre é julgado em função dele, do criminoso que passa a ser segregado pela sociedade depois de cometer um delito.

ÉTICA DA COMPREENSÃO

Para Morin[3] a ética da compreensão exige, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado. Compreender o fanático é compreender as raízes, as formas e as manifestações do fanatismo. A ética da compreensão está em compreender a incompreensão, e para praticá-la devemos argumentar e dialogar, em vez de discordar, condenar, excomungar ou excluir.

Para ele são fatores que favorecem a compreensão: o *"bem pensar"*, a introspecção, a abertura simpática em relação ao outro e a interiorização da tolerância.

O "BEM PENSAR"

É um modo de pensar que leva em conta os princípios do *conhecimento pertinente*, que considera o contexto da situação analisada; a globalidade do todo, na sua condição de conjunto de partes ligadas entre si, interagindo reciprocamente; a multidimensionalidade do objeto analisado, e sua complexidade. O conhecimento pertinente nos permite apreender tanto as condições objetivas quanto as subjetivas do comportamento humano.

A INTROSPECÇÃO

Morin considera a prática mental do ,auto-exame permanente como necessária. Ela permite que reconheçamos e julguemos nosso egocentrismo, permitindo que não assumamos a condição de juiz de todas as coisas.

Santos, em seu livro *Educação Emocional na Escola*[4] considera a introspecção um instrumento fundamental para o autoconhecimento. Ela consiste em dirigir a atenção para os fatos psicológicos que podem ter percepção consciente.

É dirigir o "olho da mente" para os atores de nossa consciência, observando o fluxo de acontecimentos conscientes, procurando identificá-los e observar a sucessão deles. Identificar os pensamentos, emoções e sentimentos e procurar percebê-los com a maior nitidez possível. Perceber quando entram em cena a vontade e a atenção, observar a relação entre elas e o efeito da atenção sobre a percepção das funções mentais.

Fazer a identificação dos pensamentos reflexivos e dos argumentos lógicos que os constituem, caracterizando as premissas e as conclusões suportadas por elas. Atentar para os pensamentos automáticos, quase sempre negativos, e para a identificação das intuições que brotam na mente.

Identificar a ocorrência de lembranças de fatos recentes ou remotos e a roupagem emocional que os envolve, se agradável ou desagradável.

Caracterizar a imaginação, reconhecer os instintos (pulsões), impulsos e desejos que irrompem do inconsciente, além dos juízos de valor (avaliações) que fazemos das coisas

A TOLERÂNCIA

Para Morin, a tolerância verdadeira supõe

"convicção, fé, escolha ética e aceitação da expressão das idéias, convicções, e escolhas contrárias às nossas. Supõe sofrimento ao suportar a expressão de idéias

negativas ou, segundo nossa opinião, nefastas, e a vontade de assumir este sofrimento" (op.cit)

Para Santos, em *"Paciência, o antídoto da Raiva"*, a tolerância é uma das funções básicas da paciência,que implica em conter nossos impulsos, aguardar a hora certa para agir, e exige auto-controle. Isto requer o exercício da tolerância, que significa admitir e aceitar, num consentimento tácito, sem revolta, outras formas de agir, pensar e sentir.

Ele defende que deve haver um limite para a tolerância[7]. Em certas situações, a tolerância excessiva pode ser prejudicial, tanto para quem tolera demais, quanto para quem humilha, provoca ou agride. A pessoa excessivamente tolerante pode chegar a uma situação limite na qual se sinta humilhada, perca sua dignidade, e fique com a autoestima diminuída. Não é recomendável a ninguém chegar a este ponto: não devemos confundir tolerância com covardia.

Como recomenda o Dalai Lama[8]:

"Às vezes podemos nos deparar com situações que exigem fortes medidas defensivas. Creio, porém, que podemos assumir uma posição firme e até mesmo adotar fortes medidas defensivas a partir de um sentimento de compaixão, ou de uma noção de interesse pelo outro, em vez de agir assim com base na raiva."

A ausência de reação pode fazer com que o agressor se habitue a agir agressivamente, perpetuando seu comportamento hostil. Será benéfico para o agressor se o agredido lhe der um *"basta"*, impedindo que continue em sua conduta. No caso dele acostumar-se a agredir a todos, poderá vir a ter sérios dissabores no futuro, ao deparar-se com uma pessoa menos equilibrada emocionalmente, que reaja com violência.

Conclui Santos:

"Devemos cultivar sempre a tolerância, mas deve haver um limite para ela. Este limite deve ser ditado pelo nosso bom senso, no sentido que respeitemos nossa dignidade e preservemos nossa autoestima". (op.cit.)

E encerra com as sábias palavras do Dalai Lama[8]:

"Quando falamos sobre como deveríamos desenvolver a tolerância para com aqueles que nos prejudicam, não deveríamos considerar erroneamente que isso significa que deveríamos simplesmente aceitar com docilidade tudo que seja feito contra nós".

Acreditamos que devam ser incluídos entre os fatores que favorecem a compreensão, além dos citados por Morin, o cultivo da meditação e da intuição.

CULTIVO DA MEDITAÇÃO

A finalidade da meditação é obter a quietude da mente, através da concentração em determinado objeto ou tema. Durante ela alterações físicas ocorrem: a pulsação e a respiração ficam lentas, diminui a pressão sangüínea e há um sentimento de bem-estar na pessoa. Após alguns minutos de prática, há uma sensação de relaxamento, o corpo fica descontraído e pesado.

A meditação é um dos meios mais efetivos para o autoconhecimento[4]. Abre as portas para o controle das emoções, sentimentos e pensamentos, daí sua importância no controle da raiva, tristeza e medo.

Ela é importante para melhor compreensão das outras pessoas. Quando alguém está sob o jugo da raiva, não consegue enxergar as coisas com clareza, não podendo ter percepção adequada da realidade e isto dificulta sua compreensão, tanto a intelectual, objetiva, quanto a humana, subjetiva.

CULTIVO DA INTUIÇÃO

A intuição é uma forma de saber, de ter conhecimentos novos, uma fonte privilegiada de informações, e não tem origem em dados conscientes. O vocábulo é originário do latim *intueri*, que significa *"ver por dentro"*. Suas raízes são *in*=dentro, e *tueri*=*"contemplar"*, *"ver"*.

Santos, ao analisar a intuição em seu trabalho *"Intuição: contribuição ao debate"*, publicado em 2001 pela Faculdade Castro Alves[9], considera que:

"O conhecimento intuitivo surge na mente quando menos se espera. Ele prevê possibilidades no futuro e intermedia nosso relacionamento com o desconhecido. É imediato e dele não participa a razão - ela pode e deve ser adicionada à intuição, o que geralmente ocorre nos processos de decisão.

A intuição trabalha com informações que não estão disponíveis na consciência, adquiridas pela pessoa ao longo de sua vida, e que naquele momento deixam de ser inconscientes".

E continua:

A vontade não pode atuar diretamente sobre a intuição, fazendo-a aparecer no momento em que desejarmos. O processo intuitivo não é voluntário,mas podemos ativar a intuição criando condições para facilitar seu aparecimento de alguns modos: treinando a atenção e a quietude da mente, desenvolvendo a auto-consciência e o auto-conhecimento, procurando livrar-nos da raiva, medo e tristeza - que interferem negativamente na intuição, pois comprometem o equilíbrio mental.

A intuição é importante para enfrentar os tempos pós-modernos, caracterizados pela escassez de tempo disponível e por mudanças rápidas do mundo globalizado,que trazem incertezas. É cada vez maior o número de informações que temos de lidar e cada vez maior a velocidade com que temos de tomar decisões. Hoje não temos tempo para a analise demorada dos problemas, procurando soluções lógicas para todos. Eles se acumulam, criando pressões cada vez maiores,com o estresse resultante, e todas suas conseqüências maléficas.

Entendemos que urge nos conscientizarmos da existência de nossa intuição e de aprendermos mais sobre ela. Como identificá-la, e como diferenciá-la dos instintos, impulsos, desejos, raciocínios, emoções e projeções. Como

desenvolvê-la e utilizá-la adequadamente, conscientes e atentos para reconhecer suas limitações.

Após a análise feita dos pilares e saberes da educação propostos pela UNESCO, devemos declarar que a Faculdade Castro Alves sente-se regozijada e recompensada em seus esforços, ao constatar que os princípios gerais da educação que ela já vem praticando desde o início de seu funcionamento, principalmente através da Educação Emocional, são os princípios recomendados pela UNESCO para a educação no século XXI.

UMA ÉTICA FUNDAMENTADA

NAS EMOÇÕES

Nossa intenção é tentar estabelecer uma relação entre Educação Emocional e Ética, e chamar a atenção para a importância da educação das moções na formação de um cidadão responsável, crítico e humano.

A dimensão afetiva humana tem dois pontos de ligação com a Ética: a empatia, bastante realçada por Peter Salovey[12], criador do conceito de inteligência emocional e por Daniel Goleman[14], seu grande divulgador. Outro é o amor, que leva a pessoa a identificar-se com outra e a ter compaixão por ela, gerando um impulso para ajudá-la, e diminuir sua dor ou sofrimento.

Empatia e compaixão, em última análise, podem ser consideradas uma única entidade, pois a compaixão decorre do próprio processo de empatia. Para sentir compaixão por alguém, a ponto de querer ajudá-lo, é preciso que a pessoa se coloque no lugar dele e se esforce para perceber o mundo com seus olhos, e senti-lo como ele sente.

Acreditamos que na essência deste processo psicológico estão dois elementos: um é a tendência que o indivíduo tem de aproximar-se do outro, que é a emoção Amor. O outro, é um sentimento de respeito pela condição humana da outra pessoa, com a qual o indivíduo se identifica, por terem muitas coisas em comum – o mesmo corpo humano, as mesmas características mentais, as mesmas emoções e os mesmos sentimentos.

A busca de uma ética fundamentada nas emoções é justificada, pois grande parcela da humanidade não tem nenhum credo religioso. Segundo o Dalai Lama[11], atualmente são cerca de 4 bilhões de pessoas no mundo que não têem nenhum credo religioso. E estas pessoas precisam ter algum tipo de norma ética para estabelecer os princípios que guiarão seus comportamentos.

Defendemos que o homem, ao nascer, traz dentro de si duas tendências opostas para agir, que podem impulsioná-lo a praticar uma ação virtuosa ou não virtuosa. O meio cultural em que ele se desenvolve e convive, vai determinar e estimular o desenvolvimento de suas tendências, para o bem ou para o mal.

Steiner[18] *em seu livro* Educação Emocional,*acredita que*:

"Todos temos forças interiores profundamente contrárias à Ética, que não são simplesmente implantadas por uma cultura nefasta, mas provavelmente são inatas. Essas forças envolvem a agressão, a ganância e as manifestações da sensualidade não-éticas, e provêm de instintos primitivos, incontroláveis (...)".

E conclui:

"Temos instintos egoístas e agressivos, e lidar com esses instintos de maneira ética consiste numa das etapas principais da sabedoria emocional".

POSIÇÕES ÉTICAS FUNDAMENTAIS

A Ética, ciência da conduta humana, deve abranger tanto o fim da conduta do homem quanto os meios necessários para atingi-la[10]. Preocupa-se com o que é certo, ou errado e com o que é bom ou ruim, e tem sua atenção voltada para o que é virtuoso.

Uma das dificuldades da Ética está no conceito de virtude, pois o que pode ser tido como virtuoso em determinada cultura pode não ser em outra. E, numa mesma cultura, a virtude depende da perspectiva filosófica da pessoa.

Yearley[11], especialista em Ética e professor de Religião da Universidade de Stanford, em obra publicada em 1999, depois de fazer um estudo das características das virtudes, declara que

"Um aspecto muito importante das virtudes são as emoções".

Considera Yearley que

"as virtudes se manifestam naquilo que a pessoa faz e também no que sente e deseja. A virtude humana não está só no ato praticado, mas está também nos desejos, sentimentos e emoções da pessoa".

Na cultura ocidental há três tradições de abordagem da ética: o individualismo, o perfeccionismo e o racionalismo.

O individualismo considera correto aquilo que satisfaz aos desejos de um indivíduo em particular. Não questiona se o desejo é bom ou mau, e só leva em conta a melhor maneira de obter aquilo que é desejado. Parte da premissa que o homem é fundamentalmente egoísta e que tudo gira em torno dele.

A razão tem seu lugar no individualismo apenas como instrumento operacional. É elemento importante para encontrar a forma através da qual o indivíduo conseguirá o que deseja. Não importa o outro, nem a sociedade. O lema do individualismo é: *eu sou o centro do mundo, e tudo deve ser feito para minha satisfação.*

Ao individualista só importam as questões sociais que lhe dizem respeito e que são úteis para ajudá-los a obter o que querem. Esta posição tem origem na Grécia Antiga e permanece para muitos nos dias de hoje.

O *perfeccionismo* é a base ética das tradições religiosas do ocidente, e postula como referencial uma conduta ética ideal, com a qual deve ser comparada a conduta do

indivíduo. Um ato ético para ser correto deve se ajustar ao comportamento ideal.

O perfeccionismo julga se os desejos do indivíduo são bons ou maus, em relação aos desejos de uma pessoa considerada perfeita. Este ideal, Jesus Cristo, no caso do Cristianismo, é o melhor estado que pode ser atingido pelo homem.

Há uma base para julgar os desejos humanos: o egoísmo é mau e a compaixão é boa. São definidos padrões de comportamento necessariamente bons, que servem para julgar a todos.

O *racionalismo* sustenta que deve ser estabelecida uma regra universal aplicável a todas as situações semelhantes. Um de seus expoentes é o filósofo alemão Imanuel Kant, que estabelece em seu imperativo categórico:

"Age sempre de modo que tua conduta possa sempre ser aplicada como uma máxima.

A razão é o guia ético adequado para o racionalismo. Através dela podemos pensar e construir proposições universais abstratas, e estabelecer modelos de conduta universais. Somente a razão pode conceber regras universais e permitir a cada um reconhecer a regra que deve ser aplicada numa situação. Através destas regras universais poderemos perceber os desejos individuais que devem ou não orientar nossas ações.

Suponhamos que alguém, irritado, tivesse o desejo de maltratar e humilhar uma pessoa porque ela não fez o que ele queria. Numa posição individualista, imediatamente maltrataria e humilharia o outro; numa posição racionalista, colocaria para si a seguinte questão, invertendo os papeis: *gostaria eu se outra pessoa, me maltratasse e me humilhasse? Eu aceitaria sem reagir, se estas ofensas fossem dirigidas a mim?* Obviamente, a resposta seria *"não"*.

Este é o lema do racionalismo ético: *A razão pode estabelecer regras de aplicação universal e somente elas devem guiar nossas ações.*

O racionalismo é uma posição comum na sociedade atual. Quase todos os governos ocidentais estabelecem regras deste tipo ao estipularem normas de conduta para a sociedade.

Uma critica feita ao racionalismo, é que parece haver poucas regras universais que a razão seja capaz de descobrir. Isto implica em que a ética racionalista abrange pequena parte da vida humana real[11]. Outra crítica é que grande parte da humanidade não tem ou não teve oportunidade de desenvolver a razão, pois não freqüenta ou não freqüentou escola.

Em milhões de casos, não foram propiciadas ao indivíduo as condições básicas para que tivesse o desenvolvimento dos neurônios cerebrais que permitissem o desenvolvimento intelectual necessário. O baixo quociente intelectual (QI) é comum na maioria dos paises pobres ou em desenvolvimento .

Há outras limitações para o racionalismo ético: situações em que precisarmos tomar decisões rápidas e estivermos sob a ação de emoções, como raiva e medo. Podemos agir usando apenas a mente emocional. No caso da raiva, a pessoa pode estar completamente descontrolada, sem condições de usar a razão.

EMOÇÃO E ÉTICA

As tradições religiosas ocidentais, o judaísmo e o cristianismo, prescrevem orientações meramente intelectuais aos seus seguidores, na esperança de que a simples compreensão delas implique em praticá-las no dia a dia.

Partem do princípio de que se alguém compreende o sentido e o significado de uma conduta, e o modo de realizá-lo, está automaticamente capacitado para realizar o compreendido. Assumem implicitamente uma posição racionalista, de que o pensamento em si, conduz naturalmente à ação.

Não há evidências que isto seja verdadeiro. A prática de qualquer ação é a culminância de um *ato de vontade,* constituído por seis fases sucessivas, para Assagioli[13]: definição do objetivo a alcançar, deliberação, escolha e decisão, afirmação, planejamento e execução. Estas fases são ligadas entre si e o sucesso de um ato de vontade depende da eficácia de cada uma delas.

Numa primeira etapa há a definição do que fazer, o estabelecimento do objetivo a ser perseguido, e a deliberação da meta preferível dentre as possíveis. Escolhida a meta, é tomada a decisão de executá-la. Segue o planejamento, em que são previstas as ações futuras, e a execução destas ações. Uma das fases mais importantes é a decisão e pesquisas recentes deixam claro que *as emoções interferem no processo de decisão*[15, 17].

A execução de uma ação é influenciada pelas emoções que a pessoa tem. Se quisermos que uma norma de conduta seja praticada, deve ser trabalhada, previamente, a dimensão emocional da pessoa, inclusive suas atitudes emocionais. Para isto ela deve ter consciência de seu universo emocional, e desenvolver a competência de identificar e controlar a expressão de suas emoções.

Pesquisas recentes da psiconeuroimunologia mostram que, embora o impulso emocional tenha origem nos centros límbicos, situados na base e no interior do cérebro, a expressão das emoções é regulada por estruturas situadas no córtex cerebral pré-frontal[16].

Cada lado do córtex pré-frontal lida aparentemente com diferentes reações emocionais - medo e a repulsa, são reguladas pelo lado direito, enquanto os sentimentos positivos, como a felicidade, são reguladas pelo lado esquerdo.

As emoções que sentimos e a maneira com que lidamos com elas são governadas por circuitos neuronais localizados no córtex pré-frontal e por outros circuitos cerebrais interligados.

Segundo Damásio[15], Podemos interferir na fase de decisão do ato de vontade, através do controle das expressões de nossas emoções. As emoções não podem ser mais ignoradas nos raciocínios que formulam teorias sobre a conduta humana.

Como a expressão das emoções pode ser controlada pelo processo de educação emocional, *a Educação*

Emocional pode induzir o surgimento de virtudes no educando. Diretamente, mediante o estímulo de virtudes inatas que ele possua, e indiretamente, através da supressão de expressões emocionais não virtuosas.

Seja a situação de que um jovem que teve um desejo frustrado- alguém lhe tomou a namorada e ele sente o impulso de agredi-lo. Se ele foi emocionalmente educado para controlar seus impulsos e está habituado a conte-los, seguramente não recorrerá ao uso da violência. Terá um comportamento virtuoso, e procurará resolver o conflito de forma não violenta. Sua competência emocional, sua capacidade de controlar as emoções, funcionou como um agente promotor de virtude.

Yearley[11] entende que as virtudes têm como caracteristica de serem corretivas. *A virtude pode corrigir uma dificuldade natural do ser humano*, e pode estimular a capacidade de resistir a uma tentação ou mesmo transformar uma motivação má em boa. Cita o caso da ação corretiva da coragem diante do medo que exista em relação à prática de determinado dever, e a situação em que a tendência ao egoísmo, é corrigido pela compaixão.

Vê-se a importância ética da Educação Emocional. Uma pessoa educada para adquirir competência emocional lidar com seu medo, esta emoção poderá ser trabalhada de modo a facilitar o cumprimento de seus deveres, mesmo quando ela julgar e eles possam trazer-lhe ameaça.

Em relação ao desenvolvimento da compaixão, o Budismo, que há milênios se dedica à educação emocional tem técnicas específicas para desenvolvê-la, como relata o Dalai Lama, na "Arte da Felicidade[8]", Geshe Gyatso[19] em "Caminho Alegre da Boa Fortuna" e Sogyal Rinpoche[20], em "O Livro Tibetano do Viver e do Morrer".

O Autor acredita que pode ser elaborada uma Ética baseada nas Emoções, uma variante do racionalismo, que levaria em conta estes novos conhecimentos. Ela não teria caráter puramente prescritivo intelectual, e seu elemento fundamental de sustentação não seria a razão isolada. A razão prescreveria regras universais de conduta, contemplando as novas conquistas do conhecimento humano e levando em conta a participação das emoções na conduta humana.

A nova ética deve levar em conta a vivência da emoção pela pessoa, e o desenvolvimento de sua capacidade de auto-controle. A pessoa acostumada a controlar as emoções adquire hábitos de auto-controle, que serão introjetados em suas atitudes e comportamentos.

Dizendo de outra forma, a pessoa emocionalmente educada desenvolve um processo de auto-censura e auto-controle em relação a determinadas expressões emocionais de comportamento que não sejam socialmente adequadas. Isto implicará na diminuição do número e do nível de conflitos em sua esfera de atividades: na família, no trabalho, na escola, na igreja, e na sociedade.

Uma pessoa que tiver uma competência emocional adequada terá condições de agir mediante uma ética baseada no respeito à vida, no respeito ao outros seres humanos, na compreensão, solidariedade e compaixão. Na medida em que ela controlar sua raiva, terá menos ódio, será menos agressiva e menos violenta, isto permitirá e aflorarão sentimentos de amor, compaixão, harmonia e paz. A identificação e a abordagem adequada impedirá, que, por ter cedido aos outros, volte sua raiva sobre si mesmo num processo de autodestruição e diminuição de sua auto-estima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DELORS, J. (coord.),*Educação: Um Tesouro a Descobrir*, Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, Brasília, UNESCO/Brasil, 1998.
2. LAO TSE, *Tao Te King*,Pensamento,São Paulo,1990.
3. MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. S.Paulo, Cortez; Brasília,DF, UNESCO, 2000
4. SANTOS,J.O. , Educação Emocional na Escola – a emoção na sala de aula, 2ª ed., Faculdade Castro Alves,Bahia, 2000.
5. SARTRE ,J.P. O existencialismo é um humanismo,Os Pensadores,Ed. Abril Cultural,São Paulo, 1973.
6. KANT, I., Fundamentação da Metafísica dos Costumes, Os Pensadores, Ed Abril Cultural, São Paulo, 1980.
7. SANTOS,J.O. , *Paciência, o antídoto da raiva*, in A Arte de Lidar com a Raiva, Faculdade Castro Alves,Bahia, 2000.
8. DALAI LAMA, Cutler,H.C. , A Arte da Felicidade,Martins Fontes, São Paulo, 2000
9. SANTOS,J.O. , *Pintuição:contribuição ao debate*, in Seminário sobre Intuição, Faculdade Castro Alves,Bahia, 2001.
10. ABAGNANO,N. , *Dicionário de Filosofia*, Mestre Jou, São Paulo , 1982.
11. YEARLEY, L., in , Goleman, D.(coordenador) , *Emoções que Curam* , Rocco, Rio de Janeiro, 1999.
12. SALOVEY,P., Sluyter,J.,*Iteligência Emocional na Criança*,Campus,Rio de Janeiro,1999.
13. DALAI LAMA, Cutler,H.C. , A Arte da Felicidade, Martins Fontes, São Paulo, 2000
14. ASSAGIOLI,R.,*O Ato da Vontade*,Cultrix,São Paulo,1993.
15. GOLEMAN,D., *Inteligência Emocional*, Ática,São Paulo, 1996.
16. DAMÁSIO,A.R,*O Erro de Descartes*, Companhia das Letras,São Paulo,2000.
17. SARON,C.,Davidson,R.J., in Yearley,L., Goleman,D., *Emoções que Curam*, Rocco, Rio de Janeiro, 1999.
18. GYLLEY,K., *A Alquimia do Medo*,Ed. Cultrix, São Paulo, 1999.
20. STEINER, C. , *Educação Emocional*, Objetiva, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1998.
21. GESHE ,G., *Caminho Alegre da Boa Fortuna*, Tharpa Brasil,São Paulo, 1999.
22. RINPOCHE, S., *O Livro Tibetano do Viver e do Morrer*,Talento, 2ª ed. São Paulo, 1999.

A Educação no Terceiro Milênio e a Responsabilidade do Professor

Zilma Parente de Barros*

Ao longo de toda a sua existência, as instituições educacionais de ensino superior – especialmente as Universidades e, mais recentemente, também os Centros Universitários – vêm procurando cumprir – ora com maior, ora com menor intensidade, abrangência e competência – as duas funções que lhe foram atribuídas, desde a sua origem: a de transmitirem às novas gerações, através do ensino, o saber acumulado pelas gerações anteriores e a de contribuírem, elas próprias, através do estudo e da pesquisa, para a ampliação desse acervo de conhecimentos.

A essas duas funções originais, acrescentou-se, bem mais recentemente, a chamada função de extensão, através da qual as instituições de educação superior passaram a estender à comunidade em que estão inseridas, sob diferentes modalidades, os resultados das atividades de ensino e de pesquisa que nelas são desenvolvidas.

Segundo o Professor David Thornbourg[1], do Center for Professional Development, em San Carlos, na Califórnia, *"quando se anda na velocidade da luz, não se usa retrovisor, senão se corre o risco de ser atropelado"*.

O enorme desafio que se coloca hoje, diante das instituições de educação superior, é o de não se deixarem atropelar pela velocidade das transformações, pelo avanço das novas descobertas, pela ampliação e redirecionamento dos campos de conhecimento, pelo aparecimento de novos saberes, pelos fantásticos e inimagináveis caminhos que a tecnologia abre para o ser humano.

De acordo com o mesmo autor[2], a afirmação de São Tomé *"ver para crer"* está sendo substituída pela teoria do *"crer para ver"*, ou seja, *"o homem tem a ilimitada capacidade de imaginar, de descobrir novos caminhos,(...) de pensar sobre o pensar, que lhe permite, sempre, a própria superação"*.

Não bastará, porém, às instituições de educação superior fazerem o esforço supremo de caminharem na velocidade da luz. O que se espera delas é uma missão quase impossível: mais do que se superarem para acompanhar o ritmo avassalador das transformações constantes, convivendo, dentro do seu próprio espaço, com a transitoriedade de toda e qualquer "verdade", elas precisam, para legitimarem seu papel na sociedade contemporânea, ser agentes efetivos desse desenfreado processo de mudança e de avanço, conseqüência da ilimitada capacidade humana de criar e recriar.

Para sobreviverem como instituições necessárias ao desenvolvimento da humanidade, terão que se adaptar para enfrentar , com sucesso, o atual cenário mundial, que se caracteriza por mudanças radicais, que ocorrem com uma velocidade espantosa.

Como bem relatou o Professor Arthur Roquete de Macedo[3], esse cenário de mudança é caracterizado por três processos fundamentais:

1) a globalização;
2) a inovação tecnológica acelerada;
3) a disseminação das tecnologias de informação.

Foram esses processos que determinaram o surgimento da Era do Conhecimento e a revalorização das Instituições de Ensino e Pesquisa.

Vamos prosseguir, citando o Professor Arthur Roquete de Macedo:

"A mais importante e principal marca da globalização neste cenário é a interdependência planetária da quase totalidade dos processos sócio-econômicos. Hoje, são bem conhecidas as conseqüências desse processo, dentre elas a séria ameaça à diversidade cultural e ao desenvolvimento econômico.(...). A globalização, de fato, ao lado dos avanços que tem proporcionado em vários setores do conhecimento, tem trazido uma forte contribuição negativa, cujo resultado é o agravamento da desigualdade social e a perda da identidade regional.

A Inovação Tecnológica acelerada é a responsável pelo avanço na área das comunicações e pela geração de novos produtos, que, a cada dia, invadem as nossas vidas e transformam o nosso cotidiano. No entanto, a inovação tecnológica (...) nem sempre se desenvolve priorizando o desenvolvimento econômico e social com sustentabilidade. Sem dúvida, a transformação que propicia o bem-estar pode gerar, também, desigualdade, dado que o acesso à inovação não é universalizado.

(...) A disseminação da informação é o fator primordial desse cenário mundial globalizado e exposto à explosão tecnológica. Os desafios que já foram vencidos na curta existência das facilidades oferecidas pelos sistemas de computação são pequenos quando comparados com o que há ainda por fazer, para fazer e por desenvolver. A internet ao permitir o acesso rápido a todo e qualquer tipo de informação, é um poderoso instrumento de comunicação, informação, educação e oferta de serviços Torná-la acessível às pessoas independentemente da sua condição sócio-econômica e do universo no qual estão inseridas é o grande desafio[4]". (...)

As mudanças estruturais que vêm ocorrendo, nas últimas décadas, no ambiente internacional, também

* Professora da Universidade Federal da Bahia, ex-membro do Conselho Federal de Educação.

repercutiram em nosso País, onde as instituições educacionais vêm resistindo a alinhar-se a essa nova ordem mundial, continuando a atuar de acordo com velhos paradigmas. Segundo o Professor Luiz Carlos Scavarda do Carmo[5], da PUC/Rio, para não correrem o risco de perder a sua relevância, como organização social, *"as instituições educacionais brasileiras precisam gerar e interpretar a cultura pós-moderna e repensar, urgentemente, os seus processos de capacitação de pessoal para atender ao novo perfil do profissional do terceiro milênio"* que é assim por ele sintetizado:

- Larga base cultural;
- Autodidatismo;
- Interesse em assuntos gerais;
- Visão de tendências sociais e de mercado;
- "Problem Solver"
- Espírito empreendedor;
- Ética nas atitudes.

Preocupados com essa realidade, estudiosos de diferentes países vêm, nos últimos anos, discutindo a questão e refletindo sobre os novos rumos da educação superior, suas principais tendências e os desafios a que deve responder.

No "Documento de Política para el Cambio y el Desarrollo en la Educación Superior", elaborado após a 27ª Reunião da Conferência Geral da UNESCO, ocorrida em 1993, além de mostrar como as transformações econômicas, sociais e políticas que vinham ocorrendo em diversos países vinham afetando as atividades das instituições de ensino superior, também apontava os seguintes fatores internos que passaram a interferir, diretamente, nas atividades de pesquisa e na reorganização do ensino superior:

- Imenso progresso da ciência que tem estimulado o desenvolvimento de novas disciplinas acadêmicas e a sua diversificação;
- A crescente consciência da necessidade de fomentar os procedimentos e métodos interdisciplinares e multidisciplinares de ensino, formação profissional e pesquisa;
- O rápido desenvolvimento das novas técnicas de informação e comunicação e suas aplicações, cada vez mais numerosas, nas diversas funções e necessidades da educação superior.

Data de 1998 a publicação das Edições UNESCO Brasil, intitulada Educação: um tesouro a descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI[6], documento que ficou conhecido como o Relatório Delors, nome de seu coordenador (Jacques Delors).

Dentre as teses defendidas nesse importante documento, ressalta o estabelecimento dos quatro pilares da educação contemporânea:

- Aprender a ser;
- Aprender a fazer;
- Aprender a conviver;
- Aprender a conhecer.

Posteriormente, em 1999, a UNESCO solicitou a Edgar Morin que sistematizasse um conjunto de reflexões que servissem de ponto de partida para se repensar a educação do terceiro milênio.

Foi, portanto, com o objetivo de aprofundar a visão transdisciplinar da educação que Edgar Morin escreveu "Os sete saberes indispensáveis à educação do futuro[7]", que constituem eixos e, ao mesmo tempo, caminhos que se abrem a todos os que pensam e fazem educação, como afirma o representante da UNESCO no Brasil, Jorge Werthein[8], na apresentação da edição brasileira da referida obra.

Como diz Morin[9], *"as ciências permitiram que compreendêssemos muitas certezas. No entanto, elas também ajudaram a revelar as zonas de incertezas. Dessa forma, as políticas educacionais precisam converter-se em um instrumento que conduza o estudante a um diálogo criativo com as dúvidas e interrogações do nosso tempo, condição necessária para uma formação cidadã. Não se pode mais ignorar a urgência de universalização da cidadania que, por sua vez, requer uma nova ética e, por conseguinte, uma escola de educação e cidadania para todos"*.

Vejamos quais são os sete saberes enunciados por Morin:

1. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão;
2. Os princípios do conhecimento pertinente;
3. Ensinar a condição humana;
4. Ensinar a identidade terrena;
5. Enfrentar as incertezas;
6. Ensinar a compreensão;
7. A ética do gênero humano.

Procuraremos, a seguir, sintetizar o pensamento de Morin, utilizando, no máximo possível, suas próprias palavras, para elucidar cada um dos saberes por ele apontados.

1. AS CEGUEIRAS DO CONHECIMENTO: O ERRO E A ILUSÃO

A educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão. (...) O conhecimento não é um espelho das coisas do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais, captados e decodificados pelos sentidos.(...) Ao erro de percepção acrescenta-se o erro intelectual. O conhecimento, sob forma de palavra, de idéia, de teoria, é o fruto de uma tradução / reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro. Esse conhecimento, ao mesmo tempo tradução e reconstrução, comporta a interpretação, o que introduz o risco do erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão de mundo e de seus princípios de conhecimento. (...) É necessário introduzir e desenvolver na educação o estudo das características cerebrais, mentais, culturais dos conhecimentos humanos, de seus processos e modalidades, das disposições tanto psíquicas quanto culturais que o conduzem ao erro e à ilusão.

2. OS PRINCÍPIOS DO CONHECIMENTO PERTINENTE

Deve-se promover o conhecimento que permita apreender o global, sem a supremacia do fragmentado, em disciplinas que não vinculam as partes e o todo. Os objetos do conhecimento devem ser apreendidos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto. É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.

3. ENSINAR A CONDIÇÃO HUMANA

O ser humano é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Essa unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tornando-se impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos.

4. ENSINAR A IDENTIDADE TERRENA

O destino planetário do gênero humano é outra realidade-chave até agora ignorada pela educação. O conhecimento dos desenvolvimentos da era planetária, que tendem a crescer no século XXI e o reconhecimento da identidade terrena, que se tornará cada vez mais indispensável a cada um e a todos, devem converter-se em um dos principais objetos da educação. (...) A educação deverá mostrar que todos os seres humanos, confrontados, de agora em diante, aos mesmos problemas de vida e de morte, partilham um destino comum.

5. ENFRENTAR AS INCERTEZAS

A educação deveria incluir o ensino das incertezas que vêm surgindo nas ciências físicas, nas ciências biológicas e nas ciências históricas, preparando as mentes dos educandos para esperar o inesperado e enfrentar o imprevisto. (...) É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas, em meio a arquipélagos de certezas.(...) É necessário que todos os que se ocupam da educação constituam a vanguarda ante as incertezas de nossos tempos.

6. ENSINAR A COMPREENSÃO

A compreensão é, a um só tempo, meio e fim da comunicação humana. Entretanto, a educação para a compreensão está ausente do ensino, devendo constituir-se na grande tarefa da educação do futuro.(...) A compreensão mútua entre os seres humanos, quer próximos, quer estranhos, é, daqui para a frente, vital para que as relações humanas saiam de seu estado bárbaro de incompreensão.(...) Daí decorre a necessidade de estudar a incompreensão a partir de suas raízes, suas modalidades e seus efeitos, enfocando-se não os sintomas, mas as causas, por exemplo, do racismo, da xenofobia, do desprezo. Constituiria, ao mesmo tempo, uma das bases mais seguras para a educação para a paz, à qual estamos ligados por essência e por vocação.

7. A ÉTICA DO GÊNERO HUMANO

A educação deve conduzir à "antropo-ética", levando em conta o caráter ternário do ser humano que é, ao mesmo tempo, indivíduo, sociedade, espécie. (...) A ética não deve ser ensinada por meio de lições de moral. Deve-se formar nas mentes dos educandos com base na consciência dessa tríplice condição. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana. (...) Partindo dessa concepção, configuram-se as duas grandes finalidades ético-políticas do novo milênio: estabelecer uma relação de controle mútuo entre a sociedade e os indivíduos pela Democracia e entender a Humanidade como Comunidade Planetária. A educação deve contribuir não somente para a tomada de consciência de nossa Terra-Pátria, mas, também, permitir que essa consciência se traduza em vontade de realizar a cidadania terrena.

O rápido panorama que acabamos de apresentar, enriquecido com as reflexões de Edgar Morin sobre as necessidades da educação do futuro, conduz-nos à questão fundamental que deve anteceder qualquer processo de planejamento: a necessidade de refletirmos sobre a adoção, urgente e inadiável, de novos paradigmas para a educação.

A escola – entendida, aqui, como instituição educacional de qualquer nível de ensino – tem sido muito resistente à mudança e, por conseguinte, à incorporação de inovações, continuando a atuar de acordo com os antigos paradigmas. Portanto, para ser moderna e contemporânea, precisa modificar, radicalmente, os procedimentos que vem

utilizando, sob pena de continuar sendo **a mera reprodução do arcaico, do obsoleto, do "déjà vu"** e, assim, uma instituição superada, irrelevante e sem razão de existir. Muitas vezes, as pessoas chegam a perceber que precisam mudar, mas não conseguem superar velhos procedimentos, profundamente arraigados na sua vida.

Essa necessária revolução começa por um processo de sensibilização do seu corpo diretivo, docente e técnico-administrativo, para que **todos, absolutamente todos,** venham a estar conscientes dos seus novos papéis.

Especialmente o professor precisa entender e aceitar que o processo é de **ensino-aprendizagem** e que, portanto, não existirá **ensino** quando não houver **aprendizagem.** No novo paradigma, o professor é o **líder** desse processo, **um animador e facilitador da aprendizagem** e a sua função mais importante é **levar o aluno a aprender**. A própria etimologia do verbo educar leva-nos a essa compreensão: significa, em latim, **ex ducere**, ou seja, conduzir para fora, ou, como dissemos anteriormente, **ajudar o aluno a extrair, de dentro de si, seu potencial para aprender novos conhecimentos.**

Em recente entrevista concedida ao Jornal do Brasil e divulgada posteriormente na publicação **"Idéia 3"**, o Professor Frederic Litto, idealizador e coordenador do projeto **"Escola do Futuro"** da Universidade de São Paulo, desde 1989, tece considerações importantes e pertinentes sobre essa questão:

> *(...) "as novas tecnologias de comunicação são caracterizadas* ***pela interatividade, pela individualização da aprendizagem****, pela* ***assincronia, pela capacidade de simular eventos do mundo real e do imaginário****; ao mesmo tempo, deverá haver total mudança no* ***papel do professor que, ao passar às tecnologias de informação a responsabilidade de entrega do conhecimento, se libera para ser mais um guia do aluno, um conselheiro, um parceiro na procura da informação e da verdade, aumentando a participação ativa do aluno*** *(...) Daqui para frente,* ***a aprendizagem permanente*** *é uma* ***tarefa constante*** *na vida profissional e pessoal de todos, cabendo à escola capacitar o aluno para isso".*

O verdadeiro sujeito do processo ensino-apendizagem é, portanto, o aluno e este precisa ser considerado na sua individualidade, ou seja, nos tipos de inteligência que nele predominam, suas vivências e experiências anteriores de aprendizagem e de trabalho.

A propósito, vale lembrar as conclusões a que chegou Howard Gardner[10], psicólogo da Universidade de Harvard, criador e divulgador do conceito de ***"inteligências múltiplas"****, que rejeitou a utilização do* ***Q.I.*** *–quociente intelectual - como único parâmetro de avaliação da inteligência humana.*

De fato, como bem esclareceu Santos[11], "o QI é medido através da aplicação de diversos testes psicológicos referentes à percepção, conhecimento, memorização e interpretação de informações, resultando um escore global único para avaliação da pessoa analisada. Inconformado com as limitações conceituais do QI, Gardner contestou-o, argumentando que as pessoas não possuem um único tipo de inteligência, mas sim, um conjunto de aptidões e habilidades, que devem ser consideradas isoladamente. Chamou-as de Múltiplas Inteligências, no seu livro "Frames of Mind", de 1983, ampliado e reeditado em 1993, com o título "Multiple Intelligence. The Theory in Practice[12]".

Para Gardner, nas pessoas podem existir diferentes modalidades de inteligência, tais como:

- *Inteligência linguística*
- *Inteligência lógica/matemática*
- *Inteligência cinestésica*
- *Inteligência musical*
- *Inteligência visual/espacial*
- *Inteligência interpessoal*
- *Inteligência intrapessoal ou intuitiva.*

O Professor Litto é enfático ao destacar que o professor precisa reconhecer que cada aluno é diferente dos outros não apenas nas suas impressões digitais, mas, também, no seu "estilo cognitivo", devendo, por conseguinte, receber uma educação "sob medida". E conclui: "A grande contribuição do computador e seus periféricos na sala de aula é, exatamente, o apoio ao professor na individualização da aprendizagem".

Como se pode verificar, o cenário futuro para a educação é, na verdade, o resgate da aprendizagem, de forma que as pessoas desenvolvam, ao máximo, suas potencialidades, em vez de serem apenas adestradas em habilidades já ultrapassadas da sociedade industrial. Depois de incorporarem o paradigma do ***aprender fazendo*** *- através do qual as instituições educacionais modificaram sua metodologia de trabalho junto aos alunos, trazendo para dentro do seu próprio espaço a ambiência profissional, introduzindo os educandos na prática da carreira escolhida, ao longo de todo o curso e não apenas no seu final, com o chamado estágio curricular – chegou a vez de virem, também, a introduzir o novo paradigma do* ***aprender percebendo e do aprender sentindo,*** *para o qual os estudos sobre a inteligência emocional muito têm a contribuir.*

Já saímos da era industrial e da visão mecanicista do mundo, mas nossas escolas continuam a atuar de forma fragmentária, dividindo o conhecimento em disciplinas estanques, que apenas se justapõem, sem qualquer preocupação de integração, quando nas instituições mais progressistas há muito se vem praticando a interdisciplinaridade e até mesmo a transdisciplinaridade, segundo o conceito de Pierre Weil[13].

Nossos alunos concluem seu curso superior com essa visão fragmentária e com uma formação técnica especializada, baseada em tecnologias facilmente ultrapassáveis.

Não podemos esquecer que estamos vivendo na Era da Informação e ainda que existam os que preguem a destruição dos computadores e de todas as máquinas – os chamados ***neoluditas*** *– a presença das novas tecnologias de informação é uma imposição no mundo de hoje e não pode estar ausente das práticas acadêmicas.*

Sintetizando o que até agora vem sendo apresentado, poderíamos afirmar que os novos paradigmas da educação se baseiam nos seguintes princípios:

- *A educação é global e sistêmica, seu foco está na visão do todo e na integração das partes;*
- *A educação privilegia a aquisição de novos referenciais – não de conhecimentos específicos - e competências que desenvolvam a capacidade de pensar, criar, decidir, agir com autonomia e adaptar-se às mudanças;*
- *O foco não está mais na transmissão de informações, mas, sim, na busca e construção do conhecimento, que leva o educando a desenvolver alto nível de competências duradouras;*
- *A educação não se limita ao campo cognitivo; precisa, igualmente, contribuir para o desenvolvimento de aptidões e habilidades que levam o educando a relacionar-se com os outros de forma adequada e a ter capacidade de discernir e responder devidamente aos estados de espírito, temperamento, motivação e desejos próprios e de outras pessoas;*
- *A nova educação não separa a teoria da prática; aprende-se de forma contínua, no fazer acontecer do dia a dia;*
- *A educação é um processo permanente que acompanha o indivíduo ao longo da sua existência.*

Finalmente, gostaríamos de ressaltar que é fundamental, durante o processo de capacitação profissional, que alunos e professores possam estar engajados nas grandes questões da atualidade e que possam mesmo participar de movimentos universais em prol, por exemplo, da preservação do meio ambiente, da saúde, do trabalho, da paz.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Citado por Gissoni, Heloisa. Na velocidade da luz não se usa retrovisor Enfoque Castelo Branco, Rio, ano IV, nº 8, fev/93, p.16.
2. _____, idem, p.15.
3. MACEDO, Arthur Roquete. Adaptação a um Cenário de Mudança. IIº Fórum Nacional: Ensino Superior Brasileiro. São Paulo, 22/24 de outubro de 2000.
4. _____, idem.
5. SCAVARDA do Carmo, Luiz Carlos. Alternativas de atendimento de demanda por formação profissional para o século XXI. X SENUBRAS. Belém, Pará, Universidade da Amazônia, 10/12 out/1995.
6. DELORS, Jacques (coord.). Educação: Um Tesouro a Descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. Brasília, UNESCO/Brasil, 1998.
7. MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. S.Paulo, Cortez; Brasília,DF, UNESCO, 2000
8. WERTHEIN, Jorge. Apresentação da Edição Brasileira. In: MORIN, Edgar, op.cit.
9. MORIN, Edgar. Op.cit.
10. GARDNER, H. Multiple Intelligence. The Theory in Practice. New York, Basic Books, 1993.
11. SANTOS, J. Educação Emocional na Escola. Salvador, Faculdade Castro Alves,2000, 2ª. Ed.
12. GARDNER, H. idem.
13. WEIL, Pierre; CREMA, R. Rumo à Nova Transdisciplinaridade. São Paulo, Summus,1993.

REVOLUÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Alírio de Souza*

Uma verdadeira revolução na educação superior no Brasil foi desencadeada pela lei 9394/96, em seu artigo 45, ao estabelecer que "*a educação superior será ministrada em instituições de ensino superior, públicas ou privadas, com variados graus de abrangência ou especialização*", permitindo o surgimento da instituição de educação superior com características empresariais.

A tradição brasileira trazia o estado como o alavancador da educação superior, fato esse preponderante até a década de 1990, quando universidades federais e estaduais despontavam como o grande serviço prestado à população.

Impende dizer da existência de instituições de educação superior de natureza privada, religiosas ou laicas, mas, regulamentadas sob a forma de associações ou de fundações, ressaltando-se sempre a finalidade não-lucrativa da educação superior, lobrigando como objetivo primeiro e único o interesse do País. E o direito brasileiro inovou criando, a essa época, a figura distorcida da "fundação de direito público".

Na educação superior brasileira podemos vislumbrar alguns momentos históricos, cujo primeiro deles, sem sombra de dúvida é o surgimento em nosso meio, no século XIX das primeiras faculdades. Um segundo momento histórico é a criação da universidade, em 1922, e sua posterior organização. Um terceiro momento seria observado em 1935 com a criação da Universidade do Distrito Federal, quando Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Hermes Lima e outros devotados, tentaram implantar no país os princípios que nortearam o início de uma revolução maior na educação superior, a reforma da Universidade de Berlim, em 1810, privilegiando a pós-graduação e conseqüentemente a pesquisa, implantando os créditos acadêmicos e a escolha pelo aluno, de áreas do conhecimento como seu objeto de estudo. A Universidade do Distrito Federal morreu no nascedouro, engolfada pelo turbilhão político de nossa imaturidade institucional.

Um quarto momento histórico foi a criação da universidade pública Fundação Universidade de Brasília, onde outra vez o sonhador Anísio Teixeira, cicatrizado da antiga mágoa de 1935, tentava reformar a educação superior no país, pela criação de uma instituição que privilegiasse a pós-graduação e a pesquisa. Apesar do apoio do então Ministro da Educação, seu antigo aluno Darci Ribeiro, Anísio Teixeira não conseguiu. De novo a imaturidade política de nossas instituições matou, não a universidade de Brasília, que se tornou uma qualquer, matou o projeto que a diferençava e deveria colocá-la como vanguarda, como modelo de transformação qualitativa em educação superior que se esboçava propor ao País. (1)

Um quinto momento, também testemunhado por Anísio Teixeira, é a reforma da educação superior patrocinada pelos Decretos Leis 53, de 18/11/1966 e 252, de 28/2/1967, onde o velho mestre, numa sábia análise, disse aos legisladores da CPI em que depunha, com surpresa e ironia, que os princípios combatidos em 1935, e também em 1965, com o sepultamento do projeto original da Universidade de Brasília, agora chegavam por decreto (2).

Sexto é o momento abordado nesta análise, o surgimento da instituição de educação superior em moldes empresariais, um desafio à competência, cujo modelo ideal será por certo o resultado da fusão de dois ideais situados até então em campos diferenciados do interesse humano: a melhor universidade sob o modelo da melhor empresa. Ou ainda, de como reunir ou unificar numa única instituição objetivos antes até incompatíveis, o serviço e o lucro.

Há vários modelos de universidade. No Brasil, o modelo proposto prevê a indissociabilidade institucional do ensino, da pesquisa e da extensão. Essa proposição faz a idéia brasileira de universidade, ainda por ser desenvolvida em sua plenitude, aproximar-se mais do atual modelo norte-americano, especificamente a multiversidade, conforme descrita, por Clark Kerr (3).

Por outro lado, várias são as formas de organizarem-se as empresas: firma individual, sociedade por quotas de responsabilidade limitada, sociedade anônima, dentre outras, o que possivelmente permitirá a opção pelo modelo mais apropriado para a novidade.

Entretanto, enquanto as empresas têm objetivos e metas bastante claros e estruturam-se para alcançá-los, universidades e conseqüentemente centros de educação superior, faculdades integradas e faculdades isoladas, genericamente têm objetivos vagos ou ambíguos, e necessitam de elaborar processos de decisão para gerenciar um alto grau de incerteza e conflito. Responder qual o objetivo de uma instituição de educação superior é uma tarefa difícil porque a lista de respostas pode tornar-se longa, a saber, ensinar, pesquisar, prestar serviço, administrar instalações científicas, apoiar as artes, buscar soluções para problemas sociais, etc. (4). Dada essa ambigüidade ou multiplicidade de objetivos, é difícil para instituições de educação superior rejeitar novos objetivos, quando

* Doutor em Educação Superior e Presidente da Academia Baiana de Educação

demandados. Daí raramente terem uma única missão e estão sempre tentando atender a todas as pessoas.

Por outro lado, tanto as empresas quanto as universidades são, funcional e estruturalmente, organizações. E as organizações diferenciam-se de maneira variada porque têm diferentes tipos de clientes, lidam com diferentes tecnologias, empregam pessoas com diferentes habilidades, possuem diferentes estruturas e estilo de administração e relacionam-se diferentemente com o ambiente externo. (5)

A própria Lei 9394/96 contribui para aumentar nossa preocupação ao listar longamente o que espera da instituição de educação superior, especialmente da universidade. Dispensamo-nos de reproduzir o Art. 43, cujo "*caput*" reza, "*a educação superior tem por finalidade*" e, em sete incisos, deita princípios que devem, obrigatoriamente, nortear as atividades da educação superior. São atividades de ensino, pesquisa e extensão, a cargo da imaginação institucional e da competição sadia que se implantará entre as várias instituições. A Lei trata do que fazer, cada instituição verá como fazer.

Como estamos nos aproximando do final dessa rápida análise, queremos deixar claro que não somos contra a universidade empresa. Ela apenas nos deixou surpreso, pelas razões que expusemos e continuaremos a expor.

Primeiro, como conciliar o lucro necessário à continuidade de qualquer empresa, com a idéia de missão que permeia a atividade universitária.

Segundo, conforme já apontamos, o modelo tido como melhor para o Brasil, aproxima-se mais do modelo norte–americano, do que de outros conhecidos, como o modelo russo, o francês ou o inglês, conforme descritos por Drèze e Debelle em Concepções de Universidades (6). Naquele modelo norte–americano, as instituições de educação superior são todas fundações. O país mais capitalista do mundo vislumbrou que sem educação superior, jamais seria a grande potência mundial que é. Todavia, apesar desse reconhecimento, não há naquele país uma única universidade empresa. A educação superior continua, lá, um serviço à comunidade, uma atividade fundacional, apesar de muitas vezes tais universidades terem sido criadas por empresários como Stanford ou John Hopkins.

Um outro aspecto deve ser visto dentro desta ótica de que o modelo brasileiro tende a aproximar-se mais do modelo norte-americano que de qualquer outro. É a questão do orçamento da instituição. No orçamento da universidade norte–americana estão previstos gastos com ensino, pesquisa e extensão, assim como estão previstos os recursos e a fonte originadora deles. Da mensalidade dos alunos as instituições receberão um valor que variará de 10 a 40% de seu orçamento. O restante será coberto com pesquisas, serviços vendidos a particulares e a instituições oficias, registro de patentes, e subvenções oficiais para as chamadas universidades públicas, como as "State Universities", etc...

E um terceiro aspecto também tem que ser abordado: o papel do administrador. O reitor de uma universidade norte-americana, lá chamado de presidente, geralmente administra "para fora". É sempre alguém buscando recursos para a instituição, na luta para equilibrar o orçamento. A administração interna é coordenada pelo vice–reitor. Daí figuras de prestígio, como o general Dwight Eisenhower e seu irmão Milton Eisenhower, terem sido presidentes de universidades famosas.

Essa nossa racionalização deve ser encarada como um "marco zero" de uma reflexão sobre a novel instituição de educação superior-empresa. Sabe-se que várias foram as razões para admiti-la, inclusive a necessidade de ampliar-se a oferta de vagas em educação superior, tristemente estagnadas em um patamar que comprometia qualquer processo de desenvolvimento econômico e social do país. É uma tentativa de alavancar-se a participação social na educação superior para níveis compatíveis com os de outros países, inclusive da América do Sul, em relação aos quais estamos em considerável atraso.

É cedo para qualquer pesquisa, assim como será temerário dizer agora do acerto ou do erro da medida. O tempo, senhor da razão, com certeza dirá, daqui a uns cinqüenta anos. Como não estaremos lá, vivamos nossos presentes papéis.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Favero, M.L. e Britto, Jader de M. (organizadores) – Educação e Universidade, Anisio Teixeira, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1988.
2. Favero, M.L. e Britto, Jader de M. ,op. cit. págs. 90 e 140/141.
3. Kerr, Clark – The Uses Of The University, Cambridge,Massachusetts, Harvard University Press, 1972
4. Riley, G.L> , Baldridge, J.V – Governing Academic Organizations , Berkeley,California. McCutchan Publishing Co,1977
5. Riley, G.L., Baldridge, J.V. op. cit., p. 3.
6. DREZE e DEBELLE – Concepções de Universidades, Fortaleza/Ceará, Editora UFC, 1983.

Mensagem de Despedida Ao Prof. Dr. José Maria Magalhães Neto

Thomaz Cruz*

Esta fala de despedida é para mim dolorida e honrosa. Mais dolorida, por se tratar de alguém que vai fazer uma falta enorme como amigo, mais triplamente honrosa porque ela é uma missão para qual incumbiram, tanto a Universidade Federal da Bahia, quanto a sua gloriosa Faculdade de Medicina e a Academia de Medicina da Bahia, enlutadas pelo desaparecimento precoce e súbito de um dos seus luminares.

Antes de tudo é uma mensagem absolutamente sincera. Não se deve engrandecer os mortos apenas porque se foram. Mas neste momento, Professor Doutor José Maria de Magalhães Netto, emérito por todos os méritos da UFBA e confrade dileto da Academia, bastar-me-ia lembrar, e sei que lhe comprazeria, porque sempre apreciamos repetir Fernando Antônio de Nogueira Pessoa, uma ode de um de seus heterônimos ou alteregos, o médico Ricardo Reis. Há exatos dez anos pronunciamos este conselho em diferentes oportunidades, você na homenagem que lhe prestaram quando de sua aposentadoria, eu na minha posse na Academia de Medicina da Bahia:

"Para ser grande, sê inteiro; nada teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes:

Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive".

Profissional de escol, suas mão trouxeram à vida muitos dos presentes a este adeus. Professor titular de duas escolas médicas, foi na sua idolatrada escolar mater, chefe de departamento, Diretor da Maternidade Climério de Oliveira, Diretor da FAMED da UFBA. Exerceu estes cargos com competência, habilidade e dedicação. Seguiu, como costumava dizer, e bem, os passos do seu querido pai e modelo, nosso saudoso Mestre de Higiene, o Prof. Dr. Francisco Peixoto de Magalhães Netto, que hoje lhe deve estar recebendo comovido na mansão dos eleitos.

Fui, com muito orgulho, como você mesmo costumava chamar-me, seu assistente-voluntário, apenas porque ministrava as aulas de Diabetes e Gravidez, por você compartilhadas, você que fazia questão de participar ativamente de todo curso teórico da Disciplina de Obstetrícia, mesmo sendo o Mestre, o Chefe.

Diretor da Maternidade Climério de Oliveira, como o foi a da Maternidade Tsyla Balbino, sempre presente, ativo e combativo, batalhando pela melhora das instalações e da produção científica.

Diretor da Faculdade de Medicina, não será nunca pouco louvar seus esforços em prol da reforma física da vetusta sede do Terreiro, à qual você deu o impulso inicial, que não parou mais depois. A transformação do prédio inclusive em Memorial da Medicina Brasileira foi idéia sua, concretizada durante a minha gestão como Diretor da Faculdade, mas desde seu mandato trabalhada.

A você, Prof. José Maria todos estes louros.

Quando Diretor, fiz questão de reviver o Conselho do Memorial, por você criado para discutir projetos, desígnios, meios de consecução de verbas para a renovação do edifício-mãe da Faculdade, órgão onde se decidiu, que o prédio, restaurado, deveria servir à Faculdade de Medicina da Bahia, decisão depois confirmada pela Congregação da mesma.

Conservador que era, você foi o mais liberal dos Diretores, como os componentes do seu Conselho Departamental reconheciam e apregoavam à época.

Seu amor pela Faculdade era tanto que, enquanto Diretor fui, tive que eventualmente conter seu entusiasmo, que não permitia dúvidas, hesitações nem fracassos. Nunca o olvidarei em pleno telhado do Pavilhão Magalhães Netto, cumprindo seu dever de componente de uma comissão de averiguação dos reparos necessários à abertura do prédio de ambulatórios especializados, exemplo e orgulho para o Norte e Nordeste do Brasil. Esta solene casa, hoje entristecida, ter-se-ia orgulhado de você, se a tivesse comandado.

Professor José Maria, você foi, como aconselhou Ricardo Reis, inteiro, íntegro e batalhador. Em controvérsias, sempre ouviu. Aceitou que se divergisse, soube voltar atrás quando reconhecia a razão de quem não concordava. Vi-o se desculpar. Sincero. Um destes homens que se admirava por ser todo em cada coisa. Quando gostava e quando não gostava. Brilhou, porque embora vivendo no alto, desceu quando necessário. Solícito e disponível para atender aos seus pares, professores, bem como do mais humilde funcionário ao mais tímido estudante. Levou para o alto aqueles a quem confiava. Foi amigo.

Disse um cliente e amigo, meu poeta predileto, Vinícius de Moraes: "e às vezes quando os procuro, noto que eles (os amigos) não têm noção de como me são necessários, de como são indispensáveis para meu equilíbrio vital, porque eles fazem parte do mundo que eu, tremulamente, construí e se tornaram alicerces de meu encanto pela vida... a gente não faz amigos, reconhece-os".

* Professor Adjunto, Livre Docente e ex-Diretor Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia

Já disse de minha admiração pelas realizações do Mestre, Chefe, do Líder.

Não posso encerrar esta mensagem senão penetrando no plano pessoal.

Zezito, você deixa esta vida em seu lar, nos braços de sua companheira e inspiração.

Morte gloriosa, em plena atividade profissional, realizado.

Morte digna, sem estar preso a fios e penetrado por tubos, na solidão de uma Unidade de Terapia Intensiva.

A lembrança mais viva que eu me proponho a guardar de você não é somente a do professor, do colega, do diretor, do examinador, do confrade, mas sobretudo do amigo, numa noite de janeiro passado, debaixo das estrelas a quem você sempre se referia em seus discursos mais comovidos: cantando, aquela voz firme embeleza pela maviosidade do canto de Zizi, um momento perene de alegria genuína, em plena serenata.

A voz entoada, o sorriso espontâneo, os invejáveis passos de dança, o abraço sincero permanecerão conosco tanto quanto seus feitos e realizações, inesquecíveis, como serão também seu conhecimento científico apreciável, sua cultura refinada, seu humor sutil e às vezes mordaz de epigramista como seu pai, mas sua solidariedade humana e seu interesse em ajudar clientes, amigos, e todos que o procurassem.

Por isso tudo, a lembrança de você Zezito, ocupará sempre um lugar especial em nossa memória.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PROF. EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA AO RECEBER O TÍTULO DE EDUCADOR DO ANO DE 1988

Expresso o meu reconhecimento a Leda Jesuino dos Santos pela iniciativa da proposta e pela palavra que envolveu a entrega do diploma. Gratifica-me, soberanamente, a Academia Baiana de Educação pela concessão do prêmio Educador do Ano de 1998 e somente hoje, 22 de agosto de 2001, efetivado. Obrigado a Leda, aos confrades e ao grêmio.

Tenho sincero apreço por esse reconhecimento. Fui escolhido por colegas professores, companheiros de outras jornadas que nos reencontramos como confrades, nesta Companhia. É uma escolha gratificante do trabalho docente que consagra a minha opção e estimula novas iniciativas. No fundo, de mim mesmo, o que me sinto é um professor. Tudo que melhor realizei foi decorrente dessa função. Dentre as atividades que exerço, o magistério tem sido uma constante desde que me diplomei em 1959. Por isso, instituí o prêmio Educador do Ano, quando na presidência desta Academia, para valorização do professor. Concedi, dentre outros, ao reitor José Carlos Almeida da Silva, pelo trabalho de reconstrução à frente da Universidade Católica do Salvador (UCSal), e a Zilma Parente de Barros, pela sua edificante dedicação à Universidade Federal da Bahia (Ufba), destacando a direção do Colégio de Aplicação, o ensino de Língua e Literatura Germânicas e o impulso à pós-graduação em Letras, bem assim ao seu labor no Conselho Federal da Educação (CFE).

Vivemos em uma comunidade que premia muito pouco. A regra é a punição pela palavra e pelo silêncio do reconhecimento.

Gratifica-se muito pouco os professores. Quando se retiram da vida ativa, não importa o nível do magistério, é um alívio e não uma etapa na caminhada docente. Na maior parte das vezes, nem um jantar de despedida entre colegas, como é de costume em outras instituições e em outros lugares, são-lhes oferecido.

Fora da universidade e da área educacional, tenho participado de algumas premiações pelo jornal A Tarde. O Instituto Miguel Camon (IMIC), por exemplo, anualmente procede a uma larga premiação por setores empresariais. O Comitê de Fomento Industrial de Camaçari (Confic) privilegia a promoção do meio ambiente. O Banco do Brasil instituiu prêmio para jornalistas. Há concurso Open Mind de marketing. A Petroquímica do Nordeste S.A (Copene) e Academia de Letras da Bahia promovem anualmente concurso literário.

Nesta escalada do agradecimento, gostaria de ressaltar a minha opção pela educação. O título que recebo é uma baliza fincada no curso de minha caminhada. Aos poucos fui passando de professor a educador. Ao agradecer, recordo a constelação de apoio que tanto cooperou para que acontecesse esse momento solar.

O SIGNIFICADO DO TÍTULO

Esta láurea enriquecerá os cursos da minha vida, entrando com destaque no meu *Memorial*, que é o registro eminentemente crítico e avaliativo do que realizei e das condições em que obtive os graus acadêmicos e produzir intelectualmente livros, artigos e ensaios, e bem assim, as circunstâncias sociais que predominaram na sua obtenção. Ele extrapola sua função crítica na autocrítica do desempenho quando conduz forçosamente à avaliação dos resultados obtidos na trajetória da carreira acadêmica. Além de auto-avaliativo, é confessional.

Tanto no *Memorial de títulos e trabalhos científicos*, como no *Curriculum Vitae*, ou ainda na *home page* e no *site*, este título tem uma função que vai além dos registros. Constitui-se em marco fundantemente revelador da carreira acadêmica que construir com esforço em todas as suas etapas: professor assistente, adjunto, titular, docente livre, doutor em Direito, mestre e Ph.D. em Administração Educacional.

Revela um bom trecho da caminhada empreendida na companhia de muitos confrades. Cada vez que olho o caminho, avalio o percurso. Concordo com o poeta: "Caminheiro que passas pela estrada, Seguindo pelo rumo do sertão". Sim, o sertão será sempre o nosso interior. A hinterlândia das nossas estruturas mentais, penetráveis somente pela intervenção das emoções fortes como a que experimento neste momento. O título procede ao descobrimento de mim mesmo. Com a palavra erudita de Leda animo-me a "perceber quanto é vital o autoconhecimento, o questionar a si mesmo, a coragem de realizar à viagem interna', sem medo". Este título é um marco e um luzeiro que iluminam o itinerário e projetam o porvir.

Nesta revelação, constato que a procura cartesiana da ordenação lógica da expressão conduziu-me a auto-organização. Repito este trecho da saudação:

> *no livro Como ordenar as idéias, Edivaldo estava inserido num dos conceitos mais significativos trabalhado na educação: o da auto-organização que, de acordo com Prigogine, procura estabelecer uma nova ordem nos sistemas caóticos. É impressionante, nas dissertações dos estudantes, a incoerência e a falta de organicidade ideológica das idéias. Situação caótica, de fato. Compreendeu rápido que a relação que se estabelece, na sala de aula, com o aluno é o fio mágico do seu que fazer pedagógico.*

PROFESSOR E EDUCADOR

As palavras de Leda reproduzem um dos nossos diálogos permanentes. A integração da responsabilidade social que esta distinção causa possibilita perguntar: como passei de professor a educador?

Trata-se de um questionamento instigante, demolidor e construtor ao mesmo tempo, à maneira de Anísio Teixeira, que posso fazer tanto aos acadêmicos como aos amigos professores: Rémy de Sousa, Luís Henrique Dias Tavares, João Eurico Matta, Hermes de Melo, José Newton Alves de Souza, Betty Coelho Silva, Jair Santos, Miguel Bordas, Alírio de Souza, Kátia Freitas, Roberto Fachin, Alberto Venâncio Filho, Afrânio Catani; e aos alunos Alfredo Matta, Paulo Coelho, Antonietta d'Aguiar Nunes, Bohumila Araújo, Maria Tereza Navarro de Britto Matos, Manuel Joaquim Fernandes de Barros, Jader Cristino de Souza, Francisca de Paula S. Santos.

Na saudação, Leda Jesuíno dos Santos responde:

> *Parece-me haver uma resposta: quando o professor romper os limites de uma sala de aula onde o aluno está sentado diante dele para ir até onde possa compreender a unidualidade existente na sua relação com ele (entre ele e o outro que é o seu aluno) e poder sentir que um não existe sem o outro, pois são complementares, pertencentes a um "todo".*

Se enquanto professor nos limitamos particularmente à nossa disciplina, como educador, participamos do plano holístico do aluno. Não só no nível de disciplinas, matérias e atividades, como na orientação, no interesse pedagógico pelo acesso ao conhecimento, no processo da aprendizagem e no sucesso do desempenho como aluno e como profissional. O educador, sem abandonar o plano das relações interpessoais do ensino e da investigação, procura despertar no aluno o interesse pelas macroestruturas sociais e políticas, pelo funcionamento dos sistemas complexos, dinâmicos, permanentes e temporários. O educador não se limita aos 50 minutos da sala de aula. Todo o seu tempo é para educar, dentro, fora e muito além do espaço escolar.

Assim que retornei de Penn State, concebi o papel do professor-orientador de uma maneira que se aproxima bastante do que penso ser o educador. O orientador pode ser descrito como uma combinação de professor, guia, amigo, comprometido, acadêmica e afetivamente, com o aluno a quem não somente aconselha, mas defende. Defende inúmeras vezes para explicar sua dissertação ou tese a uma banca examinadora, como tenho feito com certa freqüência. Sinto-me um cúmplice no processo da aprendizagem dos meus alunos.

OPÇÃO PELA EDUCAÇÃO E A REFORMA UNIVERSITÁRIA

Comecei a ensinar em 1960. Entrei para a Ufba, em 1962, pela Escola de Administração. Dois anos depois, realizei a Livre Docência em Economia Política e obtive o título de Doutor em Direito. No começo, era apenas um professor "ensinante" depois passei a "pesquisante", mas sempre me preocupei com a Instituição Universidade. O ano de 1968 foi definitivo: entrei para o Conselho Estadual de Educação, estruturei e chefiei a Assessoria de Planejamento da Ufba, engajei-me na reforma universitária, encarrengando-me da departamentalização, da distribuição do pessoal docente. Transferi-me da Escola de Administração para compor os quadros da Faculdade de Educação que então se criava por força da reforma universitária. Fui o primeiro coordenador do Colegiado de Pedagogia. A educação me empolgava de todas as maneiras. Depois coordenei o Mestrado e criei o Doutorado em Educação, o primeiro no Nordeste.

Experimentava um novo tipo de trabalho bem diferente das minhas funções docentes e judiciárias, embora fosse um momento bem conturbado com as passeatas e protestos dos estudantes. Leve-se em consideração que, em 1968, acumulava as minhas funções de assessor da reforma com a direção do Departamento Social de Vida Universitária. O reitor Roberto Santos orientava a reforma da Ufba, em discussões sucessivas com grupos de professores que discutiam o plano da universidade, seu novo estatuto, regimento geral e regimentos das unidades. O pensamento do reitor, médico e educador, era biologicamente funcional, procurando sempre antever a objetividade dos resultados. Além da sua extraordinária inteligência para os números e sua vocação para a coisa pública. Eu provinha de uma outra formação. A experiência jurídica é calcada na estruturação das instituições. Roberto Santos era a um só tempo o reitor e o assessor principal da reforma da Ufba. Transmitia com paciência médica o resultado dos debates da sua participação no Conselho Federal de Educação. Implementava a reforma com as lideranças universitárias. O ano de 1968 foi decisivo

para a juventude, para a humanidade e, particularmente, para mim.

Assim, desestruturava-se a Universidade formada por ordem de faculdades com cátedras e uma incrível duplicação de meios. Ao mesmo tempo, estruturava-se uma nova entidade por departamentos, coordenação com colegiados e conselhos. Era também o início da pós-graduação e institucionalização da pesquisa com o surgimento dos primeiros mestrados em Medicina, Química, Ciências Sociais e logo depois Educação, que integrei desde os primeiros momentos em 1971, com Shirley Gordon, Maria de Azevedo Brandão, Giselda Moraes, Joselice Macedo de Barreiro, Delmar Scheider, Robert Verhine.

Período de intensa criatividade, crítica e resistência à mudança. Compareci por duas vezes à *Harvard Summer School* e testemunhei pessoalmente a confrontação de campus, a invasão da Columbia University, o Black Power e os protestos dos estudantes, na companhia de Constantino Comninos, Dalmo Dalari, Henrique Ranter, Francisco Luís dos Santos Ferraz. A impressão que os estudantes me davam era de explosão dos Estados Unidos. Trago uma frase de Elisabeth Washburne, da Organização Universitária Interamericana (OUI): "as perguntas que surgem em função da reação, do protesto e da militância estudantil estão intimamente relacionadas com perguntas semelhantes sobre a sociedade americana como um todo".

Com toda essa participação na reforma universitária e da minha opção pela educação, solicitei exoneração do cargo efetivo de juiz do trabalho e concentrei-me inteiramente na educação. De assessor-chefe do planejamento da Ufba passei a secretário de Educação e Cultura do Governo Luiz Viana Filho, ocupando-me, portanto, dos níveis primário, secundário e superior do ensino, da educação de adultos e das realizações culturais. Já não era mais tão somente um professor. Sentia que começava a reagir como educador. O ano universitário que passei em estágios e pesquisas no Instituto Internacional de Planificação da Educação, da Unesco, de 1971 a 1972, logo que deixei a Secretaria pela primeira vez, firmou-me como um profissional da educação. Na discussão em seus seminários, abri a perspectiva internacional para os problemas da educação na Europa, África e Ásia com colegas desses países, trabalhando com Raymond Poignant, Claude Tibi, Gabriel Caron, Jacques Hallack.

Em suma, ao me receber na Academia Brasileira de Educação, em 1993, sucedendo a Flexa Ribeiro, Newton Sucupira percebeu toda essa mudança operada em 1968:

> *Ano decisivo para sua carreira, porque é nessa ocasião que se transfere para a Faculdade de Educação na qualidade de professor adjunto. Opera-se, então, singular metanóia: de economista converte-se em educador, a carreira definitiva de sua vida e na qual encontra o caminho de sua realização profissional e intelectual.*

Prossigo na carreira, alcançando as categorias funcionais até o patamar da titularidade. Iniciei-me na Escola de Administração que inovou com a coordenação de curso e introdução consciente da metodologia do ensino superior no projeto ensino-pesquisa com o suporte da Fundação Ford e na cátedra de Economia Política com o exercício da livre docência, na Faculdade de Direito. A reforma universitária impulsionou a pós-graduação. Não tive outra alternativa senão aderi aos *graduate studies* e realizar mestrado e doutorado em Administração Educacional, o que fiz na The Pennsylvania State University, orientado por Joseph Alessandro e Patrick D. Lynch, e com a contribuição de Helen Snyder, Donald Willower, Dorst von Dorpowsky. Segui, assim, o caminho de outros baianos que experimentados na administração estadual da educação buscaram aperfeiçoamento em universidades americanas, como fizeram antes Anísio Teixeira e Isaías Alves, na Universidade de Colúmbia, nos anos vinte do século passado.

De 1983 a 1987, voltei à Secretaria de Educação e Cultura com novos desafios: expansão da matrícula do primário; revisão do frustrante ensino de segundo grau profissionalizante; ampliação da educação superior de modo que atendesse às demandas dos vários municípios baianos, sobretudo a formação de professores pelas universidades estaduais. Foi nesse contexto que criei a Universidade do Estado da Bahia, a nossa Uneb, e estimulei a consolidação da Universidade Estadual de Feira de Santana, da qual sou um dos criadores, a implantação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Convencionei com Soane Nazaré Andrade, diretor da Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna, embrião da Universidade Estadual de Santa Cruz.

CONSTELAÇÃO DE APOIO E ESTÍMULO

Ao começar a concluir o agradecimento, gostaria de acrescentar uma palavra para os que cooperaram na senda da carreira.

O primeiro apoio na construção da carreira, foi Solange. O acompanhamento constante, diuturno e a extrema compreensão e colaboração com as idas ao exterior foram facilitados pela sua formação superior em Letras, com concentração em francês. No total foram quase seis anos, entre França, Estados Unidos e Canadá. Os nossos três filhos

– Lídia nasceu em Paris. Daniel é inteiramente brasileiro e Pedro Augusto veio com seis meses da França - estão muito ligados às etapas da minha vida acadêmica, tanto no país como no exterior.

Devo muito à Universidade Federal da Bahia. A minha *alma mater* – mãe nutridora - gosto muito desta expressão criada pelo cardeal Newman, possibilitou-me as duas graduações, Direito e Ciências Sociais, além do curso completo de doutorado em Direito Privado, embora tenha apresentado a tese para a docência livre, via pela qual obtive também o primeiro doutorado, conforme oportuna sugestão de Sílvio Santos Faria. Mestrado e Doutorado em Educação foram realizados em função da participação pioneira na pós-graduação e pesquisa, tanto na Faculdade de Educação, como em toda universidade como presidente e membro da Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa do Conselho de Coordenação da Ufba. Foram os contatos freqüentes com a CAPES e os companheiros dos programas de pós-graduação, como Roberto Fachin, Maria de Lourdes e Osmar Favero, Julieta Calasans, Juracy Marques, Jacques Veloso. Lideranças que criaram a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), em resposta ao estímulo de Darcy Closs, então diretor da CAPES e da assessora Sílvia Bahia, em 1976. Tanto no País como no exterior apresento-me sempre como professor da Ufba. A Ufba me marca e me identifica. Dela só sairei pela compulsória que não está longe; assim mesmo, pretendo continuar pela lei do trabalho voluntário, orientando dissertações e teses.

A minha dívida com o Conselho Estadual de Educação também é enorme. As discussões e deliberações com outros educadores, do nível de Luís Rogério de Souza, Alexandre Leal Costa, Jorge Novis, Tobias Neto, Maria Isabel Bitencourt de Oliveira Dias, Carmem Spínola Teixeira, Ramakissa Bagavan dos Santos, Conceição da Costa e Silva, Lia Viana Queiroz, Raymundo José da Mata, Raydalva Bittencourt, Hildérico Pinheiro de Oliveira, José Nilton Carvalho Pereira, Rômulo Galvão de Carvalho, Antônio Pádua Carneiro, Rogério Vargens e Ivan Novais ajudaram-me a me sentir um deles. Do Conselho passei à Secretaria de Educação e Cultura, onde encontrei a melhor constelação de recursos humanos da Bahia. Assumi o órgão por duas vezes, sendo que a primeira pela indicação de Luiz Navarro de Britto, ao governador Luiz Viana Filho e a segunda por sugestão do próprio Luiz Viana Filho e de Yeda Barradas Carneiro. O cargo de secretário possibilitou familiarizar-me com os problemas educacionais da creche ao pós-doutorado.

Recordo a Universidade de Paris, sobretudo a descoberta cartesiana do método - nos seminários de Metodologia de Huguette Durand -, a École Pratique des Hautes Estudes, a Faculdade de Direito. Ressalto a contribuição do professor Alain Barrère, no Instituto da América Latina e, sobretudo, Penn State, que me renovou inteiramente com o experimentalismo anglo-saxônico: O racionalismo francês, dedutivo e teórico, balanceei com o empirismo americano, indutivo, prático e experimental, como previra Rémy de Souza, no prefácio do livro *Espírito de julgamento*. A Universidade do Québec foi importante para que criasse a Universidade do Estado da Bahia: agradeço a Gilles Boulet, Pierre Casalis, François Loriot como também a Universidade Estadual Paulista (UNESP). Depois, freqüentei a Universidade de Québec, como estagiário, no campus de Montréal (UQUAM), graças a Denise e Marcel Lavallée. Ultimamente, tenho me voltado mais para Portugal. O ingresso na Academia Portuguesa da História, como acadêmico de mérito, é uma abertura. Ingresso que muito agradeço ao presidente Joaquim Veríssimo Serrão e a dom Marcus de Noronha da Costa. Como desde cedo ingressei nas academias, associações e institutos, participo para mais de quarenta entidades.

Tenho como princípio basilar a qualidade do relacionamento professor e aluno e alunos entre si. Foi uma herança do professor John Withall que pratico e me renovo sempre. É uma diretriz psíquico-terapêutica. Exercitando-o, controlo-me e consigo um bom clima sócio-emocional na sala de aula. Considero-me tanto um professor que ensina como um educando que aprende com os alunos. Contando com a potencialidade dos grupos, aceito os desafios e os riscos. Não me acostumo, entretanto, com a movimentação da aula shopping porque perturba a atenção e a interação.

Esforço-me para fazer da melhor maneira possível grande parte daquilo que realizo. Tenho uma noção muito clara da etapa por etapa a cumprir (*step by step*). Os que virão depois de mim farão melhor do que eu, pois contarão com outros recursos, outras metodologias, outros saberes. No horizonte das minhas realizações, das minhas limitações e dos meus acertos, sei que sou complementado por Deus.

Esforço-me para dar aos meus alunos tudo o que possuo, porque nestes 41 anos de magistério muito recebi e muito acumulei.

Obrigado à Academia Baiana de Educação, em especial à confreira Leda Jesuíno dos Santos. Gratos a todos pela presença e pela atenção. Salvador, 22 de agosto de 2001.

SAUDAÇÃO AO PROF. EDIVALDO BOAVENTURA PELO TÍTULO DE EDUCADOR DO ANO DE 1998

Leda Jesuino*

"O professor ainda é o mais vital e vulnerável participante no processo educacional. Ele é ao mesmo tempo educador, pensador, modelo a seguir, conselheiro e participante".

(Marshal)

"A educação é um processo de vida que refaz a vida"

(Kilpatrick)

"Há pessoas que temem as utopias, eu temo a falta delas".

(Prigogine)

Entre os vários educadores que transpuseram o amplo pórtico da área educacional, poucos o fizeram como o professor Edivaldo Machado Boaventura, que muito me honra com a escolha para saúda-lo, no momento em que a Academia Baiana de Educação o consagra como EDUCADOR DO ANO DE 1998, por sua trajetória de Educador, digna de ser registrada com louvor, como reconhecimento, justiça e gratidão pelo que tem representado no panorama educacional do País.

Se, no dintel do Oráculo de Delfos, estava escrito **"Ggnoth s' Auton"**, e, no portal da Academia de Platão, lia-se "Aqui, só entram os geômetras", no pórtico que dá acesso à área educacional, está implicitamente escrito: "A pessoa como prioridade", como diretriz básica para os educadores. Entre os poucos que assimilaram a essência desta mensagem, está Edivaldo, que se destaca entre os que conseguiram compreender o papel da Educação no milênio que se inicia. Configura-se a Educação, hoje, como o melhor instrumento de que se dispõe para trabalhar a subjetividade humana, para neutralizar o indvidualismo exacerbado, atrelado a um consumo de massa, o qual induz os homens a não mais serem originais, mas assumirem um padrão na forma de ser, de representar-se – identidades coletivizadas" [1] massificamente consumidas.

Na busca da identidade do homem autêntico, Diógenes, na Grécia Antiga, procurava um homem com a sua lâmpada prescrutadora, e Fernando Pessoa, tantos séculos depois, buscou os homens e disse ter apenas encontrado príncipes, todos príncipes. Suas máscaras estavam guardadas na cara. Para um educador, como o homenageado de hoje, o homem sempre foi prioridade absoluta.Edivaldo, membro titular da Academia de Letras da Bahia, já louvado como escritor pelos ilustres acadêmicos Aramis Ribeiro Costa e João Eurico Matta, pela sua reconhecia inteligência e cultura e brilhante atuação, foi recebido no Pen Club do Rio de Janeiro como membro titular, pela ilustre escritora Helena Cunha, que evidenciou os seus altos méritos, demonstrados nos 30 livros publicados, inúmeros artigos, conferências, discursos, pronunciamentos eareceres, nas mais variadas instituições do País. Situa-se na Educação em condições especiais, para atuar com serviços reconhecidamente meritórios que estão fundamentados, em primeiro lugar, nas suas características pessoais de personalidade, as quais o condicionaram a uma formação acadêmica pluridimensional e que desemborcaram como um rio caudaloso no oceânico âmbito da educação, permitindo-lhe ser o Educador inseriro no paradigma educacional emergente.

O êxito não o torna, porém, orgulhoso nem vaidoso, mas o alicerça em bases sólidas para continuar a caminhada em busca da felicidade, que é a harmonização do Ego e do SELF, que lhe confere esta paz interior, permitindo-lhe desenvolver o inato Eros Pedagógico. Para uns, isto significa a vocação, para outros, a concentração da vontade firme num ideal nobre e, para nós, o poder energético do amor a uma das mais nobres e complexas causas do mundo contemporâneo, que é a Educação.

Determinação, persistência, perseverança para ser o que se quer ser, são traços fortes que transparecem nos seus esforços para os investimentos feitos no seu aperfeiçoamento profissional no País, na América, na Europa. A tenacidade, a fidelidade aos seus princípios éticos, a vontade firme com clareza de objetivos para fazer da Educação o seu **leitmotiv**, levaram-se ao exterior, com Bolsas de Estudos e Pesquisa, para conjugar saber e experiência. Seu **curriculum** abre-se em um grande leque, tais áreas onde esteve estudando e, sobretudo, servindo.

Inicialmente bacharel em Direito, vai alargando a sua estrada e se adentra na Economia, na Administração, nas Ciências Sociais, na Política, na História , nos Problemas Brasileiros, conseguindo a obtenção dos títulos de Mestre, Doutor, Livre-docente, Professor Titular, que o credenciam

* **Professora da Universidade Federal da Bahia, Vice-Presidente da Academia Baiana de Educação**

[1] BAHIA, Sônia. Subjetividade obscurecimento proposital. **Textos para discussão**, ano 4, v.4, n.6, p.43-45, jan./jun. 1999. p. 45

para o grande sucesso na Educação, como professor concursado para lecionar na graduação e na pós-graduação, atuando não só na administração universitária, mas também na educação pública, nas atividades acadêmicas de grandes responsabilidades, nas instituições culturais, nas Academias, no jornalismo, que o leva à direção de um dos mais credenciados jornais da Bahia.

O seu **curriculum vitae** de 63 páginas e 5 décadas de estudo, serviço de dedicação à cultura e à educação evidencia a coragem de enfrentar desafios e riscos. Até que ponto a teoria neoclássica do capitalismo está certa quando afirma que as pessoas investem em si mesmas esperando resultados futuros monetários? Edivaldo correu o risco, investindo dinheiro, tempo e esforço em Educação, no firme desejo de obter um grau de satisfação pessoal de crescimento individual, dentro de uma filosofia de vida definida, cujo princípio básico foi e continua sendo ***a compreensão do outro*** e o entendimento do fato educacional como de natureza psicos-social. Compreender sempre que o fato educacional p de acontecer na macro ou na microeducação com a mesma força e veracidade, em uma assessoria de alto nível político-social, ou em uma sala de aula das mais simples e despojadas que, aliás, é como ele declara o seu espaço predileto, o centro do seu interesse principal.

Em que bases filosóficas está firmada a brilhante trajetória de Edivaldo cujo resultado é o sucesso? Apenas um temperamento sereno, um caráter forte, um comportamento ético, um dinamismo, um ego trabalhado pelos embates da vida, um superego de um ***homo religiosus*** do verdadeiro ***religare***, de uma personalidade envolvente, uma inteligência enriquecida, dinâmica, inquieta, um conhecimento sempre em atualização, uma consciência de seu papel no mundo, um coração amoroso e conectado com o humanismo.

Sob esse edifício, há um alicerce fundamentado numa filosofia de vida, numa **Weltanschauung**, concepção do mundo condutora de todo o seu processo de evolução existencial, formada subrepticiamente como uma ordem implícita na sua natureza; uma concepção espiritualista de mundo que, aceitando as teorias mais atuais da ciência, conduz a uma pedagogia sem medo e sem culpa.

É com essa bagagem psíquica, social, mental, cultural, humanística e espiritual que o Educador Edivaldo Boaventura penetra nas Academias, ingressa nas Universidades, ocupa cargos da maior responsabilidade (duas vezes Secretário de Educação do Estado), profere conferências, participa de mesas-redondas, encontros e congressos, torna-se membro de associações profissionais, científicas e culturais para servir, receber prêmios, distinções, 21 diplomas, 24 cidadanias honorários, medalhas condecorações, escreve, publica em sobretudo, **fala**, e cada vez demonstra, na sua oratória comedida – que Newton Sucupira louva no discurso quando o recebe na Academia Brasileira de Educação –, o sábio uso da palavra. Se a palavra, para Guimarães Rosa, é o sutilíssimo instrumento fenomenológico pelo qual chega-se a captar a pulsão de nossas mais secretas e quase indizíveis raízes nacionais, segundo Helio Pellegrino, a palavra, para Edivaldo, é um canto nupcial do seu encontro com a Educação. Este encontro se deu quando, penetrando na Economia, descobriu o Ser Humano atrás das cifras e do tecnicismo.

O seu gosto de falar e escrever sobre as pessoas e as coisas, descobrindo as suas subjetividades, impede assim que elas sejam sepultadas em pó e cinza. Mais de cinco livros foram dedicados às pessoas por ele admiradas, para engrandece-las, como **Gente da Bahia**, **Encontro com Educação** e **Território da Palavra**. Para Edivaldo, a linguagem é a descoberta do SER, pela qual promove a sua **aletéia**, ou seja, o desvendamento da **graça e do mistério do mundo**. Para Helio Pellegrino, "o escritor é, por definição, um homem de olho limpo; vê longe, vê fundo, vê sempre"[2]. Assim Edivaldo viu e vê a Educação e a própria Vida. Quando se debruçou sobre o Direito Educacional, lembro-me da sua luta com alguns juristas para que fossem legitimadas as suas teses, apesar de, na Alemanha, como aponta Newton Sucupira, já existir, desde a década de 60, o Direito Escolar (**Schilrecht**). Era, então, professor de Legislação Educacional e sabia, extamente, das resistências que viriam.

As Universidades e as Academias têm lugar especial na sua vida operosa porque estão inscritas no seu coração. Pensa sobre a Academia do mesmo modo que Ledo Ivo[3]: "Academia é convívio e diálogo, é aquele clube rapazes velhos a que aludia Raymundo Magalhães Júnior". Como Ledo Ivo, procura ser e é nas Academias e nas Universidades "dádivas e partilha, diálogo e convivência".

Em nossa Academia, sua participação foi decisória junto a Maria Augusta Cruz Abdon, Jair Santos e Olga Metting, e de nosso fundador Hermano Gouveia. No editorial da **Revista da Academia Baiana de Educação**[4], Edivaldo preocupa-se em destacar a função da Academia e escreve: "É preciso que a Academia seja uma entidade promotora da educação em todos os níveis e em todas as modalidades, ultrapassando o formalismo das regularidades para alcançar as aberturas de alternativas de aprendizagem". Na presidência, deu à Academia estrutura legal e administrativa, oferecendo seu prestígio, sua presença, seu trabalho e, principalmente, sua dedicação. O seu sucesso, tão acentuado por Aramis Ribeiro Costa, deve-se a sua firme certeza de que as tensões devem ser resolvidas não pelo conflito e, sim, pela harmonia, porque acredita na potencialidade humana, capaz de criar um mundo melhor.

Como S. Boaventura, Edivaldo crê que, além do olho da carne e do olho racional que enxergam o mundo material, exterior, as dimensões relativas do tempo e do espaço, os objetivos, as coisas, as pessoas, a lógica através da arte de filosofar, ampliando as percepções da mente, existe o olho da contemplação que faculta penetrar na intuição, nas realidades transcendentais.

O **homo faber**, o do fazer, executar, realizar, existe na sua personalidade. Na mesma medida em que atua na ânsia de realizar, transparece o **homo religiosus**, que não é aquele

---

[2] PELLEGRINO, Helio. Guimarães Rosa e a psicologia da invenção. **Manchete**. Rio de Janeiro__, [198?], 9

[3] IVO, Ledo. A vontade das estrelas. **Manchete**. Rio de Janeiro, [198?], p 1

[4] BOAVENTURA, Edivaldo. Editorial. **Revista da Academia Baiana de Educação**. Salvador, v 1, n 1, p 3, set 1

que apenas abraça uma religião, mas o que tem dentro de si a essência da religiosidade, a capacidade de conectar, via intuição, com o transcendental, estar ligado à força criativa do universo e demonstra este estar consigo mesmo, em atos de compreensão da natureza humana. Muitas pedras que lhe atiravam, eu as vi por ele transformadas em flores. Este é o ato máximo da religiosidade do homem: o perdão, baseado na compreensão da imperfeita natureza humana e na compaixão tão apregoada por Buda e Cristo. Tendo uma filosofia de vida definitiva, tornou-se fácil posicionar-se na UFBA, em que as teorias divergentes se encontram e se desencontram. No seu concurso para titular, Nair Abud Mei me revelou ter encontrado um educador capaz de dar excelente contribuição à Faculdade de Educação, o que sempre aconteceu, por compreender que Educação é um eixo fundamental de um forte processo de renovação da humanidade.

Sua preocupação sobre a problemática educacional estendia-se ao seu lar e um dia me escreveu citando Tonybee: "Educar os filhos é talvez a mais importante tarefa particular de um ser humano na vida. Quando os pais são agnósticos, que acontecerá com os filhos? (...) Os filhos têm de abrir caminho no mundo em que nasceram. Têm de encontra-lo rapidamente, sendo natural esperar que seus pais lhe dêem a necessária informação. Todos os seres humanos, em todos os estágios da vida, anseiam por um mapa de universo claro, preciso, total. Os filhos supõem que um mapa desta espécie tranqüilizante em poder dos pais e se esta esperança for desapontada é possível que se sintam perplexos, perturbados e magoados".

Professor Edivaldo, a Academia, ao conferir-lhe o título de **Educador do Ano**, não se fundamentou apenas nos seus inúmeros títulos, honrarias, realizaçõ9es expressos num **curriculum** impressionantemente rico e voltado para a Educação; nem pelos seus afazeres multidimensionais e pela sua intensa atuação para a criação da Faculdade de Educação da UFBA, das faculdades da UNEB e para a instalação do doutorado em Educação.

A Academia expressa, hoje, o seu reconhecimento pelo modo como atuou na Educação, como desenvolveu uma filosofia educacional que o levou a teorizar na prática e a realizar muito, que o levou a SER um educador inserido no paradigma educacional emergente, o que se evidencia em toda a sua trajetória.

Fugindo de repetir todos os encômios justos e merecidos, feitos pelos seus ilustres colegas, confrades e admiradores – aqui destaco o professor João Eurico Matta –, tenho em mente tornar o mais evidente possível como o seu perfil educador está inserido na filosofia educacional do novo milênio.

"A identidade de um homem fala de dimensões verticais da biografia e história dos indivíduos, como também expressa uma dimensão horizontal que faz do indivíduo um Ser Social interligado às expectativas e completariedade de outros", afirma a psicóloga Sônia Bahia[5]. Atenho-me agora à dimensão horizontal do nosso homenageado, que está presente no seu que fazer cotidiano, no seu modo de ser, demonstrando o Ser da Relação que o caracteriza como Educador na Era das Relações, como estão sendo chamados os novos tempos.

Porém o Ser de Relação se revela em toda sua potencialidade no amigo, aquele que compreende, que empatiza, que ajuda, que não apenas está com você, mas procura **ser como você** naquele momento de dificuldade. O amigo é o que defende, protege e critica construtivamente, orienta e oferece o ombro para chorar e as mãos para guiar.

O Ser de Relação se revela ao pai preocupado com a educação de seus filhos, amoroso e afetivo, que está convencido do que, no seu Lar, com Solange, Pedro, Daniel, Lídia e Isadora, encontra a paz e a harmonia, dá-se o encontro com a felicidade da comunhão familiar que ele constrói no seu dia, conjugando com a ternura e a beleza interior e exterior de Solange.

Aceitando as teses da ciência atual, a partir da afirmação de Einstein de que Matéria é Energia, do Princípio da Incerteza mostrando-nos que é grande a nossa ignorância em relação à natureza física, e das técnicas de medição da influência do observador sobre o observado, impossível não considerar as grandes influências desta nova concepção científico-filosófica da natureza sobre a educação, sobre o perfil do educador, sobre o ensino-aprendizagem, sobre a escola, sobre os sistemas educacionais.

Quais devem ser as novas pautas educacionais sinalizadoras de mudanças significativas? Qual será o novo perfil do educador? Que deve entender, hoje, por um homem educado?

Com essas preocupações, permanentemente vividas no seu pensar quotidiano, volta-se para o binômio educando/educador e como solução: buscar, na experiência, material para teorizar. Em nossas conversas, quando tenho o privilégio de ser uma confidente, vejo Edivaldo atento ao que melhor deve ser feito para o seu orientado. Está de acordo com Donald Schon: reflexão na ação, reflexão sobre a ação.

Como dizem Freire & Prado, "A reflexão na ação representa o saber automatizado, e a reflexão sobre a ação representa o saber compreender. São dois processos de pensamento distintos que não acontecem ao mesmo tempo, mas que se completam na qualidade reflexiva do professor".

Pelas nossas reflexões em conjunto, percebo que não sendo, como eu, um pedagogo pro formação acadêmica, está bem claro, no seu pensamento, o que a Pedagogia deve abranger: de um lado, o pensamento pioneiro daqueles que mais se preocupam com os assuntos educacionais e as soluções que eles apresentam e de modo a possibilitar uma escolha livre e consciente das direções que devemos e podemos dar os problemas pedagógicos.

O seu convívio com as problemáticas educacionais o levou a dar significativa importância à prática reflexiva, ou

[5] BAHIA, Sônia, op. cit., p.

seja, conceber o conhecimento como processo de vir a ser, o que, segundo Maria Cândida Moraes, difere do "modelo de racionalidade técnica que está **mais atento ao resultado obtido do que à forma de estruturar o problema e o processo de raciocínio desenvolvido.**"

Poe estar consciente da importância da figura humana do professor mesmo na sala de aula equipada com tecnologia de ponta; por compreender que o "desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da criticidade é o que há de mais fundamental num mundo em permanente evolução, onde a transitoriedade, o incerto, o imprevisto e a mudança estão cada vez mais evidentes e são características que deverão estar presentes nos ambientes de aprendizagem, por saber que estes conceitos são fundamentais no que se refere ao perfil tanto do aluno quanto do professor", Edivaldo não transita apenas nos corredores acadêmicos mas, sobretudo, na sala de aula como professor. Ele é um educador. Não é sem razão que, por vários anos consecutivos, é eleito paraninfo pelos jovens pedagogos que nele buscam e encontram o conhecimento, a experiência, uma relação de cooperação, de diálogo, o desenvolvimento de operações de reciprocidade, complementaridade e correspondência. Em artigo no jornal **A Tarde**, considera a escolha para paraninfo uma avaliação positiva do seu trabalho docente.

A sua contribuição à UFBA foi sempre evidenciada pela sua competência e dedicação em todos os cargos, tarefas e missões que lhe foram confiadas. Em 27 de maio de 1969, Edivaldo realizava, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, em Nazaré, uma importância conferência sobre Departamentalização na Universidade, a qual norteou os esforços desenvolvidos para redepartamentalização na UFBA. Destaco a sua invulgar dedicação, discernimento, cooperação e criticidade na estruturação da Faculdade de Educação da UFBA. Encontrei em Edivaldo o técnico competente, o colega sem individualismo acentuado, cooperador, de pensamento crítico e reflexivo, o professor pronto à execução das tarefas básicas, por estar consciente do que seja ensinar a "aprender a aprender" e, principalmente, o educador debruçado sobre as alternativas de soluções que tivemos de analisar para que a novel Faculdade de educação emergente de reforma pudesse estruturar-se em nível de qualidade. Estávamos, naquele momento histórico para a UFBa, implantando uma Faculdade de Educação, precisando ter consciência da necessidade não apenas de uma epistemologia, mas também de um saber operativo, um que fazer pedagógico se impunha.

Como Teilhard de Chardin, Piaget, Donald Schon, Paulo Freire e Morin, Edivaldo e eu tínhamos em mente que o conhecimento humano é, na sua origem e nos seus desenvolvimentos, inseparável da ação. Encontrei nele, acima de tudo, o amigo que pôde compreender o sentido de uma educação que torne o ser humano um eterno aprendiz: sobretudo aprendendo sempre a aprender e a desaprender, a pensar, conviver e amar. Acredito que, fundamentado neste pressuposto básico, nosso relacionamento se concentrou na crença de que passamos da Era Material para a Era das Relações onde o poder da mente está acima da força, e está sendo transferido para o ser humano, o indivíduo compreendido como um ser de relação, como tudo que existe na natureza.

Não só na faculdade de educação o nosso homenageado procurou integrar-se e entregar-se, também a Academia baiana de Educação muito lhe é devedora. Foi, sem dúvida, na sua presidência que ela tomou impulso e vigor. A UFBA lhe deve o título de Professor Emérito, o que virá, certamente, quando os seus cabelos se tornarem mais grisalhos e a perspectiva histórica apontar o caminho.

Por certo, como Edivaldo, os educadores devem estar atentos às mais inovadoras teorias da física quântica, das ciências exatas, porque sem dúvida alguma os paradigmas da Educação na Era das Relações estão lá fincados. Não podemos, os educadores, passar ao largo das novas teorias que superaram as concepções newton-cartesianas; estas levariam a educação a ser um sistema fechado.

As teorias da física e da mecânica quântica com Heisenberg, com Lukács em 1987, declarando que o ato de observação altera a natureza do objeto, com prigogine e tantos outros que aderiram ao Princípio da Incerteza, da ilusória natureza das definições, acreditando que, uma vez nomeado ou definido algo, nós "obtemos a coisa em si", todas estas teorias tiveram grandes educacionais. De certo modo, traçaram diretrizes para as pautas sinalizadoras das mudanças no sistema educacional dos nossos dias, que passa, então, a ser considerado em nossa era como um **sistema aberto** que deve levar o educando a conviver com a incerteza e, sobretudo, "aprender a desaprender", a se dispor a mudar os conceitos e os conhecimentos que possui, seja para processar novas informações. Seja para substituir conceitos cultivados no passado e adquirir novos conhecimentos. Foi influenciado pela Teoria de Dewey do **open-ended**, o mundo sem tampa, indeterminado, não completamente definido.

Quando, hoje, tanto se fala em "currículo em ação", quando a pedagogia requer que aprendamos a olhar para a frente, a fazer antecipações, a inventar, a projetar questões; não só isso, mas também a testar novas experimentações como produtos das interações entre indivíduos no sentido de criar uma linguagem própria, sabemos que há uma correlação íntima dessa visão com o conceito da auto-organização de Prigogine que estabelece uma nova ordem nos sistemas caóticos.

"Um currículo desenvolvido com base no conhecimento do princípio de auto-organização e da interação sujeito-objeto é diferente", nos diz Maria Cândida Moraes. "Diverge de um currículo planejado sob o enfoque instrumental que vê o ensino como determinante da aprendizagem, enxerga o indivíduo como espectador passivo, sujeito às forças externas, modificadoras do seu comportamento."

O grande desafio do educador é executar este currículo dinâmico, não permitindo que a interação professor / aluno conduza a um fechamento, que o currículo seja um pacote

fechado, mas algo que emerge da ação do sujeito em interação com os outros, com o meio ambiente e com o mundo.

Ao escrever seu primoroso livro **Como ordenar as idéias** Edivaldo estava inserido num dos conceitos mais significativos trabalhando na educação: o da auto-organização que, de acordo com Prigogine, procura estabelecer uma nova onde nos sistemas caóticos. é impressionante, nas dissertações dos estudantes, a incoerência e a falta de organicidade lógica das idéias. Situação caótica, de fato. Compreendeu rápido que a relação que se estabelece, na sala de aula, com o aluno é o fio mágico do seu que fazer pedagógico. Esse fio mágico o levou à paraninfia por anos consecutivos, o que ele considera uma honra, repito.

Os alunos da graduação encontram o mestre, o facilitador, e os de pós-graduação o orientador consciente, culto, pesquisador e, com eles dizem, "sabem onde as cobras dormem".

Talvez por ter compreendido que a Educação é o eixo fundamental de um forte processo de renovação da humanidade não se tenha deslumbrado dentro de macroeducação, nos cargos que ocupou, procurando estar atnto aos processos educacionais como um todo.

Em Edivaldo, o fato e a palavra se sucedem num mínimo espaço de tempo: faz, fala e escreve. Entrelaça, no seu próprio dizer, "palavras com obras"; livros e filhos também são entrelaçados pelo seu amor.

Nas suas aulas — dizem os seus alunos (tenho estado com alguns deles) – , segue o paradigma educacional emergente que vê a educação como sendo um diálogo sempre aberto, o processo educacional como um sistema vivo, dentro de uma visão de mundo pós-moderno e concebe o educador como **educador-educando**, sempre em movimento, ou seja, em processo de interação e reflexão.

É um novo perfil do professor que o conduz inexoravelmente a ser um educador-educando e um educando-educandor, que ensina aprendendo e aprende ensinando. A autoridade nasce dessa relação e é desenvolvida e não mais imposta como dantes. A pergunta de Edivaldo que o deixa reflexivo é esta: quando o professor se torna educador? Parece-me haver uma resposta: quando o professor romper os limites de uma sala de aula onde o aluno está sentado diante dele para ir **até onde possa compreender a unidualidade existente na sua relação com ele** (entre ele e o outro que é o seu aluno) e pode sentir que um não existe sem o outro, pois são complementares, pertencentes a um "todo".

O educador precisa "garantir o fluxo de energia, o movimento, a riqueza do processo, a manutenção de um diálogo permanente de acordo com o que acontece em cada momento, propor situações-problema, desafios, desencadear reflexões, estabelecer conexões entre o conhecimento adquirido e o pretendido." As intervenções devem ser adequadas ao estilo do aluno, às suas condições intelectuais e emocionais e à situação contextual"[11]. Esta conduta do educador favorece, sem dúvida, condições para o desenvolvimento da intuição, da criatividade e também do lógico-racional, da reflexão crítica.

Há o educador de valorizar a educação emocional de Goleman, a teoria das inteligências múltiplas de Gardner, a "coragem criativa" de Rollo May, que leva o indivíduo a dar o salto no desconhecido e, sobretudo, perceber quanto é vital o autoconhecimento, o questionar a si mesmo, a coragem de realizar a "viagem interna", sem medo.

A visão de interdependência está muito próxima da prática educativa do nosso homenageado. Sempre o encontrei nas mais diversas situações, esforçando-se para conseguir uma convivência harmônica e enriquecedora entre os indivíduos, respeitando a diversidade dos outros. Pelo que escreve, fala e sobretudo faz, ensinando, orientando, administrando e aprendendo, acredito que a Academia, em nome da qual falo neste momento, pode correr risco de assegurar que lhe confere o título de **Educador do Ano** por estar Edivaldo inserido no que se considera o perfil do Educador do novo milênio, da Era das Relações, a Era Holística, da consciência da unidade e da inter-relação de todas as coisas e eventos, a experiência de todos os fenômenos do mundo como manifestações de uma unidade básica.

Não estou falando de sua religião, mas quero falar de sua religiosidade, o que é bem diferente. Uma religiosidade que lhe dá a sustentação para ser o educador que é. Uma religiosidade que o condiciona a ser o educador humanista que é e a compreender, com David Bohm, que o homem é um microcosmo do universo; o que o homem for será a chave do Universo. Mas, sobretudo, que dá sustentação para afirmar como Einstein[12]: "Minha religião consiste de uma humilde admiração pelo ilimitado Espírito Superior que se revela nos leve detalhes que somos capazes de perceber com nossas frágeis mentes. Aquela convicção profundamente emocional da presença de um poder pensante superior, que se revela no universo incompreensível, forma minha idéia de Deus"[12]

Doutor Edivaldo — Doutor que, vindo do latim **docere**, é o seu verdadeiro título —, V. Sa. sabe que, pelo "Princípio da Recursividade" de Dewey, os indivíduos vão-se transformando no processo. Considere-se um educador educando, desinteressado, alturísta, compassivo, generoso, dedicado aos demais seres e ao próprio universo, está sendo alcançada passo a passo por seus atos cada vez mais pautados pela compaixão e pelo amor, anelando a paz interior para transmiti-la aos seus alunos. O grande Vivekananda, o maior filósofo oriental afirma que o Impulso do Amor retorna a ele.

A Academia Baiana de Educação, neste seu expressivo momento, comprova esta assertiva. Com o mesmo amor que V.Sa. a envolveu, recebe com retardo o título de **Educador do Ano de 1998.**

[11] Apud MORAES, Maria Cândida, op. cit., p. 152

[12] Apud MORAES, Maria Cândida, op. cit., p. 112.

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Marcelo Augusto Carvalho Rocha*

Hoje é um dia de grande emoção para mim. Este ato representa um epílogo de alguns dias de meditação e muitos meses de ansiedade à espera deste momento: tomar posse na Academia de Educação.

Tudo começou há cerca de um ano e meio passado, quando a dileta amiga e companheira de trabalho, Profa. Maria Augusta Cruz Abdon, ilustre membro desta casa, entrou em meu gabinete e subitamente me declarou:

Prepare-se: o seu nome foi sugerido em reunião da Academia de Educação e você deverá ser apreciado pela Congregação.

Naquele instante, fui tomado por um choque emocional, porque me veio á mente a imagem dos meus tempos de juventude sobre o que era uma.

Academia.

Veio-me a visão da tradicional instituição onde se reuniam os "verdadeiros sábios da corte" e que detinham todos os saberes!

Em seguida, lembrei-me das aulas de filosofia, no curso secundário, onde aprendíamos que a Academia era a escola criada por Platão, para cultuar as musas e deusas, e que passou também às artes, às ciências e às atividades filosóficas. Começava aí a minha angústia. Em primeiro lugar, refleti: não sou pedagogo, literato ou filósofo, não reúno a coleção de títulos universitários, hoje tão necessários, de mestrados, doutorados e docências, não publiquei livros e então, por que teria sido indicado?

Passei então à fase de meditação sobre a minha vida como nunca tinha feito com tanta preocupação.

Nesse tempo, então, recebi a correspondência oficial da Academia Baiana de Educação, assinada pelo ilustre Presidente Prof. Alírio de Souza, informando-me o fato de que teria sido indicado para Cadeira nº 38.

Bem amigos, fato consumado, procurei então a justificativa para a minha participação.

Foi aí que me lembrei de ter lido um artigo do eminente Prof. Edivaldo Boaventura, no qual perguntava Qual a função da Academia Baiana de Educação? Passo a citar as suas palavras, fazendo o sumário do que nos interessa:

"A Academia deveria ser um local de apoio à comunidade educativa da Bahia.como associação seria a parcela da comunidade na luta pela educação, congregando professores, e educadores para o debate amplo e democrático das soluções possíveis para o ensino do futuro. Terminava dizendo que a Academia se caracterizaria pela prática da convivência e do companheirismo, e que a participação de cada um seria, antes de tudo, um serviço à educação".

Foi então por isso, para a convivência e a participação, que me convenci que poderia estar aqui.

Justificada a minha presença digo também que este encontro não é apenas de emoção e alegria, é também de orgulho e honra de entrar para este Colegiado do qual participam os maiores e mais renomados professores e intelectuais da área, muitos dos quais foram meus professores em outras Instituições.

É também, e principalmente, um momento de agradecimento. Sensibilizado, tenho que agradecer a todos os que sufragaram o meu nome e admitir que somente a bondade e a sensibilidade dos seus corações permitiram a lembrança, a indicação e a aprovação do meu nome para pertencer a este Sodalício.

Estou aqui para ocupar a Cadeira 38, que tem como patrono o Prof. Roberto Correia, e como atual ocupante a Profa. OLGA PEREIRA METTIG, que passou à condição de membro emérito.

Inicialmente citarei algumas notas biográficas do Patrono, o Professor Roberto Correia. Nasceu em Maio/1876 nesta cidade de Salvador. Cursou o Liceu de Artes e Ofícios, aprendendo o ofício de tipógrafo.

Trabalhou na profissão no Jornal das Notícias, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi tipógrafo do Jornal do Brasil e Jornal do Comércio.

Regressou à Bahia, onde se matriculou no Instituto Normal da Bahia, diplomando-se em 1998. Foi professor, poeta, contista, e jornalista. Pertenceu à Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira nº 30.

Faleceu aos 66 anos, em dezembro de 1941.

Publicou poesias, diversos contos, destacando-se a História da Boa Terra e por todos estes méritos foi indicado como Patrono de uma das Cadeiras desta Academia de Educação.

Em seguida, as minhas referências serão sobre a Profa. Olga Pereira Mettig.

Substituir a Profª Olga Mettig é para mim missão impossível. Faço minhas as palavras do Jurista Faoro ao entrar para a Academia.

Brasileira de Letras referindo-se ao seu antecessor.

"A Professora Olga Mettig é insubstituível, eu vou apenas sucedê-la". Em verdade, os laços afetivos e familiares que me ligam à Profa. Olga é que me trouxeram a esta Casa. Por sua história poderemos avaliar como é difícil substituí-la. Com 60 anos de atividades e realizações, passando por toda uma trajetória de Professora Primária, Diretora, Inspetora e Técnica em Educação, Licenciada em Pedagogia, Fundadora

* Diretor Geral das Faculdades Integradas Olga Metting

e Diretora do Colégio Nossa Senhora do Carmo, há cinqüenta dois anos passados.

Autora de 32 Livros Didáticos para o 1º grau, adotados e distribuídos em todo o Brasil, chegando alguns títulos a 320 edições e mais de um milhão de exemplares Em 1965, quando se realizavam as grandes reformas do ensino superior no Brasil, ela idealizou a criação de uma Faculdade de Educação, fato novo naquela época, e em 1967 sob sua Direção, era inaugurada, com o nome de Faculdade de Educação da Bahia, a primeira do Norte e Nordeste do brasileiro, e a segunda do país.

Daí em diante, a Instituição dirigida por ela, projeta uma sucessão de criações: o Centro de Estudos de Pós Graduação e a Faculdade de Turismo da Bahia, ambas pioneiras no nosso meio, a Faculdade Livre da 3ª Idade e o Instituto de Educação Musical, e finalmente a Faculdade de Administração.

A Profª Olga Mettig, recebeu diversos título:

Foi uma das primeiras Titulares da Academia Baiana de Educação, hoje membro emérito.

No Governo de João Durval, o Diploma de Mérito Educacional.

Em 1996, recebeu a Comenda Maria Quitéria da Câmara Municipal de Salvador.

Em 1999, foi agraciada com o título "Mulher do Ano" pelo Woman's Internacional Club de Salvador.

E gozando saúde mental plena, na sua oitava década de vida, ainda continua em plena atividade, na qualidade de Presidente da Associação Cultural e Educacional da Bahia, mantenedora das Faculdades.

Os meus laços com a professora Olga não são só profissionais, são de antiga mestra, são laços afetivos e familiares, são laços de médico-paciente, e é também aquela pessoa que encontramos na vida, e que temos afetividade e entendimento. Dispenso as denominações de genro e sogra, por serem termos comumente usados de maneira pejorativa.

Por isso tudo é que substituí-la é realmente impossível.

Agora preciso apresentar um pouco da minha história de vida para que se esclareça a curiosidade de todos os que me encontram envolvido nas atividades de Educação. Todos os que me conhecem sabem que sou médico, e posso mesmo dizer que nasci médico, pelo fato de ter sempre sentido uma vocação inquestionável para as atividades da medicina, e em especial para a cirurgia.

Ao término do curso primário, meus pais foram aconselhados a me matricular em uma escola nova que teria probabilidades de grande sucesso, segundo as palavras da antiga mestra Profa. Alvine Garcez. Era o início do Ginásio Nossa Senhora do Carmo, inaugurado e dirigido pela Profa. Olga Mettig. Então, fiz o exame de admissão e aí cursei o ginásio.

É também por aí que começa a minha história de estar aqui na Academia de Educação.

Durante quatro anos, aluno disciplinado e freqüentemente nas primeiras colocações da turma, passava a ser um dos alunos distinguidos pela Diretora, ao tempo em que a convivência com uma das suas filhas, despertaram os sentimentos amorosos da juventude,e ao terminar o ginásio já estava indelevelmente relacionado afetivamente à Carmen, que todos aqui conhecem.

Passei a estudar no Colégio Central da Bahia, para fazer o curso científico.

Neste tempo tive a satisfação de ter como professores os confrades Acadêmicos Remy de Souza e a Profa. Maria Augusta Abdon, que iniciava a sua vida de professora do ensino secundário.

Em 1959, ingressei na Escola Baiana de Medicina. Terminado o 1º ano, em vista do meu desempenho e do meu entendimento com o Prof. Silvany Filho, fizeram com que ele me convidasse e me nomeasse monitor do curso de histologia, que desempenhei até o 3º ano, começando a minha vida de professor; mais adiante, ao terminar o curso de Anatomia Patológica, fui convidado pelo Prof. José Falcão para ser monitor desse outro curso e, finalmente, ao final do 4º ano, ao terminar a cadeira de técnica cirúrgica, o Prof .Decanio Filho me convidou para monitor dessa nova disciplina.

Assim passei meus anos de Faculdade estudando, e ao mesmo tempo ensinando aos colegas mais novos, na qualidade de monitor, em três cursos diferentes.

Gostaria de enfatizar que, nesse tempo, tive como professores outras figuras desta Casa, os Acadêmicos José Simões e o dileto mestre Antonio Jesuíno Neto.

Após a graduação, fui nomeado auxiliar de ensino da cadeira de técnica cirúrgica da Escola Baiana de Medicina e sob o comando do Prof. Decanio Filho, onde estive ligado durante os 05 anos seguintes como Professor Assistente.

Em 1966, com um grupo de 5 colegas, fundamos a Clínica Amepe, um Pronto Socorro, onde era, além de cirurgião, o diretor financeiro, e em 1967, já então casado com a Carmen, fui convidado pela Prof. Olga Mettig a participar, como professor, na área do curso básico que teria ligações com a medicina.

Com a criação da Faculdade de Educação passei a trabalhar com a Profa. Olga Mettig, e, como era no horário noturno, não impedia as minhas outras atividades médicas.

O tempo passando, e, com outro grupo de colegas fundamos uma nova clínica denominada Clínica São Marcos, onde continuava médico cirurgião e diretor, Professor da Escola Baiana de Medicina e, à noite, Professor e Vice-Diretor da Faculdade de Educação da Bahia, até as 22 horas.

Era então um grande e permanente esforço para continuar atualizando-me na área médica, aprender as técnicas da administração de empresas, aprender o possível sobre educação, aprender os meandros do ensino superior brasileiro, e ter uma rotina de trabalho entre 12 a 14 horas diárias.

Em tempos recentes, necessitei fazer opções sérias e em face do meu envolvimento familiar e da responsabilidade com a Faculdade, passei a dividir meu tempo entre a Clínica São Marcos e as Faculdades e passei definitivamente a Médico e Empresário da Educação.

Em tudo isto já são 34 anos de vida e trabalho na Educação, em que modestamente contribuí e participei em todas as suas fases, e atualmente, quando se transformaram em Faculdades Integradas, as responsabilidades aumentaram como executivo responsável pela Coordenação Geral.

E aí está o resumo da minha vida de médico e educador.

Agora amigos, como estamos num ato de posse de uma Academia de Educação, não poderia terminar este meu pronunciamento sem falar alguma coisa sobre a própria educação.

Não se preocupem porque não iniciarei uma aula.

Escolhi para os meus comentários finais o assunto que me atrai e chama a minha atenção neste momento. A educação do século XXI.

Lembremo-nos que estamos encerrando o 1º ano do século XXI, início do 3º milênio.

Farei algumas citações e comentários pontuais e objetivos, para que possamos sair daqui com os conceitos em voga atualmente e pensarmos um pouco sobre as tendências da educação do amanhã!

Vivemos a era do conhecimento e da informação e sempre acrescento, da velocidade dos fatos e da "aceleração do tempo".

Vivemos os tempos da globalização, da revolução tecnológica, dos grandes problemas ambientais e ecológicos, da exigência de competência e eficiência máximas e da concorrência sem limites.

E a minha pergunta é: Qual a tendência da educação do século XXI?.

A par de inúmeros artigos que tratam do assunto, eu gostaria de comentar dois em especial, por ter ligações com esta Academia e um terceiro que eu denomino a posição oficial dos órgãos mundiais, pois eles representam a tendência de pensamento atual. Partiremos de uma conferência da Profa.

Leda Jesuíno, em 1997, na nossa Faculdade de Educação e que foi publicada na Revista desta Academia, tratando do que ela intitulava.

Considerações Gerais da Educação Holística, Irei citar apenas os tópicos principais. Lembrava-nos que HOLOS é a palavra grega que significa inteiro .e que conseqüentemente a Educação Holística se proporia á educação do homem integral um ser bio-psíco-social e espiritual, em busca do auto-conhecimento e do sentido da própria vida.

Citava que sobre a educação pesava a responsabilidade de contribuir na formação do Homem de Amanhã e a reflexão sobre o papel que lhe cabe na construção do futuro; fazia então referências às experiências da Escola Nizhoni, em Novo México Estados Unidos, e da Universidade

Internacional de Brasília, de professor Pierre Weil, como exemplo brasileiro.

Continuava dizendo: "A educação holística passa a ter sentido na perspectiva de uma nova visão global que a educação se encaminha, dentro de uma concepção de valores humanos e morais e que, segundo Pierre Weil , o divórcio entre ciência, arte, filosofia, tradições culturais, linguagem da ciência, tecnologia e ética, seria o responsável pelo caos estabelecido"

A educação holística se propõe a desenvolver o ser através dos cinco níveis da personalidade: o físico, o emocional, o intelectual, o intuitivo e o espiritual, ou seja, a educação integral.

Em seguida, vem a referência ao segundo artigo, também publicado na Revista desta Academia, pela Profa. Bohumila Araújo, intitulado Novos Paradigmas da Educação para o 3º Milênio.

Da mesma forma citarei apenas os tópicos principais:

Disse-nos a Profa. Bohumila: "A Humanidade vive grave crise de fragmentação do conhecimento. A ciência alegando neutralidade afastou-se da ética, na medida em que não se posicionou face aos outros ramos do conhecimento, como a religião, a mística, a arte e a filosofia.

Como movimento de renovação viriam os novos paradigmas da educação, onde se destacam a transdisciplinaridade, a globalização, a visão holística que levariam à defesa do meio ambiente e ao estado de paz".

Continuava comentando que as mudanças que ocorriam na consciência do mundo, naquele momento, seriam o início da grande mutação.

A Educação romperia a separação entre as ciências físicas, biológicas e humanas, permitindo entender-se as transformações das partes e das totalidades.

A transdisciplinaridade faria as interações no interior do Sistema, eliminando as fronteiras entre as diversas disciplinas.

A globalização implicaria em mudanças culturais e o conhecimento do cosmo, do nosso planeta e de seus habitantes.

O holismo e a paxologia contestariam o materialismo como método de pensar ao tempo em que condenaria a fragmentação do conhecimento e do próprio homem.

O terceiro comentário é o que já denominei posição oficial dos órgãos mundiais.

Em 1999, a UNESCO, em Paris, solicitou a Edgar Morin, um trabalho com o objetivo de sistematizar e aprofundar a visão da transdisciplinaridade acerca da educação do amanhã.

Daí surgiu o novo texto, publicado na França em finais de 1999, e trazido e editado no Brasil, neste ano Considerando que o assunto nele explicitado, deverá influenciar as modificações que advirão na educação neste início de século, selecionei o assunto para fazer os comentários finais destas minhas observações.

Trata-se da publicação "Os Sete Saberes da Educação do Futuro".

O texto, antes da publicação correu o mundo, literalmente. Passou por vinte grandes centros em todo o mundo, tais como Centro de Estudos EURO mediterrâneo

Instituto de Estudos Integrais da Califórnia , Academia de Ciência da Rússia. Fundação de Artes do Japão. Universidades de Hungria Milão. Validolid - Espanha. Colômbia. México. Venezuela. Uruguai. Canadá. China. Zaire. Holanda e no Brasil. na Universidade do Rio

Grande do Norte. com a Profª Maria Conceição Almeida e na PUC de São Paulo com Prof. Edgard Carvalho.

As conclusões finais definem os sete saberes necessários a Educação do Futuro.

Cabe. agora a referência de que. para os pedagogos aqui presentes o assunto não é novidade. mas para maior parte dos que aqui compareceram ela sera uma informação interessante para meditarmos sobre a educação do futuro.

Sobre todos estes denominados SABERES. existe uma extensa argumentação. mas farei apenas um pequeno comentário sumarizado. afim de definir cada um deles.

1º Saber – As Cegueiras do Conhecimento :O erro e a ilusão

Comentário: "As possibilidades de erro e ilusão são múltiplos e permanentes. tanto aquelas oriundas do exterior. cultural que inibem a autonomia da mente e impedem a busca da verdade.quanto aquelas vindas do interior. que fazem com que as mentes se equivoquem de se próprias e sobre se mesmas.....

"Quanto sofrimentos foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana e de maneira aterradora no século XX. O dever principal da educação do amanhã é de armar cada um para o combate vital e lúcido".

2º Saber – Os Princípios do Conhecimento Pertinente:

Comentários: "A educação do futuro defronta-se de um lado com a inadequação cada vez mais ampla entre os saberes desunidos e compartimentados e de outro os problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, transnacionais, globais e planetários.

Para que o conhecimento seja pertinente, a educação deverá torna-los evidentes".

3º Saber – Ensinar a Condição Humana:

Comentários: "O ser humano é um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. Esta unidade está desintegrada na educação por meio das disciplinas. É preciso restaura-las. .

A condição humana deverá ser o objeto essencial de todo. o ensino.....

Admitir a tríade indivíduo- sociedade –espécie como indissolúveis..reunindo organizando os conhecimentos dispersos nas ciências da natureza, nas ciências humanas, literatura e na filosofia, evidenciando esse elo indissolúvel entre a unidade e diversidade humana."

4º Saber – Ensinar a Identidade Terrena:

Comentários "Entramos á partir do século XVI na era planetária. e encontramos-nos desde o final do século XX. na fase da mundialização.

O destino planetário do gênero humano é outra realidade chave até agora ignorada pela educação".

"Será preciso indicar o complexo da crise planetaria. mostrando que todos os seres humanos partilham de um destino comum. dos problemas da vida e da morte. á e até da possibilidade da morte ecológica".

5º Saber – Enfrentar as incertezas

Comentários: As ciências permitiram que se adquirissem muitas certezas mais revelaram. ao longo do século XX. inúmeras incertezas.

Ainda não incorporamos a mensagem de Eurípedes que dizia: O esperado não se cumpre. Devemos estar prontos para o inesperado".

"O estudo dos grandes acontecimentos e desastre do nosso século. todos inesperados. devem incitar as mentes para o inesperado. E necessário que a educação constitúa a vanguarda ante a incerteza de nossos tempos."

6º Saber – Ensinar a Compreensão

Comentários: "A compreensão é um só tempo meio e fim da comunicação humana O planeta necessita da compreensão mútua.

O desenvolvimento da compreensão pede reforma das mentalidades.

Daí a necessidade de se estudar a incompreensão a partir das suas raizes para chegarmos as bases seguras da educação para paz."

7º Saber – A Ética do Gênero Humano

Comentários – "A Educação deve considerar a ántropo ética. levando em consideração o caráter ternário da condição humana que é ser individuo- sociedade e espécie..... "A Educação deverá contribuir para a consciência da Terra Pátria e permitir que se traduza em vontade de realizar a cidadania"

Desenvolver a ética da solidariedade. a ética da compreensão. a ética do ser humano.

Diz-nos o professor Edgar Carvalho. da PUC de São Paulo. participante brasileiro do trabalho mundial: "Se o século XX consagrou uma forma de desenvolvimento que se demonstra insustentável. deve se reconhecer as novas formas de solidariedade e responsabilidade que se manifestam. e que ainda é possível que as sociedades democráticas se solidarizem. e que estes sete saberes devam garantir um mundo com mais beleza e sustentabilidade .

E o trabalho termina perguntando: "Não seria essa a missão verdadeira da ONU?

Finalmente amigos esta é a minha mensagem ao assumir uma cadeira na Academia baiana de Educação. e ao trazer este assunto para nossa meditação termino agradecendo a paciência e tolerância de escutar e a honrosa presença de todos neste ato.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO MARCELO AUGUSTO CARVALHO ROCHA

Maria Augusta Cruz Abdon*

Professor Dr. Marcelo Augusto Carvalho Rocha :

Para nós é um privilégio, uma honra excepcional saudar-vos em nome da Academia Baiana de Educação, no dia em que tomais posse na cadeira nº 38, escolhido que fostes, por unanimidade. Esta cadeira tem como patrono o educador Roberto Correia e seu primeiro ocupante a confreira, grande educadora baiana, Olga Pereira Mettig, hoje membro emérito desta Academia.

Marcelo Augusto Carvalho Rocha é filho de Dr. Sylvio Leal Pereira da Rocha (advogado de saudosa memória) e Jessenita Carvalho Rocha, tendo nascido em 22 de abril de 1941 na cidade de Salvador, no bairro Paraiso, na Rua Cipriano Barata, 43. Faz parte de uma prole de 3 filhos – juntamente com Silvio Augusto e Edilene.

Em 3 de julho de 1965 contraiu núpcias com a professora Carmem Maria Mettig, grande musicista e líder inata, com grande carisma. Desta união nasceram 5 lindos rebentos que receberam o pré-nome Paulo.

Paulo Guilherme o primogênito ansiosamente esperado, é formado em Medicina, fez doutorado e aprovado com distinção, é especialista em cabeça e pescoço, médico do Hospital Aliança, Assessor da Direção do Centro de Estudos de Pós Graduação Olga Mettig – CEPOM e prof. da Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas da UFBA.

Paulo Roberto é Jornalista e ator de sucesso. Quem desconhece o Beto Mettig?

Paulo Sérgio tem Graduação e Pós-Graduação em Turismo, é o dinâmico e eficiente Diretor da FACTUR.

Paulo Márcio é estudante de Publicidade da UNIFACS.

Paulo André é estudante de Música do IEM e Direito da UCSAL.

Para contrabalançar os cinco varões, Paulo Guilherme e Kiara lhe proporcionaram o honroso título de avô, com a chegada da linda e faceira netinha Rafaela. Esta família harmônica e feliz é enriquecida pelas presenças constantes de sua sogra, a extraordinária mulher Olga Mettig e também a presença de sua cunhada Olguinha com o filho Gustavo, a nora Sandrinha com suas encantadoras filhinhas Luiza, Gabriela e Marina (este trio é o xodó da vovó Olguinha).

Talvez, quem sabe, por este equilíbrio familiar-afetivo, Dr. Marcelo encontre a suavidade que transmite, bem como a força, a energia e a operosidade incansáveis que demonstra com certeza a ambiência psicológica, favorecendo o desempenho profissional.

* Professora da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Católica de Salvador e da Faculdade de Educação da Bahia.

Marcelo Augusto Carvalho Rocha – fez o seu curso primário na Escola Nossa Senhora Auxiliadora de Anfrisia Santiago. Cursou também, a Escola Alvine Garcez e o Colégio Nossa Senhora do Carmo, quando encontrou em Carmem a sua complementação. Concluiu o seu curso científico no Colégio Estadual da Bahia, época em que o ensino público era respeitável.

Graduou-se em Medicina, em 1964, pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. Especializou-se em Cirurgia Geral e Gastroenterologia Cirúrgica, pelo Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo em 1965. Participou de vários cursos e estágios na área médica, bem como de congressos e seminários.

Atendendo a sua curiosidade e aptidões variadas e, por força das circunstâncias, partiu para um aperfeiçoamento em outras áreas:

Análise e Administração Financeira, Organização e Métodos, Orçamento Empresarial, Computação. E na área educacional, especializou-se em Ensino Superior Particular, Avaliação Institucional no Ensino Superior, Tecnologia para o Desenvolvimento do Ensino Superior.

Marcelo Augusto Carvalho Rocha exerceu, com dedicação e competência, os cargos de Professor assistente da cadeira de Técnica Cirúrgica e de Anatomia e Fisiologia na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública e de Titular da Faculdade de Educação da Bahia.

Exerceu, também o cargo de Médico do Instituto Nacional de Previdência Social (1970/1973) e da Secretaria de Saúde Pública do Estado da Bahia (1969/1973); Médico do Instituto de Previdência do Estado da Bahia (1973/1998), médico e diretor administrativo da Clínica AMEPE Assistência Médica Permanente (1968/1974).

Foi membro do Conselho e Assessor da Associação de Hospitais do Estado da Bahia (Biênio 1973/1989).

Atualmente exerce os cargos e funções de:

Diretor Financeiro da Associação Cultural e Educacional da Bahia;

Diretor Geral das Faculdades Integradas Olga Mettig;

Diretor Administrativo da São Marcos Empreendimentos Hospitalares S.A, desde 1974;

Membro do Colegiado Superior da Faculdade de Educação da Bahia;

Sócio Fundador da Associação Cultural e Educacional da Bahia.

Várias homenagens lhe foram prestadas, mas aqui vale ressaltar uma delas, inédita, incomum nos meios

educacionais e estudantis; recebeu a homenagem dos Diretórios Acadêmicos. Os diretórios não costumam homenagear diretores.

Dr. Marcelo:

Atendendo a solicitação de meus pares para vos saudar neste momento, faço-o com alegria e profunda, emoção porque é grande a minha amizade e admiração, que se estendem a toda vossa família.

Tenho muitos motivos e todos plausíveis, para me sentir honrada com a deferência deste convite.

É que meu conhecimento com o neo-acadêmico retroage há tempos bem remotos, escoradas na minha mocidade e na vossa adolescência, quando ambos, eu professora e vós aluno, nos encontramos numa sala de aula do 2° ano científico do velho Colégio da Bahia.

Desde então, vós que fostes meu aluno de História, ganhastes nome, crescestes intelectualmente, marcastes no tempo o vosso espaço na área educacional/administrativa e médica, que conservastes diante da admiração de vossos contemporâneos, pelo próprio valor, pela retidão de vosso caráter irreversível, moralmente inabalável, com a mesma seriedade e a mesma firmeza de quando vos conheci há mais de 40 anos.

O destino, depois nos colocou um diante do outro; eu, como professora titular da disciplina Princípios e Métodos de Orientação Educacional e vós, como vice-diretor da Faculdade de Educação da Bahia.

E o tempo passa célere e eu perplexa, neófita e tímida, passo a exercer o cargo de vice-diretora, permanecendo assim, sob vossa liderança.

E o mundo gira, gira sem parar e a idealizadora e implementadora da Faculdade de Educação, Prof. Olga Mettig, continua a sonhar, sonhar e eis que surgiu com base na Faculdade de Educação, a Faculdade de Turismo, o Instituto de Educação Musical, a Faculdade Livre da 3ª Idade, a Faculdade de Administração em Comércio Exterior, em Finanças e Mercado de Capitais e Tecnologia da Informação e o Centro de Estudos de Pós Graduação Olga Mettig, o acreditado CEPOM.

Mais uma vez nos deparamos em desafio aos propósitos da prof. Olga, vós como Diretor Geral e eu como Vice-Diretora Geral das Famettig.

Desta feita, não senti-me neófita e tímida, mas, confesso, extremamente preocupada com a extensão do compromisso assumido. Dou preferências a trabalho de pequena extensão, quando são observados os detalhes, quando posso acompanhar de perto seu desempenho.

Percebo-me inquieta quando perco de vista o controle das atividades a mim atribuídas. Mas, a confiança em vossa administração suave e firme, a certeza de vossa polivalência em todos os setores percorridos, suavizam as minhas inquietações.

A seqüência dos fatos na vida fez de nós companheiros no mesmo ideal, com o mesmo propósito de contribuirmos, (vós mil vezes mais do que eu), com nossos esforços e da equipe de Diretores, coordenadores acadêmicos, professores e demais servidores, em prol das Faculdades Olga Mettig, e lembrando, sempre que "a gratidão é a memória do coração".

Daí ressaltar a importância da participação no processo social, como forma de deflagrarmos a grande revolução da Educação nesta década, referida na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, podendo contribuir, efetivamente, para a aceleração e harmonia do nosso desenvolvimento.

Dois pontos, hoje, estão na consciência de todos como da maior relevância: a importância da Educação e a do Terceiro Setor. Vivemos um período de transição, em que começa a tomar corpo a sociedade pós-capitalista com sua nova economia, a economia do conhecimento, atropelada, fustigada pela tecnologia digital e das informações, a educação e a escola passam a ser as verdadeiras riquezas das nações.

De outro lado, a globalização e a complexidade de inúmeros problemas, desafiam os governos, desnudando a sua incapacidade de soluciona-los. Com isso, passam a proliferar organizações privadas. As Faculdades Integradas Olga Mettig, já ganharam respeitabilidade, capacitação para empreender e realizar seu grande objetivo – Olga Mettig, como educadora nata não teve o direito de ter sonhos pequenos - nosso destino foi acalentar seus sonhos grandiosos e concretiza-los. Para tanto conta com o apoio do homenageado e a inestimável colaboração da Profª Lígia Magalhães "a grande batalhadora"e de suas filhas Olguinha, Carmem Maria e de seus netos.

As Organizações Não-Governamentais - ONG's, crescem em número e importância, constituindo-se no que se passou a chamar de Terceiro Setor.

A comunidade passa a assumir responsabilidades e a realizar trabalhos que, anteriormente, cabiam, apenas, ao Poder Público. É preciso, hoje reinventar o espaço público.

A prestação de serviços cresce em quantidade e qualidade, e o custo é, drasticamente, reduzido, em benefício da sociedade. A cidadania se fortalece e a democracia passa a existir, não só como ideologia, mas, concretamente, na prática do dia-a-dia. As representações governamentais se reúnem para, em conjunto, equacionar os seus problemas, e paralelamente, as ONG's fazem o mesmo, abordando os mesmos assuntos, nas mesmas localidades e no mesmo momento.

Já em 1991, em Jostiem, na Tailândia, 155 países coordenados pela Unesco decidiram, entre outras iniciativas dar prioridade à área da Educação, colocando em prática políticas que garantissem a universalização do acesso ao ensino e a redução do analfabetismo. Novos encontros se sucederam ao longo dessa última década, com os mesmos propósitos. Para não me alongar, lembremos o notável trabalho dos clubes rotarianos no mundo inteiro. Concluamos estas reflexões com a evocação de um famoso quadro do pintor renascentista Rafael, a Escola de Atenas, pintado em 1510. Ai se representam duas figuras decisivas para o paradigma ocidental: (peço permissão para descrevê-lo os meus 2 grandes mestres de Filosofia, o querido profº

Francisco Pinheiro e do meu eterno ídolo profª Leda Jesuíno dos Santos, a Joana D'arc da Educação).

No quadro do pintor Rafael, Platão e Aristótoles são expressões de dois modos de ser ou de duas filosofias de vida: o realismo e o idealismo.

Platão aponta com uma das mãos para cima, para o ideal, para o céu. Com a outra, segura o livro Timeu onde expõe a primazia das idéias sobre a realidade sensível. É o homem do mundo ideal, da essência perfeita de cada ser, dos grandes sonhos, da abertura infinita do ser humano.

Aristóteles, ao contrário, aponta para baixo, para a realidade empírica, para a terra. Segura o livro Ética, no qual aponta os princípios orientadores para a prática humana rumo à felicidade.

É o homem do realismo, dos profetas viáveis, do caminho bem definido, da prática concreta. Ambos têm sua razão de ser. Somente integrando Platão e Aristóteles, céu e terra, real e ideal, a vida poderá caminhar com os dois pés: um firme no chão e o outro levantado, com quem anda para frente, na direção certa.

Assim têm caminhado D.Olga e Dr. Marcelo, sonhando e realizando, sensíveis aos saberes alternativos, ambos são ícones da excelência humana.

Representam o desafio de construir um centro que acolha e dinamicamente sintetize as duas partes. Cada vez mais buscando uma centralidade que confira, simultaneamente, dinamismo, concreção e transparência à vida humana.

Eis aís, confrades, confreiras, senhores, senhoras, o cidadão que ora toma posse na cadeira nº 38 da nossa querida Academia Baiana de Educação.

Marcelo Augusto Carvalho Rocha, eu vos saúdo e recebo, em nome dos respeitáveis confrades e confreiras, porque, a partir deste instante esta egrégia academia também é vossa.

Discurso de Posse do Acadêmico Milton de Almeida Rabelo na Cadeira Nº 21 da Academia Baiana de Educação

Ao ingressar na egrégia Academia de Educação da Bahia, ocupando a Cadeira 21, que tem como Patrono o saudoso professor Helvécio Carneiro Ribeiro, cumpre-me tecer algumas considerações a respeito de sua marcante participação no cenário educacional de nosso Estado, onde deu continuidade com muito brilhantismo, a uma tradição familiar construída pelo seu insigne progenitor, Ernesto Carneiro Ribeiro, aureolado mestre da cultura e do saber no seu tempo, cujo conceito aumenta a cada dia que passa.

Para isso, estarei valendo-me, inicialmente, de uma Moção apresentada à consideração do Plenário do Conselho Estadual de Cultura, pelo saudoso e eminente Conselheiro Nelson Sampaio, expressa nos seguintes termos: "Este Colegiado manifesta o seu profundo pesar pelo falecimento do professor Helvécio Carneiro Ribeiro, docente do Instituto Normal Isaías Alves e Diretor do Colégio Carneiro Ribeiro, que foi toda uma vida dedicada à causa do ensino de nosso Estado, motivada por gloriosa tradição paterna e grande amor à juventude estudiosa. Destarte, desapareceu sua presença física, material, mas continuará viva na saudade de tantos amigos e admiradores, que lastimam a ausência de sua presença, do seu convívio".

Em verdade, posso acrescentar: a grandiosidade do seu talento criador, ressaltado e analisado pelo professor Benedito Ribeiro, em memorável pronunciamento, quando das comemorações que assinalaram o centenário do tradicional Colégio, que ficara por herança para ele e seu irmão Ernesto Filho. O referido Educandário, ainda em nossos dias, presta relevantes serviços à Bahia, no bairro da Liberdade, atual Rua Dr. Augusto Guimarães.

Em seu discurso, o professor Benedito, relaciona com muita propriedade, os nomes de vários docentes que conviviam com Helvécio, que vão aqui relacionados:

"Vivaldo Cairo, lutando pela existência toda, perseguindo o ideal de ser um grande escritor.

Teódulo Lins de Albuquerque que, político contestante e que se findou no pleno exercício do mandato de Deputado Federal, honrando a Bahia que representava, e as tradições de sua família de bravos sertanejos das barrancas do Rio São Francisco.

Osvaldo Pinheiro Requião, poeta primoroso, grande orador, tendo honrado e enobrecido o Ministério Público baiano com os fulgores de sua inteligência privilegiada.

Estórgio de Carvalho Filho, que pontificou na imprensa falada, escrita e televisionada do Rio de Janeiro, sob o pseudônimo de "Mister Eco".

Almeida Guedes, latinista dos mais abalizados, professor da Língua de Cícero e dos mais respeitados advogados desta terra, pela inteireza de sua cultura geral.'

Epaminondas Berbet de Castro, nos conduzindo pelos meandros da Sociologia, da Filosofia e História da Filosofia, encantando e ficando encantado com as lições de Spencer, Sócrates, Platão e Aristóteles.

Antonino de Oliveira Dias, mestre de Geografia e Literatura, elegante tal qual um ressurgido Petronius ensinava com a mesma postura com que se trajava e, diga-se com total eficiência.

Conceição Menezes, caracterizado por ser portador de uma memória gigantesca citando datas e números como verdadeira máquina de computação. Este, meu Diretor no tradicional Colégio da Bahia, na década dos anos 40.

Gelásio de Alves Farias, a figura do cavalheiro de escol, elegante, empertigado, bem falante e bem vestido, ensinando latim e traduzindo as obras dos grandes romanos, desde Esopo a Plutarco e até Cícero, cujas catilinárias ele recitava, discursando entusiasticamente.

Maxwel Porfírio, diplomado em Oxford, ensinando Inglês puramente londrino, tornando-nos amantes e admiradores acalorados das obras do dramaturgo Wiliam Shakespeare e da Velha Inglaterra.

Enfim, chegando aos mais jovens:

Diógenes Rebouças, desenhista e genial na arte de pintar e arquiteto de renome nacional.

Barachisio Lisboa, temperamental, altivo, senhor de uma inteligência invulgar, foi Secretário de Estado no governo do grande líder Otávio Mangabeira e que marcou época como um dos maiores de nossa advocacia.

Nessa constelação de enorme mérito, inseria-se o nome do meu consagrado patrono, o autêntico e legítimo educador, Professor Helvécio Carneiro Ribeiro, mestre incomparável nas cadeiras de História Natural e Instrução Moral e Cívica, abrindo aos jovens estudantes, o acendrado amor à Pátria e o devotamento às belezas da natureza e seus segredos.

Sua vinculação com a juventude, não se relacionava apenas aos limites da cidade do Salvador. Também se estendia ao interior, naquela época tão distante em razão das precárias vias de acesso, quanto aos transportes além das comunicações telefônicas inexistentes tão sofrido e esquecido. Quando dirigia ao lado do seu irmão, Ernesto

Filho, a herança oriunda do seu progenitor, figura veneranda, imortalizado pelo seu valor na célebre polêmica mantida com o "Águia de Haia", Rui Barbosa, no conhecido episódio da interpretação e grafia de um dos itens do nosso Código Civil, de onde saiu vitorioso.

Destarte, no internato do tradicional Colégio, ainda funcionando presentemente no tradicional bairro da Liberdade, vieram os Valadares de Feira de Santana, os Fraga Maia de Castro Alves, os Andrade de Itabuna e os Brito de Jequié, a querida "Cidade Sol", onde nasci e resido, com muita honra e indisfarçável orgulho, terra de governadores de nosso Estado. Em razão disto, dedico a ela e ao seu povo, particularmente aos meus ex-alunos, o galardão com o qual hoje estou sendo agraciado pela egrégia Academia de Educação da Bahia, em decorrência da excessiva generosidade de vocês, meus prezados confrades e confreiras. Peço-lhes vênia ainda, para estender esta homenagem "In Memorian", aos meus queridos pais, eles que tanto contribuíram para a minha formação moral e educacional. A minha querida irmã Zizi e a meu cunhado Dr. Antônio de Souza Barreto que tanto incentivaram para que eu aqui chegasse.

Por extensão à minha família aqui presente, meu maior tesouro, a joanina, minha esposa e companheira, às três marias, minhas filhas, verônica, jerusa e hosana e aos seus filhos, meus adoráveis netos, mateus, vinícius, joana, mariana e genros.

Por imperativo de justiça, destaco o incentivo e a acolhida que recebi, do prezado amigo e confrade, presidente desta Academia, Alírio Barbosa, meu ex-professor nos tantos cursos coordenados pelo saudoso e amigo Conselheiro Fernando Floriano na Faculdade Olga Metting na rua da Mangueira na pós-graduação Latu-Sensu, além de Astor de Castro Pessoa pelas bondosas palavras proferidas em sua saudação, com certeza bastante pródigas, em razão de uma convivência muito longa, nascida, aqui mesmo, neste espaço, quando funcionava a Secretaria de Educação do Estado e neste Conselho Estadual de Educação, eventualmente, quando convocado pelo seu Presidente, na elaboração de Pareceres de alto nível.

Finalmente, chegou o momento de me identificar, *eu sou o que sou*, na intenção de respaldar a razão que me trouxe a este Sodalício, que teve como seu fundador e primeiro presidente o Dr. Hermano Gouveia, um velho amigo que privava como eu, da intimidade da família Kilkerry onde pontificou com muito brilhantismo, o grande poeta e escritor Pedro, falecido tão prematuramente.

Ele plantou a boa semente que se transformaria em árvore frondosa, produzindo frutos sazonados, representados por grandes educadores, a exemplo do emérito Professor Hildérico Pinheiro de Oliveira, assistente por 20 anos do grande mestre Anísio Teixeira. Tive o privilégio de conviver no Colegiado do Conselho Estadual de Educação, durante quase dois mandatos com aquela figura extraordinária, desaparecida há um ano atrás. O mesmo, se identificava com esta Academia, com acendrado amor, ao lado de Edivaldo Boaventura, Maria Anália, Leda e Jesuino Neto, Ieda Barradas, Jair Santos, Consuelo Pondé, Jorge Calmon, Germano Tabacoff e tantos outros ilustres confrades e confreiras. Almejando me definir de forma cabal com o setor educacional, no decorrer de minha longa existência, embora de forma sucinta, passo a relatar o que se segue, referindo-me à minha modesta participação na condição de docente e Diretor, em estabelecimentos educacionais nos setores públicos e privados, também estabelecendo uma vivência efetiva dentro do binômio Saúde e Educação. Anoto minha condição de Odontólogo, oriundo da antiga Faculdade de Medicina, Odontologia e Farmácia, localizada no tradicional e histórico Largo do Terreiro, dirigida pelo eminente mestre Edgard Santos que seria o primeiro Reitor da Universidade Federal da Bahia, cuja posse no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, tive a oportunidade de participar na condição de integrante do Diretório Acadêmico da citada Instituição.

Na profissão odontológica, onde ainda teimo em atuar nos poucos dias que me sobram daqueles assumidos com a área educacional, sem sombra de dúvidas, permitiu-me chegar à terceira idade, gozando de total tranqüilidade, desfrutando de um nível de vida razoavelmente confortável. Nela, tive a honra de receber a chamada "Quitação Plena" concedida pelos Conselhos Regional e Nacional de classe, por ter cumprido à risca todas as normas éticas exigidas pelos seus rigorosos códigos, ao atravessar a barreira dos 50 anos, em pleno exercício profissional.

Correlato aos meus afazeres educacionais que se ampliam a cada dia, com viagens quinzenais e, até mesmo, semanais, entre Jequié e Salvador em ônibus de carreira, diurnos e noturnos, tenho alcançado uma freqüência no Conselho Estadual de forma integral. Todavia, sinto-me perfeitamente integrado e feliz, com a convivência gratificante ao lado dos meus prezados colegas e do seu corpo administrativo. Espero que eles pensem da mesma forma, quanto à minha pessoa durante dois mandatos, já perfazendo um total de dez anos de salutar convivência.

Em razão disto, não posso e não devo, deixar de externar meu profundo agradecimento aos ex-governadores Antônio Carlos Magalhães e Paulo Souto, por terem atendido a recomendação formal do atual titular do cargo no Executivo Estadual, César Borges, além da ingerência do Deputado Federal Luiz Moreira. A gratidão é o mais nobre sentimento da espécie humana. Faz parte da minha personalidade e jamais abrirei mão dela de forma alguma.

Como tantos outros que fazem educação e a praticam com fidelidade e determinação, fui um professor na sala de aula modelando caracteres no seio da juventude, tenho portanto a mais absoluta certeza de ter conquistado, junto a várias gerações de alunos, respeito e o reconhecimento. Aí se evidencia e constitui, *o meu maior patrimônio*, forjado no antigo Ginásio de Jequié, fundado pelo eminente professor Antônio Félix da Cunha Brito em 1936 e transformado mais tarde no Centro Educacional Ministro Leônidas Spinola.

Depois, no Instituto de Educação Régis Pacheco, na condição de legítima e autêntica Universidade do Ensino Médio, como é reconhecido até os nossos dias, transformado pelo atual Governador César Borges, após uma profunda reforma, num verdadeiro *monumento educacional*, onde a sua estrutura pedagógica e arquitetônica o fazem, sem dúvida, um dos mais eficientes e belos colégios da Rede Estadual de Ensino da Bahia. Quando lá estive, na condição de Diretor, consegui aplicar e implementar todos os cursos previstos e exigidos pela Lei 5.692, incluindo a área profissionalizante, mantendo cursos de Artes Industriais, Educação para o Lar e Técnicas Agrícolas, além do Magistério, Contabilidade, Fundamental e Científico. Com as chamadas Escolas Tributárias, alcançamos a matrícula de 10 mil alunos. Tudo isto com o apoio decisivo e incondicional do saudoso educador e meu colega de Conselho Estadual, Secretário de Educação Rômulo Galvão.

Deixando o IERP, fui coordenar por determinação dele próprio, a implantação do Ensino Superior, coordenando a criação da Fundação Faculdade de Formação de Professores de Jequié, com Licenciatura em Letras e Ciências. Já em 1977, no governo do eminente Professor Roberto Santos, meu colega no Exame Vestibular, a mesma foi implantada, tendo a aula inaugural proferida pelo preclaro professor de geociência Ruy Macêdo, no dia 02 de agosto do mesmo ano, o mesmo, encontra-se presente nesta solenidade como valorosa testemunha daquele evento.

Três anos após, o governador Antônio Carlos Magalhães, através de Lei Delegada 12 criou e implantou a atual Universidade Multi-Campi, com a inestimável colaboração dos Secretários Eraldo Tinôco e Kleber Pacheco. São três unidades localizadas em Vitória da Conquista, onde foi sediada sua Reitoria, Jequié e Itapetinga. Fui então nomeado para dirigir o Campus de Jequié, lá permanecendo por mais 8 anos, lecionando as disciplinas de Ética e E.P.B., inclusive dirigindo o Curso de Letras já com Licenciatura Plena e me aposentando como Professor Adjunto III, com estabilidade no cargo de Diretor.

Por um curto período de tempo, fiquei desvinculado da Universidade. Já em 1997, por iniciativa do Reitor atual, o dinâmico Professor Waldenor Alves Pereira Filho, fui honrado com o título de *Professor Emérito*, por decisão unânime do CONSEPE, um dos seus Órgãos Superiores. Ainda, fui contemplando com a colocação do meu nome no seu Pavilhão Administrativo. Também por decisão do Reitor Waldenor, fui convidado para exercer a honrosa missão de Assessor Especial no Campus de Jequié, cargo que ainda exerço com muito empenho e determinação, fazendo uma ponte entre a Reitoria, seus Campi, o Conselho Estadual de Educação, a Secretaria de Educação e o Governo do Estado, eventualmente.

Por deferência do Secretário de Educação do Município de Jequié, professor Reinaldo Moura Pinheiro, e do seu ilustre Prefeito Roberto Pereira de Brito, ambos meus ex-alunos, para minha honra, fui convidado a ocupar a Presidência do Conselho Municipal de minha terra, já por dois mandatos. Ambos executam um trabalho de grande evidência, que merece todos os ecômios, aplicando métodos revolucionários e inusitados, a exemplo das Velas Culturais, um equipamento que implica na assistência ao esporte, à informática e à cultura num só espaço. Não seria exagerado afirmar que jamais conheci no Brasil, algo parecido. Duas já funcionam e outras quatro serão implantadas. Não foi à toa que Jequié foi contemplada com o prêmio da UNICEF 2000. Apenas 2 municípios do nosso Estado o receberam - Jequié e Vitória da Conquista. O Conselho Municipal tem cumprido todas as suas metas regimentais, normativas, deliberativas e fiscalizadoras. Jequié já estando com sua saúde municipalizada, poderá a qualquer momento fazê-lo com a educação, sem a menor dúvida. Outro projeto é transformar Jequié com a titulação de "Cidade Educadora" já em curso, cuja conotação é de caráter internacional.

Por outro lado, sempre estive vinculado ao trabalho consistente no setor educacional, tocado pelos Clubes de Serviços como o Lions, Rotary e Maçonaria, mantendo convênios com o Estado e o Município, implantando escolas e núcleos educacionais de grande valor e evidência, por suas diversas Diretorias.

Também de certa forma, na condição de membro da Academia de Letras de Jequié, ocupando umas das suas cadeiras, a de nº 22 que tem como seu patrono, o saudoso Professor Antônio Félix da Cunha Brito, sob o comando do poeta e escritor Dr. Ivanildo Calheira, que vem realizando um notório trabalho no setor cultural de grande envergadura.

Destarte, sem falsa modéstia, julgo-me apto a dar-lhes, confrades e confreiras, um *depoimento ou um parecer* a respeito do processo educacional vivenciando na Bahia e em nosso país, relacionado à problemática alusiva a este importante setor, o que me parece apropriado a quem pretende ingressar numa Academia de Educação.

Sinceramente, temos alcançado inúmeras e incontáveis conquistas, no Estado e no plano Federal. Neste com a implantação de planos e programas de grande magnitude e eficiência principalmente o FUNDEF e a BOLSA ESCOLA, embora ainda distanciados dos parâmetros ideais no que diz respeito à sua aplicação correta, por algumas prefeituras. Existem ainda muitos caminhos a percorrer visando diminuir o índice de analfabetos e priorizando a escolarização nas chamadas zonas rurais. Em particular em nosso Estado, está ocorrendo um avanço acentuado no ensino pré-escolar, fundamental e principalmente no médio que tem sido alentador. Neste último, a taxa de crescimento atingiu ao percentual de 27% fato louvável e surpreendente, o mesmo acontecendo com a qualificação de docentes e com a recuperação e construção de novas unidades escolares na capital e no interior. A matrícula no Estado da Bahia, na faixa de 07 a 14 anos, atingiu o índice de 97%.

O ideal mesmo seria investir se fosse possível, ainda mais acima do índice de 25% previsto na Constituição que certamente está ocorrendo. Se assim penso, é por acreditar que a educação ao lado da saúde são as duas vertentes que poderiam alavancar o desenvolvimento social e político, este

último como desejava o grande filósofo Aristóteles, exercitado como ato de bem governar. Este posicionamento que se almeja alcançar nestes dois segmentos é um imperativo do qual não se pode fugir, embora dispendiosos e de retorno demorado, são porém de incontestável validade e sumamente compensadores.

Na Bahia, a atenção que se dispensa ao ensino superior nas suas quatro Universidades vem alcançando parâmetros confortáveis com crescimento acentuado em número de graduações, especializações, pesquisa e implementação de inúmeros cursos.

Analisando as mesmas, a começar pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), a mais antiga delas, possui um Campus de primeira grandeza, com várias licenciaturas chamadas de ponta, a exemplo de Engenharia Civil, Enfermagem, Farmácia e Biologia e, principalmente Odontologia, cujo direcionamento prioriza o setor social, com várias clínicas externas de assistência à população carente. Este status a coloca como uma das melhores do Brasil. Assim me expresso em razão de ter sido Relator no processo do seu reconhecimento, na condição de técnico na referida área.

A UNEB com seus núcleos educacionais espalhados pela capital e pelo interior certamente em sua dimensão continua é a mais extensa do país. No ano passado, inscreveram-se 52.000 candidatos em seu vestibular. Também no chamado projeto 2000 usando a qualificação de docentes para atender as exigências da nova Lei das Diretrizes e Bases tem sido elogiável o seu posicionamento.

A UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), localizada no eixo Ilhéus-Itabuna além de sua estrutura física monumental incluindo graduações das mais variadas, conseguiu quebrar um tabu que persistiu durante 200 anos, ao implantar um curso de Medicina, o único existente no interior do Estado. Tive a honra através de despretensioso Parecer a título de "Considerações Preliminares", participar desta memorável conquista, com o apoio integral do Governo do Estado, através do seu Conselho de Saúde.

Afinal a UESB (Universidade do Sudoeste da Bahia), de caráter multi-campi englobando as cidades de Vitória da Conquista (Reitoria), Jequié e Itapetinga conseguiu no espaço de vinte anos de atuação criar uma estrutura forte e substancial transformando-se numa instituição respeitável de médio porte em razão de suas graduações com relevante índices nas pesquisas, no ensino e extensão, qualificando o seu corpo docente com especialistas, mestres e doutores em número acentuadíssimos. É hoje uma Universidade sumamente credenciada e realizadora.

Sinto, porém, que a União a cada dia se descuida dessa problemática com suas Universidades Federais em pequeno número no Nordeste do Brasil todas elas passando por graves crises ocasionadas pelos reduzidos repasses de recursos financeiros, estacionada no que diz respeito ao número de vagas condições que vêm penalizar principalmente as classes mais carentes. Numa nação de dimensões continentais como a nossa, com a população de quase 200 milhões de habitantes, os percentuais de vagas em suas universidades públicas e privadas entre jovens de 15 a 25 anos atinge apenas a 2 milhões e 200 mil jovens estudantes no contexto de apenas 11% em nosso país, enquanto isto, no Chile atinge a 42% na Argentina 37% no Uruguai 16% enquanto nos Estados Unidos e Canadá respectivamente 80% e 100%. Este é o número de oportunidades de aproveitamento pouco significativo e diminuto fato que pode comprometer como vem ocorrendo o pleno desenvolvimento do País.

Em razão do que acabo de assinalar, o Brasil deve modificar com urgência a sua postura, pois das Universidades em qualquer nação dos chamados países de primeiro mundo, os técnicos e pesquisadores emanam.

Miguel Couto uns dos maiores educadores da Bahia e do Brasil afirmava sempre em seus magistrais pronunciamentos: "só existe um caminho e um norte. Educação, Educação e Educação".

É dentro desse enfoque, desta proposta salvadora e patriótica que nós educadores sempre ***sonhadores e idealistas*** *devemos nos posicionar, visando colocar este país na direção certa e adequada em busca de melhores dias. Aí então o Brasil poderá assumir o papel que lhe cabe como líder no contexto das grandes nações que lutam e trabalham pela melhoria social como um todo, nivelando todas as classes e raças com seus credos religiosos e todas as facetas em busca da paz.*

Imagino como é difícil para os senhores promoverem uma homenagem póstuma a um amigo.

O mesmo amigo que, inúmeras vezes, ao privar da convivência com os seus pares, interagiu com a vitalidade das palavras contidas em seus escritos, em suas poesias, na sua sensibilidade vibrante de poetas.

Hoje, já sem a presença desse amigo, evocam a sua lembrança. Ingrata missão, pela inexplorável obediência aos desígnios divinos.

Para mim, a emocionante tarefa de agradecer, não é menos penosa!

Se é exaltada a figura do Dr. Raimundo Nonato de Almeida Gouveia, como médico, escritor, educador ou poeta, independentemente da generosidade dos gestos, pode-se buscar em sua obra, em sua produção poética ou ainda, no sacerdócio com que praticou a medicina, os dados necessários à elaboração de uma retórica, sempre menor do que a emoção que move os que manifestam a sua admiração e apreço ao companheiro Gouveia.

O que dizer de nós, membros da sua família, que além disso tudo, conviveu prazerosamente com o pai extremado, com o chefe de família dedicado e corretíssimo, com o cidadão intransigente com a prática e os ensinamentos da cidadania?

Cada um de nós, nos sentimos um pouco homenageados, pois fomos todos envolvidos em todos os

sonhos do meu pai, participamos todos dos seus projetos de vida, da produção e do nascimento de cada um dos seus livros, dos seus hai-kais inéditos, dos seus poemas onde retratava a impertinente musa, a sua musa, que partiu antes dele, e de quem nunca a saudade arrefeceu, a sua inspiradora, a sua namorada, a sua amiga... a minha mãe.

Fomos formados, mesmo antes da univerasidade, por um professor de vida!

Suas ponderações, sempre tempestivas e sensatas, nos direcionava para o melhor desfecho.

Temos dele, a grande herança de sua trajetória de vida. Irretocável trajetória, esparzida ao longo de 27 obras literárias,

Um escritor baiano. Um educador soteropolitano, um pai universal!

Em nome da nossa família, agradeço o sentimento que emana do coração de cada um aqui presente, esperando que os integrantes dessa capa, possam avaliar profundamente o bem que fizeram aos nossos corações e onde quer que estejam Angel e Raimundo Almeida Gouveia, possam, emocionados, devolver-lhes as bênçãos dos céus!

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO MILTON RABELO NA CADEIRA Nº 26

Astor de Castro Pessoa*

Um dia, trazido pela mão amiga e generosa do meu ilustre mestre e professor Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Fundador e Presidente da Academia Baiana de Educação, aqui ingressei, com as bênçãos de Deus, eleito pela unanimidade dos meus prezados confrades e confreiras para a cadeira número 26, cujo patrono é o professor João Florêncio Gomes.

Hoje, assumo a grata responsabilidade de receber nesta egrégia Academia Baiana de Educação, um educador da mais alta respeitabilidade pela sua comprovada competência e irrefutável atuação no ensino fundamental, médio e superior, sentindo a sensação do prazer, da honra e do dever cumprido para com os meus dignos pares e a comunidade da Bahia.

Milton de Almeida Rabelo é filho de Manoel Rabelo De Santana e Silvina Almeida Rabelo, tendo nascido em 01 de abril de 1924, na cidade de Jequié, estado da Bahia, terra natal do ínclito governador dos baianos, César Augusto Rabelo Borges, sobrinho do recipiendário.

Milton Rabelo é casado com Joanina Tourinho Rabelo e tem três filhas , três Marias, Maria Verônica, Maria Jerusa e Maria Hosana, que lhe proporcionaram o honroso título de avô, ampliando a família com a chegada de Matheus, Vinicius, Joana e Mariana.

Para mim uma grande satisfação saudar-vos, professor Milton, em nome da academia baiana de educação, no dia de vossa posse, na cadeira número 21 do quadro de titulares, cujo patrono é o educador helvécio carneiro ribeiro, nome que se junta aos de Anísio Teixeira, Castro Alves e Rui Barbosa, colunas inquebrantáveis da nossa egrégia academia.

É também motivo de grande alegria para mim, saudar-vos, doutor Milton, pois os estreitos laços de amizade que nos unem, há muitos anos, foram construídos com a interviniêncdia de dois dos mais ilustres professores da querida cidade de Jequié, Flaviano Pinheiro Neto e Edna Soares Pinheiro, meus queridos cunhados e vossos diletos amigos, colegas e admiradores, que me pediram transmitir-vos os sinceros parabéns pela posse nesta egrégia academia de educação, uma vez que foram impedidos de aqui comparecerem, pessoalmente, pelos inúmeros compromissos assumidos com o colégio Antonio Pinheiro – cap, na encantadora cidade sol.

* Professora da Faculdade de Educação da Bahia, membro da Academia Baiana de Educação

Jequié está muito bem servida nos diversos segmentos da economia, graças a ação efetiva do governador do estado da Bahia, doutor César Borges e do prefeito do município, doutor Roberto Britto, fiéis integrantes do grupo político liderado por Antonio Carlos Magalhães. Na educação o setor conta com inúmeras instituições de educação básica e superior, onde estão matriculados milhares de estudantes no ensino regular, sem falar em outros milhares de alunos inscritos nos cursos de educação continuada, distribuídos entre escolas de diferentes habilitações, todas sob a lúcida orientação do secretário de estado da educação, professor Eraldo Tinoco, nosso queridíssimo confrade, que encontra a ajuda preciosa do professor Milton de Almeida Rabelo, na região.

A cidade de Jequié conta com um bom número de bibliotecas, sendo as mais importantes a mantida pela prefeitura municipal e a pertencente à universidade estadual do sudoeste da Bahia – UESB

O município berço natal do acadêmico Milton Rabelo tem sido palco de grandes congressos municipalistas, geógrafos, professores, estudantes, médicos, religiosos, maçons, rotarianos e leões, dentre outros, encaminhando também, delegações de diversos segmentos da sociedade organizada para outros tantos conclaves que se realizam no país e no exterior.

O povo jequieense participa efetivamente dos comícios, nas campanhas eleitorais e comparece em massa ao fórum e à câmara municipal dos vereadores, quando o assunto empolga a opinião pública.

Milton de Almeida Rabelo fez o seu curso primário nas escolas professora Alice Ferreira e grupo escolar Castro Alves, ambos em Jequié. Cursou no ginásio de Jequié o bacharelado em ciências e letras, denominação daquela época. Concluiu o seu curso científico no Colégio da Bahia. Graduou-se em odontologia, pela Universidade Federal da Bahia e é pós-graduado na área de História e Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Bahia, onde tenho a honra de integrar o seu corpo docente ha 22 anos.

Milton Rabelo participou do programa people to people, durante viagem de estudos a Trinidad Tobago, porto rico e Estados Unidos, visitando as universidades de George Washington - dc, da Pensilvânia (Filadélfia), de John Hopkins (Baltimore), de Columbia (New York) e de Porto Rico, para discutir aspectos da cultura brasileira, hispânica e estadunidense.

Professor Milton representou a cidade de Jequié no Encontro Nacional sobre Educação Municipal, realizado no Centro de Convenções da Bahia, com apoio do Governo do

Estado, na gestão do governador Paulo Souto, onde proferi palestra sobre a municipalização do ensino fundamental, integrando a comissão de educação da câmara de vereadores de Simões Filho.

Milton de Almeida Rabelo é professor emérito Da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, estabilizado no cargo de diretor de unidade de ensino superior e docente na faculdade de formação de professores de Jequié e Faculdade de Enfermagem, lecionando estudos de problemas brasileiros e ética. Professor Milton integrou ainda o corpo docente da Faculdade de Ciências Contábeis de Jequié.

Milton Rabelo foi docente do Centro Educacional Ministro Spínola e do Instituto De Educação Regis Pacheco – IERP, ambos em Jequié, ministrando História Geral, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil.

Doutor Milton foi diretor geral do Instituto De Educação Regis Pacheco – Ierp, em Jequié, na mesma época em que dirigí o Colégio Estadual Alípio Franca, em Salvador, oportunidade em que integramos uma comissão especial de dirigentes estaduais de educação, designada pelo assessor-chefe da secretaria da educação da Bahia, Doutor Eraldo Tinoco, para prepararmos o documento da nova estrutura dos estabelecimentos de ensino público do estado, o que efetivamente aconteceu, no governo Antonio Carlos Magalhães, sendo secretário o saudoso professor Rômulo Galvão de Carvalho, sendo substituído pelo doutor Kleber Pacheco de Oliveira.

Professor Milton foi coordenador de implantação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus de Jequié – tendo sido diretor da sua faculdade de formação de professores, oportunidade em que o recebi, por incontáveis vezes, quando dirigi o gabinete do secretário estadual da educação, Doutor Mario Costa Neto, para discutirmos assuntos de interesse da comunidade universitária do sudoeste baiano, em particular , dos seus conterrâneos jequieenses, reivindicando a expansão e a melhoria da educação superior em sua cidade, no governo do Professor Roberto Santos.

O recipiendário foi vereador, em 04 legislaturas. Presidente da câmara municipal de Jequié onde, à seu convite, proferi palestra sobre o ensino de primeiro grau na Bahia, quando dirigi o departamento estadual de educação, na gestão do secretário Carlos Santanna.

O homenageado foi prefeito do município de Jequié, em exercício, na condição de presidente da câmara de vereadores da cidade, no impedimento do titular, Antonio Lomanto Junior, que se elegera governador da Bahia. Foi presidente da UDN, da ARENA e do PDS de Jequié, tendo sido líder do bloco oposicionista (UDN-PSD-PTB) na câmara municipal de sua cidade.

Milton de Almeida Rabelo é membro titular do Conselho Estadual de Educação, integrando a câmara de educação superior e a comissão de avaliação do egrégio conselho, tendo eu o privilégio da sua enriquecedora companhia, quando convocado pelo presidente José Rogério Vargens, na condição de conselheiro suplente, ambos nomeados pelo governador César Borges.

O recipiendário foi membro do Conselho Estadual de Desportos por nomeação do então governador da Bahia, doutor Luiz Viana Filho.

Milton Rabelo é o atual presidente do conselho Municipal de Educação de Jequié; foi vice-presidente da Academia de Letras do seu querido município, sendo o titular da cadeira número 32, que tem como patrono o emérito professor Félix da Cunha Brito; foi presidente da Associação Jequieense de Imprensa e presidente da Comissão Municipal do MOBRAL da sua amada cidade sol, sendo também membro participante do Conselho Municipal de saúde do distrito sanitário de Jequié, honraria que também me foi conferida, na capital da Bahia, pelo prefeito Antonio Imbassahy.

Professor Milton foi o fundador da loja maçônica areópago jequieense e seu primeiro venerável; fundador e primeiro presidente do Lions Clube e do Clube dos Maçons de Jequié; sócio grande benemérito do Jequié Tenis Clube e seu presidente por três mandatos; atualmente é presidente honorário do Conselho Comunitário de Jequié, entidade sem conotação político-partidária ou sectarismo religioso, dedicada aos grandes interesses da comunidade jequieense e da micro região 13, integrando 25 municípios, e reunindo diversas instituições como Maçonaria, Lions, Rotary, Associação Comercial e Industrial, Clube de Diretores Lojistas, Sindicato Rural, Associação Baiana de Medicina, Ordem dos Advogados, dentre outros.

Doutor Milton recebeu a medalha do Mérito Educacional Barão de Macaúbas, concedida pelo governo do Estado da Bahia, através da Secretaria Estadual da Educação, quando dirigi o cerimonial daquela pasta, na gestão do Secretário Edivaldo Boaventura. Recebeu a Medalha do Mérito Educacional Astrê Santos, concedida pela Câmara Municipal de Jequié; a Medalha Doutor Cely de Freitas, concedida pelo Poder Legislativo jequieense; a Medalha do Exército Brasileiro, concedida pela Sexta Região Militar e a Medalha do Centenário da República, concedida pelo Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês antigo e aceito da maçonaria para a República Federativa do Brasil.

Acadêmico Milton de Almeida Rabelo. A Academia Baiana de Educação e os Educadores temos muito poder, sem dúvida: o poder de solucionar enormes problemas crônicos de nosso país. Temos riqueza também: somos ricos em realizações e pelo fato de contarmos com centenas de milhares de colegas de boa vontade, trabalhando em benefício de milhões de brasileiros carentes. E temos ambições, é claro, pois sabemos de nossa capacidade de servir e queremos fazer cada vez mais e melhor.

A educação tem na escola o seu grande laboratório, mas não pode nem deve circunscrever-se a ela. O tipo de organização social que promovemos, a dinâmica da vida social, o estilo que adotamos na administração pública,

privada e não-governamental, todos são aspectos relevantes do processo educacional.

Na atualidade brasileira e, particularmente, em estados pobres, o governo acha-se sempre a braços com uma soma de obstáculos e desafios bem superiores aos recursos públicos disponíveis. A colaboração da inteligência e do esforço voluntário é imprescindível ao desenvolvimento e à formação da sociedade democrática livre, consciente e responsável.

Nessa ordem de considerações, temos de partir da idéia fundamental de que se impõe a suplementação dos esforços, mediante a formação de conselhos e academias de que participem todos aqueles brasileiros nascidos nessas unidades federativas que possam oferecer alguma colaboração. Seria, assim, uma contrapartida cívica das elites educacionais, dos líderes das classes produtoras, dos expoentes das carreiras liberais, dentre outros. Obter-se-ia, uma participação adicional, não onerosa aos cofres públicos, carregada de experiência e de boa vontade, e pronta a examinar dentro dos parâmetros realísticos os problemas conjunturais e permanentes que lhes forem apresentados ou que julguem necessário opinar, como exemplo do que o trabalho voluntário é capaz de fazer. É o vosso caso prezado recipiendário, doutor Milton Rabelo.

Daí ressaltar a importância da participação coletiva no processo social, como meio de adicionarmos recursos ao desenvolvimento e, principalmente, como forma de deflagrarmos a grande revolução da educação e da integração nacional. Creio, pois, que a década da educação, referida na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, possa contribuir efetivamente para a aceleração e harmonia do nosso desenvolvimento.

Acadêmico Milton Rabelo. Maior do que a minha coragem em receber-vos e saudar-vos neste momento, e o faço com grande emoção, é a minha admiração e a minha amizade a vós e à vossa família. Vossa presença na Academia Baiana de Educação é um prazer para mim e para os nossos confrades Alírio de Souza, Antonio Jesuíno Neto, Cícero Pessoa, Consuelo Pondé, Edivaldo Boaventura, Enock Souza, Eraldo Tinoco, Franciso Pinheiro, Germano Machado, Germano Tabacoff, Hermano Machado, Jair Santos, João Eurico Matta, João Fernandes Da Cunha, Jorge Calmon, Sá Teles, José Newton de Souza, José Simões, Lêda Jesuíno, Luis Henrique Tavares, Maria Anália Costa Moura, Maria Augusta Abdon, Oldegar Vieira, Olga Mettig, Remy de Souza, Yêda Barradas e Zilma Parente de Barros, além de José Nilton Pereira, José Rogério Vargens e Marcelo Augusto Rocha que em breve, aqui também serão empossados. Acadêmico Milton de Almeida Rabelo, eu vos saúdo e recebo, em nome dos respeitáveis confrades e confreiras porque, à partir de agora esta egrégia casa é vossa também. Parabéns e muito obrigado a todos pela atenção.

Discurso de Posse do Prof. José Nilton Carvalho Na Cadeira nº 40 da Academia Baiana de Educação

O patrono: Sátiro de Oliveira Dias

Comecemos pelo patrono da cadeira n.º 40 desta Academia Baiana de Educação. Comecemos pelo médico, político, estadista, abolicionista e legislador educacional Sátiro de Oliveira Dias, um polivalente. Filho de Cláudio José Dias e Dona Umbelina de Oliveira Dias, nasceu na Vila do Espírito Santo de Inhambupe de Cima, em 12 de janeiro de 1844. Inhambupe, que se tornara vila pelo provimento régio de 26/6/1801. Na língua tupi-guarani, *Inhambupe* (*inhambu* = perdiz; *pé* = caminho) pode significar "caminho da perdiz". Mais apropriada, entretanto, é a versão anotada por Silveira Bueno para *inhã* (enxurrada, correnteza, água corrente) e *hupe*, segundo Márlio Pelosi Falcão era a denominação indígena do rio que margeia e dá nome à cidade. Não muito distante de Inhambupe existe hoje o município de Sátiro Dias.

Tomamos a metáfora das águas porque múltiplas foram as águas que banharam a vida de Sátiro Dias. Das águas da natividade às da Baía de Todos os Santos, em cuja cidade do Salvador construiu a vida escolar e a maior parte de sua vida profissional. Estudante de Medicina, imergiu, por ato voluntário, nas turvas águas da Guerra do Paraguai.

Laureado na guerra, combatente na paz. Navegou nas águas do Abolicionismo, que não se resumiu ao hoje quase desprezado 13 de maio: foi, antes, um dos primeiros e mais significativos movimentos populares brasileiros. Uma vez político, conseguiu ser Presidente de três províncias. Presidente das caudalosas águas da província do Amazonas (26/6/1880 - 16/5/1881) e das águas potiguares (1.º/6/1881-25/2/1882). Nas jangadeiras águas cearenses alcançou um dos seus momentos mais brilhantes como político e estadista: acolheu e aprovou a libertação de todos os escravos do Ceará, em 1884, quando lá atendia como Presidente de Província (21/8/1883 - 31/5/1884).

Advinda a República, as águas da Baía da Guanabara serviram-lhe de auréola durante dois mandatos como deputado federal, eleito pela Bahia. Tentou, sem sucesso, um terceiro mandato.

Como legislador educacional navegou em águas que até hoje mantêm respingos de modernidade. Fundador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, ao falecer em 18 de agosto de 1913, exercia o cargo de vice-presidente. Ele, que se banhou em tantas e tão diversificadas águas, morreu por ironia na Rua da Faísca, onde residia, perto do Largo Dois de Julho.

***

Em atenção aos que preferem a linearidade das circunstâncias temporais, lembremos que Sátiro de Oliveira Dias estudou no Ginásio Baiano, de Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, um dos maiores educadores brasileiros de todos os tempos. Aluno distinguido com medalha de ouro, foi redator do "Gymnasio - jornalzinho literário. Tempos depois, interrompeu a Faculdade de Medicina para, como voluntário, defender a pátria na Guerra do Paraguai, servindo nos hospitais de sangue. Voltou coberto de glórias como 1º cirurgião do Exército, segundo anotação de Teodoro Sampaio.

Retomou o curso de Medicina e revelou toda a sua aptidão para escrever ao tornar-se redator da "Revista Acadêmica", ao lado de colegas como Pacífico Pereira, Rozendo Moniz, Eutímio Soledade e lentes do porte de Virgílio Damásio. Concluiu o curso de Medicina em 1870, ano em que ingressou numa associação abolicionista que teve o ex-mestre Abílio César Borges como primeiro presidente.

Digna de registro, sua formatura em Medicina. A catedral da Sé engalanada, presentes as maiores autoridades políticas e religiosas. E Sátiro Dias, orador oficial, anuncia que o dinheiro arrecadado pela turma não seria usado nos festejos de formatura e, sim, na libertação de crianças escravas. Teodoro Sampaio no brilhante panegírico a Sátiro Dias, pronunciado em 1913, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, relembra a cena da formatura em que as mães, de joelhos, beijavam as mãos dos formandos, em agradecimento à libertação de seus filhos.

Esteve na Europa para aprimorar seus estudos médicos. Quis alcançar o magistério da Faculdade de Medicina, sem êxito. Foi, então, cooptado pela política, servindo à causa liberal. Tornou-se colaborador do Diário da Bahia, dirigido por Manoel Pinto de Souza Dantas. Elegeu-se deputado

provincial em duas legislaturas pela falange liberal e deputado geral pelo Amazonas, onde foi bem sucedido como Presidente de Província. Igualmente deram-lhe a presidir a província do Rio Grande do Norte. Alcançou o apogeu na carreira político-administrativa quando, Presidente do Ceará, soube auscultar a voz do povo e pronunciou eloqüente discurso, apoiando a abolição da escravatura naquela província, em 1884. O dirigente político dessa época continuava fiel ao orador oficial da turma de Medicina de 1870. Segundo a Prof.ª Antonieta de Aguiar Nunes, Sátiro de Oliveira Dias, até hoje, é mais popular no Ceará do que na Bahia.

Com a queda do ministério liberal, dr. Sátiro retomou a Medicina de 1885 a 1889, em sua querida Inhambupe. Em 1889, com o retorno dos liberais ao poder, assumiu o cargo de Diretor da Instrução Pública da Bahia no governo de Almeida Couto. Antes havia sido Secretário de governo do Presidente da Província, Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, que promoveu a reforma educacional de 5 de janeiro de 1881, "conhecida entre os educadores como o Regulamento Bulcão", conforme pesquisa da anteriormente citada Prof.ª Antonieta de Aguiar Nunes, que está elaborando tese de doutorado sobre Sátiro Dias.

A República o encontrou ao lado do provisório governador Manuel Vitorino Pereira, de quem passou a divergir sobre princípios e normas da Educação no Estado, embora fosse seu Diretor de Instrução Pública. Desponta, agora, o legislador educacional. Vitorino quis transformar a instrução pública em poucos meses, entre dezembro de 1889 e janeiro de 1890. A desorganização foi generalizada. Muitas escolas ficaram paralisadas sem saber como proceder.

Manuel Vitorino Pereira renunciou em abril de 1890, substituído que foi por Hermes Ernesto da Fonseca. Aconselhado por Sátiro Dias, imediatamente o novo governador fez retornar o "Relatório Bulcão", de 5 de janeiro de 1881.

E, assim, entre 1890 e 1895 acontece a famosa polêmica em torno da lei da Educação, envolvendo Manuel Vitorino e Sátiro Dias. Manuel Vitorino, um liberal de raízes urbanas, era mais avançado, mais radical. Sátiro, liberal de origem rural, queria uma reforma educacional mais contida, mais moderada, de implantação gradual.

Sátiro comandava na Câmara Estadual, tendo sido vice-presidente e depois presidente da Constituinte Estadual, cujos trabalhos ficaram conclusos com a promulgação da Constituição Estadual de 2 de julho de 1891. Vitorino liderava no Senado Estadual. O projeto de Sátiro não passava no Senado; a proposta de Manuel Vitorino não era aprovada na Câmara. Nomeou-se uma comissão mista. E desses embates educacionais surge, no governo Rodrigues Lima, a Lei Estadual n.º 117, de 24 de agosto de 1895, conhecida como Reforma Sátiro Dias. O governador Joaquim Manuel Rodrigues Lima, político de elevada sabedoria, conseguiu que se consorciassem os dois projetos.

Sátiro Dias foi Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública no governo do Conselheiro Luís Viana (1896-1900), depois de quase sete anos como Diretor Geral de Instrução, cargo subordinado à Secretaria do Interior. Na condição de Secretário implementou a nova legislação educacional, que ficou sendo conhecida como Reforma Sátiro Dias. Valorizava-se o desenvolvimento físico, moral e intelectual do educando. O ensino foi dividido em primário (obrigatório), secundário, profissional e superior. Havia ainda exames de suficiência e madureza.

Para confirmar a modernidade de Sátiro Dias como legislador educacional, basta lembrar que a lei estabelecia a requalificação bienal de professores e previa a criação de Conselhos, vinculados a sistemas municipais de educação, assunto esse que somente na última LDB (Lei n.º 9.394/96) veio a ser acolhido no plano nacional. A função básica desses Conselhos Municipais de Ensino, obedecendo, também, à Constituição Estadual de 1891, era a de criar, manter, transferir e suprimir escolas. Um fantástico avanço para aquela época.

Após a aposentadoria em 1899, Sátiro Dias elegeu-se deputado federal em 1900 e permaneceu por duas legislaturas. Como deputado, lavrou um Parecer a projeto de lei, criando cinco universidades no Brasil. Antes, na Lei de 1895, já previra a criação de uma Universidade em Salvador. Não se reelegendo deputado federal, em 1907, tornou-se depois Inspetor Federal de Educação no Ginásio Carneiro Ribeiro até 1911. Sócio fundador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, integrou a Comissão de Redação de Revista, Livros e Jornais (1895-1897) e exerceu a 1.ª Vice-presidência de 1897 a 1913, quando faleceu honrado e pobre, pobre e honrado.

O fundador: Antonino Oliveira Dias

Sobrinho paterno de Sátiro de Oliveira Dias e, com muito orgulho, fundador desta Academia Baiana de Educação, Antonino nasceu para ser professor, tornou-se professor brilhante, com destaque no curso primário, secundário, normal e na atual Educação Superior. Foi uma ilustre testemunha do século recém-findo. Viu duas guerras mundiais, viu nascer e decair o nazifacismo; presenciou a chegada do homem à lua; foi contemporâneo da penicilina de Fleming, do DNA de James Watson ou até da microinformática de Bill Gates e companhia ilimitada. Viu nascer o cinema, o rádio e a televisão. Testemunhou a Revolução dos Costumes e a Revolução Feminina, ambas a partir dos anos 60. Viu surgir o maior romance brasileiro do século XX (o Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, incluso recentemente na Europa, por um júri intercontinental, como uma das cem melhores obras de ficção de todos os tempos, ficando a n.º 1 com o Dom Quixote, de Cervantes). Acompanhou o sonho e o pesadelo do Socialismo estatal, desde a Revolução Russa de 1917 à queda do muro de Berlim. Testemunhou a Revolução de 30, a ascensão e o fim trágico de Getúlio Vargas. Presenciou a

trajetória do presidente Juscelino, o homem que fez o Brasil sorrir. Tomou conhecimento do Concretismo (1956), da construção de Brasília e da arquitetura de Oscar Niemeyer, da Bossa Nova (1958) e do Tropicalismo (1967-1968). Contemporâneo do golpe militar de 1964, pôde analisar suas conseqüências. Viu crescer o futebol (inclusas as conquistas brasileiras), o basquetebol americano e as corridas de fórmula 1. Tudo isso porque ele era professor de História. E um dos maiores êxtases para os especialistas da trajetória da humanidade é, certamente, vivenciar e pegar a História com as próprias mãos.

Nascido no bairro do Tororó em 25 de novembro de 1899, seus pais (o prof. Otaviano de Oliveira Dias, Dona Maria Batista de Matos Dias) e o destino parecem havê-lo predestinado a acompanhar o desenrolar do século XX, visto que faleceu aos 93 anos. Deixou viúva, a Sr.ª Dona Maria de Lourdes Athayde de Oliveira Dias, com quem casou em segundas núpcias, lembrando que a primeira esposa chamava-se Maria Gisélia e era irmã da segunda.

A educação básica, realizou-a em escolas do bairro de Nazaré até a formatura em 1916 pela Escola Normal. Iniciou-se no magistério em 1917, numa escola municipal que existia em frente ao Ginásio da Bahia.

Cursou a Faculdade de Direito, formando-se em março de 1925. Ingressou como professor da Escola Normal da Bahia em 1923, ensinando "Noções de Direito Público e Constitucional e Noções de Economia Política. Por aí se vê uma das qualidades do curso normal daquela época. Ainda na Escola Normal pontuou como professor de Português, substituindo o professor Pedro Barbuda. Em 1942, já catedrático do recém-criado Instituto Normal da Bahia, passou a ensinar Literatura.

Foi vice-diretor e diretor do Instituto Normal. Ocupou a Direção Geral do Departamento de Educação da à época denominada Secretaria de Educação, Saúde Pública e Assistência Social. Ainda na década de 40 tornou-se Conselheiro Estadual de Educação e Cultura. Desde os anos 20 era sempre requisitado por algumas das melhores escolas particulares da época (Colégio das Mercês, Sophia Costa Pinto, Colégio Ipiranga, etc).

Por influência de Isaías Alves, entre outros, Antonino de Oliveira Dias foi elevado à Educação Superior na novel Faculdade de Filosofia da Bahia como professor-fundador. Tendo ensinado, na Educação Básica, História da Civilização, Português e Literatura Portuguesa, Direito, Geografia Geral e do Brasil, tornou-se titular da cadeira de História Antiga e Medieval na citada Faculdade idealizada por Isaías Alves e, ainda, professor de História do Comércio, da Indústria e da Agricultura na Faculdade de Ciências Econômicas, que ajudou a criar. Atuou, também, como professor da Faculdade de Direito da UFBA. Por indicação do recém-falecido professor Auto de Castro e com incentivo dos professores Thales de Azevedo, Aristides Silva Gomes e Joaquim Batista Neves, recebeu o título de professor emérito da Universidade Federal da Bahia. Apesar de sua intensa atividade no magistério, foi também advogado seletivo, além de político militante do felpudo e manhoso PSD, que fez história entre o governo Dutra e a queda de João Goulart. Uma de suas raposas, o médico que fez carreira em Serrinha, o Dr. André Negreiros Falcão dizia: *"Favor é coisa que quem faz nunca deve lembrar; e quem recebe nunca deve esquecer."*

Quase sempre de duque ou terno, magro, alto, Antonino vestia-se como um dândi. Era cavalheiro no comportamento e nobre nas atitudes, além de exímio professor. Quem presta esse depoimento é um dos seus mais insignes alunos, um dos decanos da Contabilidade na Bahia, o multiconsagrado auditor fiscal e professor Wilson Sardinha:

> *"Dr. Antonino de Oliveira Dias foi meu professor de História Econômica, em 1951, quando fiz o curso de Ciências Econômicas da UFBA. Foi, sem dúvida alguma um dos professores mais competentes que tive em toda a minha vida universitária. Era homem elegante, educado e culto. Invariavelmente, sempre estava bem vestido, preferentemente de duque branco. Suas aulas eram brilhantemente expostas, de modo que parecia que estávamos vendo os fatos contados. É que ele não se limitava ao ensino de História Econômica, mas também a Política. Assim, contou-nos o destino dos irmãos Graco (Tibério e Caio), que procuraram desenvolver a agricultura da Roma antiga e ambos tiveram destinos inconcebíveis."*

Diz ainda o prof. Wilson Sardinha que Antonino relatava o assassinato de Júlio César de forma cinematográfica. E continua o professor:

> *"Por ocasião das solenidades de transformação da Sociedade Civil - Escola Comercial da Bahia em Fundação Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia, foi Dr. Antonino o orador oficial, como representante da Congregação da Faculdade, tendo proferido discurso que provocou calorosos aplausos da seleta assistência.*
>
> *Ingressou no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia em 26/3/1936, como professor, tendo participado das seguintes comissões temáticas: Geografia Geral (1952-1971); História Geral (1968-1969); Genealogia e Heráldica (1974-1977); Numismática (1974-1993)"* - conclui o prof. Sardinha.

No mundo de hoje, quando o nepotismo e a corrupção se alastram em, praticamente, todos os continentes, principalmente no clima tropical, há de ser relembrado um episódio que envolveu Antonino em 1923, relatado em depoimento da prof. Consuelo Pondé de Sena e do seu sobrinho Carlos Athayde. Tendo prestado concurso para professor substituto de História Universal e do Brasil na antiga Escola Normal da Bahia, viu seu nome preterido,

apesar de haver conseguido dez notas dez, numa banca de doze examinadores, entre os quais o prof. Francisco da Conceição Menezes. Pouco depois soube do ocorrido. O governador da época tinha "compromissos antecipados".

Reiteramos, afinal, que Antonino de Oliveira Dias, fundador desta Academia, foi uma vida dedicada ao exercício do magistério (em várias áreas de conhecimento) e à causa da Educação. Professor de destaque, fundou duas faculdades e colaborou com o eminente prof. Edgar Santos na fundação da Universidade Federal da Bahia.

O Presidente: Hildérico Pinheiro de Oliveira

O prof. Hildérico viveu uma infância bucólica, entre mangueiras e cajueiros do Engenho Velho de Brotas. Essa paixão perdurou por toda a vida, até os tranqüilos e aconchegantes fins de semana no sítio que construiu na estrada da CEASA e que nós, Conselheiros de Educação, tivemos oportunidade de compartilhar com ele momentos agradáveis em ágapes dominicais. Nasceu e faleceu em Salvador-BA (12/6/1921 - 5/9/2000), filho de Pedro Pinheiro de Oliveira e Egydia Figueiredo de Oliveira.

Homem determinado, fiel a seus princípios, até na vida escolar manteve-se constante, cursando apenas três escolas: o Instituto Baiano de Ensino (1929-1937), do famoso professor Hugo Balthazar da Silveira, escola do Campo da Pólvora que acolheu uma geração vitoriosa, debruçada sobre o atual Jardim Baiano em permanente contemplação à Ladeira da Fonte das Pedras; o curso anexo para Engenharia, realizado no Colégio Estadual da Bahia (o Central), em 1938-1939; e o curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica da Bahia (1940-1944).

Tal como Antonino, teve carreira marcante no magistério: de professor de Matemática do Ensino Médio no Central (1949) a catedrático de Construções Civis e Arquitetura (1958), mais tarde livre docente (1961) na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, todos por concurso. Sempre visando ao aprimoramento profissional, realizou estágio em Lisboa (1969), no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, sobre Processos de Construções Industrializadas.

Entre suas publicações destacam-se "Introdução ao Emprego Racional das Argamassas", "Iluminação Natural das Salas de Aulas", além das "Diretrizes para elaboração do Plano de Educação do Governo Luiz Viana Filho (1967-1971) e um plano de construções escolares para a cidade do Salvador.

Vê-se, pois, que sobra razão ao ilustre acadêmico Edivaldo Boaventura quando disse que o prof. Hildérico era um engenheiro-educador. O amor à Educação foi burilado em Hildérico, ao longo dos seus 79 anos, por sua duradoura e proveitosa convivência com Anísio Teixeira, cuja Fundação presidiu. Sua aproximação com o laureado educador baiano aconteceu no governo de Otávio Mangabeira, quando substituiu Fernando Santana no serviço de obras da Secretaria da Educação.

O acadêmico Hildérico Pinheiro de Oliveira destacou-se em todas as atividades colegiadas de que participou. Foi vice-presidente do CREA-BA (1957-1961). Presidente do Conselho Editorial da UFBA ((1989-1991), membro titular do Conselho Estadual de Educação (1971-2000), exceto nos quatro anos do governo Waldir Pires e Nilo Coelho (1987-1991). Na década de 90 foi vice-presidente e duas vezes presidente do Conselho Estadual de Educação. Ao falecer era presidente desta Academia Baiana de Educaçãó e Presidente licenciado da Câmara de Educação Básica do referido Conselho. A partir de 1968 sobressaiu-se como membro de comissões examinadoras de concursos, principalmente da Universidade Federal da Bahia. Sua ativa participação em seminários, congressos e conferências aconteceu desde 1966, representando ora o Conselho, ora a Secretaria Estadual de Educação, ora a UFBA. Uma conferência especial, realizou-a no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em 1987, por ocasião do cinqüentenário de falecimento de Teodoro Sampaio.

Minha amizade com o prof. Hildérico aconteceu na trajetória dos seus últimos dez anos de vida, no Conselho Estadual de Educação. Foi sempre um grande amigo, com permanentes incursões paternais. E coube a mim, por cisma do destino, realizar seu último desejo na atividade educacional. Em sessão a que presidia nesta Academia Baiana de Educação, o saudoso Prof. Hildérico apresentou-me aos ilustres confrades e confreiras como responsável pela reedição do esgotado livro-relatório de Anísio Spínola Teixeira, "*O Ensino no Estado da Bahia*", registrando sua experiência como Diretor de Instrução Pública de 1924 a 1928, no governo Góis Calmon. A publicação não coincidiu com o centenário do homenageado porque houve a necessidade de redigitar o texto, o que foi por Hildérico providenciado, com a permanente motivação de fiel discípulo do mestre Anísio. E, por cisma do destino, com a morte do nosso engenheiro-professor em 5/9/2000, a publicação só aconteceu um ano depois, aqui mesmo neste salão, no Palacete Catharino, por ocasião das homenagens prestadas a ele como ex-presidente da Academia e do Conselho.

Nessa ocasião, em meu depoimento, realcei os seguintes apontamentos:

> *"Inteligente, prático, eficiente e eficaz, franco, direto e determinado, o Prof. Hildérico não levava desaforo para casa. Mas é verdade que não guardava rancor de ninguém. É o que confirma sua dedicada e amantíssima esposa, Dona Jove (ou Juvenil Santos Oliveira, casada com ele desde 30/12/1947), credora de uma inseparável convivência de 52 anos. Seus filhos, Maria Clara e Paulo César, caminham de mãos dadas com a opinião da mãe. O Prof. Nielson, seu irmão mais novo, via-o como pai. E, juntamente com a*

inseparável irmã Glycia, confirmam o espírito de bondade e solidariedade que foi o lastro existencial e a engenharia básica do irmão amigo.

Todos os que o conheceram reconhecem o espírito satírico do Prof. Hildérico, recurso com que encantava a platéia em suas palestras, sempre densas de conteúdo. Seu humor hospedava um misto do espírito barroco baiano com a mais autêntica herança ibérica das cantigas de escárnio. Tudo isso era feito para ilustrar determinados pontos de vista.

Dona Jove confirma ainda o que todos nós já sabíamos. O Prof. Hildérico perdia o amigo, mas não perdia a piada. Mas o certo é que ele não perdia nem a piada, nem o amigo. De suas lúcidas ***boutades*** *basta uma rápida ilustração. Dizia que usar aparelho auditivo era uma vantagem. Assim, só ouvia o que lhe interessava. Outra é a do burocrata do serviço público que, afinal, resolvera dinamizar sua seção: mandou que um funcionário queimasse toda a papelada inútil que existia nos armários. Mas, por segurança, que tirasse uma cópia de cada documento"*

Lembro que estive com ele em Recife, em junho de 1997, representando o Conselho Estadual de Educação na Universidade Federal de Pernambuco, por ocasião de debate promovido pelo MEC na gestação dos atuais Parâmetros Curriculares Nacionais. Diante de uma fila, ele me disse, entre hilário e só na primeira aparência irritado: *"Zé Nilton, hoje em dia existe fila pra tudo. Até rapaz, se quiser ver a namorada, tem de entrar na fila.* Relembrei-lhe, na ocasião, que esse tema havia sido abordado, também, pelo genial nordestino Jackson do Pandeiro, rei do ritmo, do xote e da embolada.

Era assim o Acadêmico, Conselheiro e prof. Hildérico Pinheiro de Oliveira: professor vinculado à alma da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, competente Conselheiro e Acadêmico, um satírico à moda barroca, um homem dedicado à esposa, aos filhos e aos irmãos. Foi um nobre servidor das causas mais elevadas da Educação.

O Recipiendário: José Nilton Carvalho Pereira

Nessa quarta e última parte peço licença para um depoimento pessoal que, pela primeira vez, expresso em minha vida. Cheguei a Salvador em 11 de janeiro de 1968. Trazia na bagagem o respeito dos colegas e professores aracienses, visto que sempre fui (permitam-me a vaidade) o primeiro aluno da classe, além de presidente do grêmio do então Ginásio Municipal Oliveira Brito. Com incompletos dezessete anos, trazia alguma experiência como orador (geralmente de improviso), inclusive representando a cidade na inauguração da nova sede do ginásio, em 1966, na presença do ministro Oliveira Brito e do governador Lomanto Júnior. Trazia a herança cultural da prof.ª primária, Valdecy de Souza Carvalho (ainda viva) e da prof.ª Maria de Lourdes Mota Carvalho (falecida), que me despertaram um fantástico interesse por tudo o que se relacionasse a Língua Portuguesa, Literatura e História. Trazia a herança ética e o estoicismo de minha mãe, Dona Carmem (hoje com mais de oitenta anos) e de meus irmãos: Marlene, Péricles, Zélia, Edson (falecido) e Gil, considerando que fiquei órfão de pai aos quatro anos.

Retornemos a Salvador, dia 11 de janeiro de 1968. Era uma quinta-feira, lavagem do Bonfim. Fui recepcionado com uma batida no carro em que vinha, na Rua Carlos Gomes. Mas a imagem que prevaleceu não foi esta e, sim, a da Lavagem do Bonfim, da Festa do Bonfim (virando a noite de sábado para domingo) e a segunda-feira gorda da Ribeira. Era o tempo de *Domingo no Parque*, de Gilberto Gil e de *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso. As festas de largo fizeram parte de minha vida e, creio, da minha geração. Tanto que, nos festejos de formatura em Administração Pública pela Universidade Federal da Bahia uma das comemorações foi em plena festa da Conceição da Praia.

Mas era 1968. Era mil e novecentos e sessenta e oito, o ano que jamais acabou. Era o ano das revoltas estudantis na França, lideradas por Daniel, *le rouge* (ou Daniel Cohn Bendit). Naveguei do Colégio Central às passeatas entre o Campo Grande e a Praça da Sé, com direito a fugir da polícia e esconderijo nas escarpas da novíssima Avenida Contorno. A partir de 1968 aconteceu a Revolução dos Costumes, liderada pelo movimento *hippie*. Aconteceu Woodstock, e o mundo nunca mais foi o mesmo.

Vi o **AI-5** ser decretado, e isso mudou meu futuro. Era uma sexta-feira à noite, 13 de dezembro de 1968. Estava na Fonte Nova, atendendo a uma das paixões de minha vida (Bahia 3 x Vasco da Gama 1). Com o **AI-5**, eu e muitos colegas fomos tirar férias quase forçadas no interior. Um ano depois deixei o movimento estudantil, decepcionado com a hipocrisia de inúmeros pseudolíderes, exceto um: Carlinhos Marighella, filho do inteligentíssimo e legendário líder guerrilheiro Carlos Marighella.

Por conta dos anos de trevas da ditadura militar, o Direito se refugiou nos guetos. Caiu a demanda pelo vestibular de Direito. Talvez por vaidade adolescente, deixei de cursar Direito e optei por Administração Pública na UFBA. Foi nessa época que sumiu o ativista político e cresceu o professor.

***

Eu, que comecei a ministrar aulas em Salvador, ainda em 1968, por incentivo de famílias-amigas e por imperiosa necessidade de sobrevivência: eu, que por incentivo de colegas do Colégio da Bahia (Jaime, Laudelino, Eduardo, Solange, Teresa) desde o 2.º ano já elaborava apostilas de Literatura para o vestibular da UFBA (Triste Fim de Policarpo Quaresma, Memórias de um Sargento de Milícias, A Ilustre Casa de Ramires, etc.); eu, que, ente os anos de

1969 e 1972, contei com o inestimável incentivo de Toninho (funcionário) e Demeval Chaves (proprietário) para vender essas apostilas na Livraria Civilização Brasileira, eu pude assim me apresentar a um dos nascentes cursos pré-vestibulares e me tornar professor de Língua Portuguesa e Literatura, sem haver ultrapassado o batente de uma Faculdade de Letras, que também não datava de longas décadas.

8 de março de 1971, uma segunda-feira. Minha primeira aula na Faculdade de Administração como aluno, no prédio que fica na esquina da Piedade com a Av. Joana Angélica; minha primeira aula no curso pré-vestibular Integrado (o Cursão), situado na Rua da Faísca, perto do Largo Dois de Julho, para levar aos alunos conhecimentos sobre o livro *Porta de Minerva*, do autor português Branquinho da Fonseca.

O Curso Integrado não alcançou o Verão. Morreu na Primavera, por força de desorganização administrativa de um dos sócios. O outro sócio, o competente professor de Geografia Francisco Sampaio ou Chico Ceará é hoje dono de um dos maiores colégios do Nordeste brasileiro, com sede em Fortaleza.

Antes do final do ano de 1971, o Integrado foi absorvido e devorado por um gigante: o famoso Curso Águia do professor Jair de Oliveira Santos, um dos fundadores desta Academia Baiana de Educação (a quem agradeço a saudação neste dia e nesta posse), professor da Faculdade de Medicina da UFBA, professor de Física e um dos pioneiros dos cursinhos em Salvador, fundador e mantenedor do Colégio Águia e da Faculdade Castro Alves, sempre ao lado de seus competentes filhos, como Jairzinho, e de sua laboriosa e sempre presente esposa, Dona Olívia.

Com o Prof. Jair Santos obtive meu primeiro emprego formal: ele e o sócio, prof. Zé Nelson, que fizeram do Águia, no início dos anos 70, a maior e mais conceituada referência dos cursos pré-vestibulares na Bahia. Ali cheguei no último trimestre de 1971, com aulas de Gramática para o vestibular da Escola Baiana de Medicina. Ali aprendi e reaprendi muito durante o ano de 1972. Ali convivi com professores inesquecíveis como o prof. Gérson, de Inglês, o professor Roque Alcântara Menezes, de Português, o professor Zé Antônio, de Biologia (ex-diretor da Faculdade de Medicina da UFBA), o próprio professor Jair, o próprio professor Zé Nelson, além do grupo que compôs, a partir de 1973, o Curso Nobel - o maior cursinho da Bahia até hoje e, posteriormente, o Colégio Nobel, que chegou a ser o maior do Norte e Nordeste, por volta de 1984-1986, com quase 10.000 alunos.

1973. O Curso Nobel, *o curso dos cobras*, começou a funcionar no Corredor da Vitória, num casarão vizinho ao edifício Koch, com a crítica de que não ia dar certo porque ficava longe do centro de Salvador (Praça da Sé, Rua Chile, Praça Castro Alves, Av. Sete). Ali prosperaram, além do prof. Gérson, de Inglês, os fundadores (Alceu, professor de Física, atual mantenedor remanescente do Colégio Nobel; Pádua, professor de Matemática, atual mantenedor da Faculdade Rui Barbosa e do Colégio Drummond; c) Hélio Rocha, atual mantenedor do Colégio Integral e da Faculdade Hélio Rocha; Francisco Calléia, professor de Química, posteriormente fundador do Curso e Colégio Status - já falecido, e seu irmão, o ilustre professor João Calléia, mantenedor do Colégio Persona e da Faculdade Facet; Pedreira, professor de Biologia, posteriormente fundador do Colégio Antônio Pedreira, já extinto - hoje é terapeuta; Marival, professor de Física, posteriormente fundador do Curso Status e do Colégio Sistema, este já extinto; e eu, Zé Nilton, o mais jovem de todos, professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação, atual mantenedor do Colégio Apoio.

Em 1987, o Nobel transformou-se também em colégio, com apenas 12 alunos e não parou mais de crescer até 1985-1986, quando se iniciaram as cisões institucionais (entre 1984 e 1986, repetimos, o Colégio Nobel chegou a matricular perto de 10.000 alunos entre o colégio e cursinho, com aproximadamente 130 salas de aula em sete diferentes locais).

É preciso registrar que o ensino privado religioso parou de expandir no início dos anos 70, acolhendo lições do Concílio Vaticano II (1962-1965). Nesse vácuo multiplicaram-se as escolas particulares laicas, que cresceram vertiginosamente até o começo dos anos 90. A partir de julho de 1994, com o Plano Real, começou a fuga de alunos das escolas particulares, de volta para a escola pública. Até este ano de 2002, as instituições educacionais da Bahia, de Ensino Fundamental e Médio, já perderam, em média, mais de um terço dos seus alunos, em relação a 1994. Essa fuga tem ocorrido por conta da perda do poder aquisitivo da classe média, mas também por conta da inadimplência oficialmente consentida e da impunidade a favor dos maus pagadores, o que já se alastra por outros setores da economia nacional.

Ministrei aulas de pré-vestibular e 3.º ano do Ensino Médio, regularmente, de 1973 a 9997. Tive entre 27.000 e 30.000 alunos. Nos últimos anos trabalho mais com aulas de revisão e palestras. Sou produto dos cursinhos pré-vestibulares e da expansão do ensino particular. Se o ilustre professor e laureado acadêmico Jair de Oliveira Santos viu o cursinho nascer e crescer, eu e muitos outros assistimos à sua expansão, apogeu e atual decadência; decadência essa por conta da oportuna multiplicação de faculdades particulares, o que se faz necessário devido à falta de crescimento das Universidades federais. Há de se elogiar, nesse contexto, por necessidade de justiça, a expansão na última década da Educação Superior mantida pelo Estado da Bahia e capitaneada pela UNEB, com sua avançada experiência *multicampi*, e por todas as outras Universidades Estaduais: UEFS, UESC e UESB. É preciso compreender que, até 1997, enquanto a Argentina (haja crise!) contabilizava quase 10 milhões de universitários, o Brasil, com uma população muito maior, limitava-se a 2 milhões e meio.

Sobre a expansão da Educação Superior há um depoimento recente do insuspeito e pluriconsagrado ex-

governador, Reitor, Conselheiro e Professor Roberto Santos, em artigo no jornal A TARDE, do último 28 de abril:

"Assim, as matrículas nesses cursos no Brasil representam cerca de 13% da população entre 20 e 24 anos, enquanto no Chile está em torno de 27%, na Espanha de 46% e na França, de 50%. (Roberto Figueira Santos, ex-governador da Bahia, professor e ex-reitor da UFBA, ex-Conselheiro Nacional de Educação, *in* A TARDE, 28/4/2002, pág. 8.)

Somente nos últimos cinco anos, a Educação Superior se libertou do corporativismo getulista, de atmosfera pós-Segunda Guerra Mundial. Somente nos últimos cinco anos, a Educação Superior no Brasil deixou de existir a serviço exclusivo do emprego. Somente nos últimos cinco anos, a Educação Superior no Brasil passou a prosperar a serviço do emprego e da cidadania.

***

Peço um intervalo para aqui registrar o principal projeto pessoal e sentimental de minha vida. Casei em 30/5/1981. O casamento durou menos de dois anos e uma filha, Michelle, aqui presente, uma das quatro jóias de minha vida. Os outros três diamantes são Moisés, Maria Clara e Zezinho, frutos de uma união prestes a completar vinte anos, com a inseparável, solidária e afetuosa companheira Nadja Valéria. Eis a quinta jóia.

***

Voltemos à trajetória básica.

Nos últimos anos da década de 80 fui Secretário do SINEPE (Sindicato das Escolas Particulares da Bahia), na gestão da Prof.ª Yolanda Piva. Foi uma época de mudanças e, por causa do Sindicato, pude presenciar vários debates promovidos em Brasília, no ano de 1987 e 1988, durante a Assembléia Nacional Constituinte, no que se refere ao capítulo da Educação. Vi que, em decorrência do excessivo corporativismo e radicalismo daqueles dias, por muito pouco a Educação Nacional não ficou engessada a partir da Carta Magna. Deixei o Sindicato e acolhi um requintadíssimo conselho de um grande amigo, um dos maiores advogados da Bahia em todos os tempos: *"Zé Nilton, sucesso em Sindicato é quase sempre na área profissional e quase nunca na área patronal."*

Viajemos do Sindicato, dos cursos pré-vestibulares e dos colégios particulares ao Conselho Estadual de Educação, aonde cheguei em julho de 1991 e, recentemente, cumprindo o Regimento, tive o mandato renovado pela última vez, o que vai até o ano de 2006. No Conselho, nunca fui dos mais assíduos, dividido que sempre estive entre as obrigações de mantenedor do Colégio Apoio e a normatização do ensino para o Estado da Bahia. Ainda assim, tenho sido honrado com a Relatoria de importantes Resoluções como a da Reforma do Ensino Médio da rede estadual de ensino, a Resolução sobre Estágio Curricular e, principalmente, fui Relator da Reforma do Regimento Interno do Conselho Estadual de Educação.

Aqui no Conselho Deus me permitiu e me permite conviver com Conselheiros competentes e sérios, cada qual em sua respectiva área de conhecimento. Não vou citar nomes porque a lista é longa. Desde 1991 tenho aqui convivido com pessoas de destaque na vida acadêmica, na vida social e profissional, dentro e fora da Bahia. Devo, entretanto, citar três nomes que já não estão entre nós: 1) O ex-deputado, professor e acadêmico Rômulo Galvão, que muito me ensinou pelo seu pragmatismo e pós-doutorado extracurricular em sabedoria política e existencial; 2) O Conselheiro e acadêmico Fernando Floriano, com quem convivi pouco, mas o suficiente para compreendê-lo como legalista intransigente, dada a intransigência de sua seriedade; 3) O querido amigo, engenheiro e acadêmico Prof. Hildérico Pinheiro de Oliveira, com quem muito aprendi e a quem já me referi precedentemente.

Mas não esqueçamos da nobreza do Conselho Estadual de Educação. Os Conselheiros passam e eles ficam: são os seus dedicadíssimos funcionários, desde o tempo da laboriosa diretora Dona Raydalva até hoje. Entre os funcionários, permitam-me aqui homenagear as dinâmicas secretárias do Conselho, com sua elevada discrição britânica, paciência bíblica, zelo e burilamento de artesão chinês. Também não citarei nomes para evitar omissões e imprecisões no presente ou no passado.

***

No plano de meu aprendizado pessoal, cursei Administração Pública na Universidade Federal da Bahia e não concluí o curso de Letras da Universidade Católica do Salvador. Ainda não pude realizar cursos de pós-graduação ou mestrado, mas sempre tive tempo de estudar. E relembro autores que marcaram definitivamente minha formação: Rui Barbosa, Pe. Vieira, Castro Alves, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Esopo, Sêneca, Camões, Shakespeare, Voltaire, La Fontaine, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa e tantos outros. Mas relembro também um conselho de um genial general americano no fim da Segunda Guerra Mundial.

Dizia o general Pathon a seus comandados: *"O mais glorioso não é morrer pela Pátria, e sim fazer com que o soldado inimigo morra pela Pátria dele."* Há uma tênue semelhança com a vida cotidiana. Sempre achei que, entre as formas de aprendizado, três se destacam. A primeira é o aprendizado pelo estudo. A segunda é aprender com os próprios erros. A terceira é aprender com os erros dos outros. Já errei muito e continuo errando. Mas sempre preferi aprender com os erros dos outros (como sugeriu Pathon) ou

através do estudo, principalmente de Literatura e História, com ênfase em biografia e memorialismo.

Para minha felicidade, nunca fui contemplado com o sentimento do medo. Pelo menos, de modo freqüente ou permanente. Nem mesmo o famoso medo voltariano. Conta Voltaire que, no calor de uma batalha, um grupo de soldados estava com tanto medo que nem sabia como fugir. E o medo era tal que eles fugiram para cima dos adversários e passaram pelos soldados causando consideráveis baixas nas hostes inimigas. Além disso, desde cedo tenho preferido a paciência, a diligência e a determinação das formigas à vida de aparências das cigarras. Desde cedo, biblicamente aprendi que "a cada dia, sua agonia". E, principalmente, suas alegrias. Retomando o Eclesiastes, sempre compreendi que "Há tempo para tudo debaixo do sol".

***

No plano de minhas vivências como professor repasso aqui um texto de Maccari:

"MESTRE

Mestre é aquele que caminha
com o tempo, propondo paz,
fazendo comunhão,
despertando sabedoria.

Mestre é aquele que estende a mão,
inicia o diálogo e encaminha
para a aventura da vida.

Não é o que ensina fórmulas, regras,
raciocínios, mas o que questiona
e desperta para a realidade.

Não é aquele que dá de seu saber,
mas aquele que faz germinar
o saber do discípulo."

(N. Maccari)

Mestre é o que questiona e aceita ser questionado. Como professor, sempre procuramos indagar, questionar, comparar e avaliar. Sempre optamos por motivar, orientar e elogiar qualquer conquista dos nossos alunos. São seres humanos em formação, para quem o elogio é um incentivo essencial na busca de novas conquistas. Como professor e cidadão, sempre temos agradecido com sinceridade os elogios que recebemos, provindos de onde provierem. Entretanto, sempre acolhemos a crítica com especial atenção. Pelo menos, desde Santo Agostinho, conceituados pensadores ocidentais tiveram e têm essa visão. O elogio encanta; a crítica percebe a luz. O elogio, muitas vezes, anestesia a alma. A crítica burila o intelecto, a consciência. O elogio embriaga; a crítica desperta. O elogio deixa as pessoas em êxtase, paradas, estáticas, acreditando que, se tudo vai muito bem, nada de novo precisa ser feito.

É aí mesmo que está o início da decadência! A crítica, quando positiva, aguça os sentidos e a razão, aponta caminhos, ajuda a encontrar novas soluções. A crítica tem potencial construtivo. O elogio traz em si o germe da acomodação. A crítica, mesmo quando negativa, ainda que não sirva para nada, ajuda-nos a reconhecer desde o invejoso até o mais sutil inimigo.

Sempre entendi que a vida é a arte de abrir portas, e não a de fechar pequenas janelas. Até quando se fecha uma janela - dizia Machado de Assis - é preciso abrir outra, para que a consciência permaneça continuamente arejada.

Sempre acreditei na solidariedade humana como um conjunto de ações essenciais à convivência harmoniosa entre as pessoas e coexistência pacífica entre os povos. Desde os tempos mitológicos já se encontram registros sobre ações solidárias. Quando Hércules foi encarregado de cortar as cabeças da hidra de Lerna, percebeu que, para cada cabeça cortada, duas nasciam no mesmo lugar. Eis então que um jovem de nome Ioslau interveio com uma tocha acesa e, a cada cabeça cortada, ele ia cauterizando a parte decepada.

Sempre acreditei no trabalho solidário, como bem ilustra o caso do cego e do aleijado de Vítor Hugo. Conta o magistral escritor francês que havia um cego (hoje deficiente visual) passando extremas dificuldades. Não havia quem o guiasse às ruas de Paris. Foi então que ele conheceu um aleijado sofrendo semelhantes privações. Solução: Todos os dias o cego carregava o aleijado pela cidade. E assim ambos sobreviveram de forma razoavelmente digna.

A Revolução Francesa nos ofereceu o lema de "Liberdade, Igualdade, Fraternidade". E o que aconteceu nos últimos duzentos e treze anos? A partir do século XIX, o capitalismo passou a valorizar excessivamente a Liberdade em prejuízo da Igualdade; no século XX, o socialismo estatal valorizou excessivamente a Igualdade, em prejuízo da Liberdade; e até hoje a Fraternidade universal, amparada na solidariedade ampla, continua sendo uma mera utopia direcionada para o futuro.

***

No plano educacional, antevemos grandes transformações para o século XXI. A Educação do século XXI não se opõe, rigorosamente a nenhum método ou filosofia educacional dos séculos pretéritos. Busca, sim, (des)construir e (re)construir o conhecimento. Em vez de professor ativo e aluno passivo, temos agora um fluxo contínuo: professor ativo, que realimenta aluno ativo e

crítico, que realimenta professor crítico e ativo, e assim indefinidamente. É como diziam os latinos: *"Non nova, sed nove."* Não coisas novas, mas de maneira nova. Lembra, também, a Educação do século XXI duas frases de Guimarães Rosa: *"O mais bonito do mundo é isto: o homem nunca está acabado."* Nada está concluso, nada é permanente, nada é definitivo. Tudo deve ser continuamente reconstruído. E a outra frase do mago de Minas Gerais completa: *"O que eu sei é um quase nada. Mas aprendi a duvidar de quase tudo.*

***

Aqui chego à Academia. Devo esta indicação a um pensamento inicial do saudoso acadêmico e presidente desta casa Prof. Hildérico Pinheiro de Oliveira. Em homenagem a sua memória e por iniciativa própria, o atual presidente, o ilustre professor, Acadêmico e Conselheiro Prof. Alírio Fernando Barbosa de Souza levou adiante essa espinhosa empreitada, juntamente com o amigo Prof. Jair de Oliveira Santos. É evidente que contei com o incentivo especial da acadêmica e lírica Conselheira Estadual de Educação, a Prof.ª Maria Anália Costa Moura, das acadêmicas Prof.ª Leda Jesuíno e Maria Augusta Abdon, sempre muito gentis, da acadêmica e sempre incentivadora Dona Yeda Barradas Carneiro, do Conselheiro Astor de Castro Pessoa, do acadêmico José Nilton Alves de Souza (hoje completando 80 anos).

E aqui já estou sendo injusto. O perigo de citar nomes é cometer o pecado de exclusões involuntárias. Que todos os demais amigos acadêmicos considerem-se, também, citados e a todos agradeço, com sinceras escusas decorrentes do prejuízo de ordem.

Finalizando, perdoem-me Senhores acadêmicos, perdoem-me confreiras e confrades, perdoem-me colegas do Conselho Estadual de Educação, perdoem-me amigos convidados por este depoimento de natureza pessoal, registrando o que fui e o que tenho sido. Mas a inspiração proveio do lema desta colenda Academia Baiana de Educação: *"Luceat lux vestra!"*. Vossa luz brilha, resplandesce, rutila... Considerando que não resplandeço, trago aqui ouropéis ou, quando muito, chego à Academia como simples lanterna de vaga-lume.

Não há como me ombrear com o antecessor, o prof. Hildérico Pinheiro de Oliveira. Não há como me ombrear com o fundador, o prof. Antonino de Oliveira Dias e muito menos com o seu tio paterno, o patrono, o laureado Dr. Sátiro de Oliveira Dias. Temos em comum a ascendência sertaneja ou semi-sertaneja. Dr. Sátiro Dias e o irmão, pai de Antonino, são de Inhambupe. O pai de Hildérico nasceu em Barrocas, vizinho a Serrinha e Araci. E eu, de origem sertaneja araciense.

E como fico agora, cercado e precedido de astros de primeira grandeza? Como fico eu, que nem sequer sou asteróide? Espero apenas que não me ocorra o que aconteceu no passado, na Academia Baiana de Letras. O sucessor não tinha as mesmas qualificações do sucedido. E Lafaiete Spínola, ferino epigrafista de plantão, não perdoou: *"Desde que ele penetrou / Na velha Academia, / A cadeira que ocupou / Não é mais vaga, é vazia."*

Que esta Academia seja sempre para mim uma grande porta, e não a janela a que se referia Machado de Assis. Que seja oportunidade de aprendizagem, (re)aprendizagem e convivência harmoniosa. E por tudo isso, agradeço aos confrades e confreiras esta honraria. Agradeço ao Prof. Jair de Oliveira Santos a saudação especial. Por tudo isso, obrigado Academia Baiana de Educação - mestra e conselheira. *"Ecce homo"*. Aqui está seu mais novo discípulo. Aqui está seu noviço acadêmico.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

SAMPAIO, Teodoro. Discurso pronunciado no Instituto Geográfico e Histórico sobre Sátiro Dias, em 1913. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, n.º 54, parte II, pp 55-74, 1928.

NUNES, Antonieta de Aguiar. *A trajetória de um político dedicado à Educação: Sátiro de Oliveira Dias.* Coleção Gestão em Ação, v.4. n.º 2, pp. 33-47, jul-dez, 2001.

ATHAYDE, Carlos. *Um mestre muito querido* - depoimentos em homenagem ao prof. Antonino de Oliveira Dias. Salvador, EPSSAL, 1994.

OLIVEIRA, Hildérico Pinheiro de. *Curriculum Vitae*, atualizado até 1990, cedido pela viúva, Dona Juvenil Santos Oliveira.

OLIVEIRA, Hildérico Pinheiro de. *À Entrada*. Discurso de posse na Academia Baiana de Educação.

SARDINHA, Wilson Thomé. *Depoimento* - sobre o prof. Antonino de Oliveira Dias.

SANTOS, Figueira Roberto. Artigo no jornal A TARDE, 28/4/2002, pág. 8.

Discurso de Saudação Ao Prof. José Nilton Carvalho na Posse da Cadeira nº 40 da Academia Baiana de Educação

Jair de Oliveira Santos*

De início, gostaria de agradecer à Academia Baiana de Educação por nos ter concedido o privilégio de saudar em seu nome o ilustre acadêmico ora empossado na cadeira número 40 deste sodalício, Prof. José Nilton Carvalho Pereira.

Durante mais de quarenta anos de andanças pela educação, convivi, na Bahia e no Brasil, com três tipos de educadores: o educador *cogito*, o educador *faber*, e o educador *cogito-faber*. O educador *cogito*, é um pensador, e tem por objeto a meditação reflexiva sobre a educação. Busca, no seu espírito, a compreensão dos fatos educacionais, formula hipóteses e teorias sobre a atividade educativa. Vive no mundo das idéias, como o diria Platão, e na maioria das vezes se contenta com elas.

O educador *faber*, voltado para a categoria da ação, se compraz com o fazer, com o executar. É um pragmata. A ele importa o resultado, a utilidade e funcionalidade da sua ação, sua eficiência e sua eficácia. Chega mesmo a quase atingir um orgasmo intelectual quando, embevecido, contempla, se deleita e se embriaga com as conseqüências práticas de seu fazer educacional. Mas ele não parte do nada, parte das suas idéias e procura traze-las para o mundo das coisas, como um verdadeiro demiurgo, de que nos fala Platão.

O terceiro tipo de educador, mais raro, difícil de encontrar-se, misto dos dois anteriores, é o educador *cogito-faber*. Ele se dedica e se deleita com seus esforços para compreender os fatos educacionais de forma pertinente e em seus contextos, fazendo exercício da reflexão lógica, construindo argumentos a partir de premissas factuais e chegando a conclusões por elas sustentadas. Mas talvez sua satisfação maior seja executar suas idéias, e depois perceber que suas ações trouxeram resultados práticos fecundos para a comunidade e para si mesmo. Aí está sua grande realização pessoal.

A análise da trajetória educacional do Prof. José Nilton Carvalho Pereira mostra que ele sempre foi e é um educador *faber*. Preocupa-se com o dia a dia da educação, com o fazer educacional, tendo em sua mente e a nortear suas ações, um modelo de qualidade e busca da excelência na prática educativa.

José Nilton Alves Pereira nasceu no interior da Bahia, na cidade de Araci, em 12 de maio de 1951. Órfão de pai aos quatro anos, encontrou na sua família e na sua Mãe um repositório de valores virtuosos que moldaram sua personalidade. Fez o curso primário e o ginasial em sua cidade natal, o colegial em Salvador, no Colégio da Bahia Central, então um dos maiores colégios da Bahia. Graduou-se em Administração Pública pela Escola de Administração da Universidade federal da Bahia, em 1975, e cursou a Faculdade de Letras da Universidade Católica de Salvador, de 1974 a 1976.

Dedicou-se ao magistério desde 1971, tendo lecionado Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e redação em conceituados colégios e cursos preparatórios para vestibulares de Salvador, culminando com a fundação do seu colégio, o Colégio Apoio, em 1986, onde desde então exerce a função de diretor. No Apoio o Prof. José Nilton, ainda hoje, coloca em prática a experiência adquirida em outros colégios, sempre tendo em mente a busca da melhor qualidade e da excelência educacional. É membro dos mais operantes do Conselho Estadual de Educação, desde 1991, em mandatos sucessivos, expirando-se o atual em 2006. Foi presidente da Comissão de Direitos Educacionais e relator de diversas resoluções importantes do Conselho.

Uma das preocupações do Acadêmico José Nilton Pereira, no tocante à educação de hoje, é exatamente sobre a metodologia utilizada pela escola no processo ensino aprendizagem, por isto entendemos que a melhor maneira de saúda-lo quando de sua entrada nesta Academia, é discorrer sobre este e outros temas atuais que freqüentam as preocupações das mentes dos educadores de hoje.

Um dos grandes desafios da educação no século XXI é encontrar solução para a crise em que vive, quando percebe que as finalidades, o perfil do educando que se pretende formar, e a própria metodologia que a fundamenta, necessitam de revisão crítica e reformulação urgente, para atender às rápidas e profundas transformações de um mundo sob o signo da globalização. Mundo em que a especialização e a hiper-especialização são fatores preponderantes, nelas

* Diretor e Fundador da Faculdade Castro Alves e do Colégio Águia, Professor da Faculdade de Medicina da UFBA, Pedagogo, Especialista em Administração Escolar, Conferencista e ex-Presidente da Academia Baiana de Educação.

predominando a abstração dos fatos educacionais , analisados de forma não pertinente, fora de seus contextos.

Um dos males do ensino atual é a grande fragmentação do conhecimento oferecido ao educando, que não tem a competência necessária e suficiente para sistematiza-lo de forma adequada. Daí a necessidade de um esforço para incluir a interdisciplinaridade no modo de conceber e de operacionalizar a educação.

A Prof. Iraci Fazenda, em livro recente de 2001, adverte os educadores de que:

"Os currículos organizados pelas disciplinas tradicionais conduzem o aluno apenas a um acúmulo de informações que de pouco ou nada valerão na sua vida profissional, principalmente porque o desenvolvimento tecnológico atual é de ordem tão variada que fica impossível processar-se com a velocidade adequada a esperada sistematização que a escola requer".

A palavra interdisciplinaridade, de origem latina, é composta de três partes: a primeira um prefixo, *inter*, que significa *posição ou ação intermediária, interação*; outra é um sufixo, *dade*, que substantiva alguns adjetivos, atribuindo-lhes o sentido de *ação* ou *resultado de ação* ou *modo de ser*; a terceira, *disciplina* que significa *regime de ordem imposta ou livremente consentida*, ou *ordem que convém ao funcionamento de uma organização*.

Assumpção interpreta a interdisciplinaridade como um encontro que pode ocorrer entre seres – *inter* – num certo fazer, *dade*, a partir da *direcionalidade da consciência*, com a finalidade de conhecer o objeto, e com ele relacionar-se e comunicar-se. A ordem na relação, *disciplina*, seria garantida pela ação da consciência do sujeito cognoscente. Na concepção referida está pressuposta uma intersubjetividade tácita do sujeito cognoscente, que busca um encontro com o outro.

Para Assumpção, a dinâmica da interdisciplinaridade recuperaria o homem da esfacelação do seu pensar fragmentado, abrindo possibilidade para uma ontologia geral de produção de conhecimento, que implicaria na integração de ontologias regionais, com a abertura para a comunicação de diferentes mundos vividos por diferentes pessoas. Para ele, sob o ponto de vista gnosiológico, a interdisciplinaridade propiciaria a criação de um saber humano unificado.

O conceito de interdisciplinaridade ainda é objeto de discussão entre os estudiosos. Fazenda, em 2002, no livro *Interdisciplinaridade, um projeto em parceria*, considera que

" ... o termo "interdisciplinaridade" não possui ainda um sentido único e estável e (...) embora as distinções terminológicas sejam inúmeras seu princípio é sempre o mesmo. caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa".

A análise da literatura mostra entretanto que já há um consenso a respeito de alguns de seus aspectos. Segundo Lenoir, no seu ensaio sobre *"Didática e Interdisciplinaridade*, um consenso é que para haver interdisciplinaridade devem haver pelo menos duas disciplinas interagindo. Outro é de que deve haver uma interação recíproca entre as disciplinas objeto da ação interdisciplinar.

É evidente que a prática da interdisciplinaridade implica necessariamente na intenção consciente daqueles que a praticam, ou seja, depende de uma atitude prévia assumida, de um compromisso com a prática interdisciplinar.

O estudioso do Currículo Médico, quando se debruça sobre os conteúdos das disciplinas, desde as matérias básicas às profissionalizantes, apercebe-se da necessidade da interdisciplinaridade. Uma análise mais aprofundada da Fisiologia, indispensável para a compreensão do funcionamento do corpo humano, mostra que ela utiliza conhecimentos da física, química e biologia. A Psicologia atual, para melhor compreender o funcionamento do psiquismo humano, recorre aos conhecimentos da sociologia, antropologia, neurologia e das ciências da informação.

A Clínica Médica, matéria profissionalizante que tem como objetivo ensinar a prática médica cotidiana, numa atitude holística, visa promover a integração dos conhecimentos de diversas especialidades médicas: cardiologia, pneumologia, gastroenterologia, nefrologia, hapatologia e outras.

A luta dos educadores contra a especialização predominante não é recente. Em 1984, depois de anos de estudo e reflexão sobre o currículo de graduação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, publicamos o livro *Educação Médica e Humanismo*, no qual analisamos os componentes curriculares da formação do médico, e concluímos haver a necessidade de mudanças urgentes da grade curricular. Na pg.119 chamávamos a atenção para a necessidade da implantação da interdisciplinaridade, dizendo:

"Um dos aspectos do planejamento curricular (...) é a necessidade do planejamento integrado, face à sua consonância com a realidade holística da práxis médica. Tal planejamento (...) implica no exercício da interdisciplinaridade, em contraposição ao estudo de várias disciplinas de forma isolada, com conhecimentos estanques, não permitindo a desejada visão holística do paciente.

O currículo atual da Faculdade de Medicina, além de ter 45 disciplinas artificialmente divididas (...) às vezes apresenta ,numa mesma disciplina,uma dissociação entre a teoria e a prática. Faz-se mister que (...) seja promovida uma real integração entre elas (...)".

Em 1970 conceitos fundamentais foram propostos por um grupo de especialistas, inclusive da Organização

de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE):

Disciplina - conjunto específico de conhecimentos com suas próprias características sobre o plano de ensino, da formação, dos mecanismos, dos métodos e das matérias.

A palavra disciplina também é utilizada para designar uma matéria ensinada, um ramo particular de conhecimento, e também pode significar "*ciência*", sendo, no caso, equivalente a princípios, regras e métodos característicos de uma ciência particular.

Assim a palavra disciplina tanto pode se referir às disciplinas de um currículo escolar - Matemática, Física, História, Geografia, etc. – quanto a uma ciência em particular – Matemática, Física, Biologia e outras.

Multidisciplina – justaposição de disciplinas diversas desprovidas de relação aparente entre si. Exemplo: Música + Matemática + História.

Interdisciplina – interação existente entre duas ou mais disciplinas, que pode ir desde a simples comunicação de idéias até à integração mútua de conceitos.

A tendência atual mais adotada é considerar quatro tipos de relações entre disciplinas: pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

A *Pluridisciplinaridade*, um dos níveis iniciais da relação entre disciplinas, objetiva promover a *justaposição* de conteúdos de disciplinas heterogêneas. É o caso do professor do nível fundamental que justapõe os conhecimentos das diversas disciplinas fundamentais.

A *Multidisciplinaridade*, outro nível básico da relação entre disciplinas, objetiva promover a *integração*, dos conteúdos de disciplinas diferentes em uma única. É o caso da Biofísica, resultante da fusão da Biologia com a Física.

Na *Interdisciplinaridade* há uma relação de *interação recíproca* entre as disciplinas consideradas, o que possibilita o diálogo entre os interessados. É estabelecida uma *intersubjetividade* entre os interessados. Na essência da interdisciplinaridade está uma mudança de atitude em relação ao problema do conhecimento - em vez da concepção de um conhecimento fragmentado, está a de um conhecimento unitário.

A *Transdisciplinaridade* é um conceito que, no momento, é objeto de discussões, a depender de considerar-se como objeto da relação disciplinar o sujeito que age sobre as disciplinas ou os campos disciplinares considerados.

No caso de serem os campos disciplinares considerados como objetos da relação interdisciplinar, a transdisciplinaridade, é o nível mais elevado das relações entre disciplinas. Para Crema, sua acepção literal significa *transcender a disciplinaridade*. Para ele:

"Transdisciplinaridade (...) representa a convocação para a mesa de reflexão e sinergia, ao lado dos cientistas e técnicos, dos "exilados" do exaltado império da razão: os artistas, os poetas, os filósofos, e os místicos

A Universidade Holística Internacional de Brasília define transdisciplinaridade como

"O *encontro de várias áreas de conhecimento em torno de uma axiomática comum, ou princípios comuns subjacentes*".

Tal concepção de transdisciplinaridade é considerada utópica por alguns estudiosos e pressupõe uma instância científica superior, que imporia sua autoridade às demais. Para Fazenda, a transdisciplinaridade negaria a possibilidade de diálogo entre as disciplinas, condição fundamental para a existência da interdisciplinaridade.

Almeida Filho, defende em recente trabalho uma proposta alternativa de transdisciplinaridade, baseada na possibilidade do trânsito do sujeito do discurso nos diferentes campos disciplinares. Se a realidade complexa está constituída de diversos campos disciplinares A, B, C e D, para ele, a transdisciplinaridade não resultaria da construção de um nível mais elevado de conhecimento, que pressuporia a integração ascendente dos conteúdos dos campos A, B, C e D, mas sim da possibilidade do sujeito cognoscente ter um livre trânsito entre os diferentes campos A, B, C e D, seqüencialmente.

Exemplifica com o campo de um objeto complexo representado pela Saúde Coletiva, "cercado" pelos campos disciplinares da Epidemiologia, Clínica Médica, Biologia e Ciências Sociais em Saúde. Cada especialista somente teria trânsito no campo disciplinar para o qual foi treinado, ou, no máximo, para dois ou três campos em que tivesse treinamento. Para ele o profissional transdisciplinar teria acesso, durante determinado período de tempo a cada um dos campos, e poderia ter uma visão mais completa do objeto, integrando-os.

A situação descrita mostra o dissenso existente entre os estudiosos sobre conceitos básicos das relações entre disciplinas, e até mesmo a respeito do próprio objeto que deve ser considerado na relação interdisciplinar, se o sujeito cognoscente ou os campos disciplinares considerados.

Fazenda, fazendo restrições à classificação, descreve os cinco tipos de relações interdisciplinares propostos por Heckhausen apresentados a seguir:

Interdisciplinaridade Unificadora – advém de uma coerência muito estreita entre os domínios de estudo de cada disciplina considerada, havendo uma integração teórica e metodológica delas. É o caso da Biofísica, resultante da união da Física e da Biologia.

Interdisciplinaridade Heterogênea – resulta da combinação de programas de diferentes disciplinas, sendo utilizada quando é necessário adquirir-se uma

visão geral, superficial e não aprofundada, dos conteúdos de cada uma delas. Destina-se a situações em que as pessoas que utilizarão os conhecimentos interdisciplinares não necessitam de um saber mais profundo da situação, como é o caso dos professores primários e dos assistentes sociais.

Pseudointerdisciplinaridade – ocorre quando se parte do princípio de que a interdisciplinaridade buscada entre as disciplinas é decorrente de uma interação intrínseca entre elas, decorrente da utilização dos mesmos instrumentos de análise. É o caso de disciplinas que têm a Matemática como instrumento de análise comum.

Interdisciplinaridade Complementar – ocorre quando diversas disciplinas atuam nos mesmos domínios materiais e juntam-se parcialmente, criando relações complementares entre seus respectivos domínios de estudo. É o caso da Psicologia e da Biologia juntando-se para constituir a Psicobiologia; da junção Psicologia, Neurologia e Imunologia, constituindo a Psiconeuroimunologia; da Psicofisiologia, junção da Psicologia com a Fisiologia.

Interdisciplinaridade Auxiliar – a integração entre as disciplinas se faz a nível teórico, com a utilização dos mesmos métodos. É o caso da Pedagogia quando recorre aos testes psicológicos para fundamentar suas decisões a nível de ensino ou analisar, para comprovar, teorias da Educação.

A perspectiva interdisciplinar não se opõe à visão disciplinar, da qual ela depende e se alimenta. Deve ser aplicada tanto no âmbito da ciência, das disciplinas científicas, quanto no âmbito escolar, nas disciplinas do currículo escolar.

É necessário fazer distinção entre disciplinas científicas e disciplinas escolares, pois os conteúdos das últimas podem ser diferentes dos conteúdos das científicas, as quais podem ter outras finalidades epistemológicas.

Para Lenoir, a interdisciplinaridade escolar deve tratar das "matérias escolares" e não das disciplinas científicas. Considera que fazer transferência direta de conclusões de trabalhos sobre a interdisciplinaridade científica para o âmbito escolar, não é adequado pois a interdisciplinaridade escolar tem suas especificidades, que dificultam o sucesso da transferência. Cita o exemplo da transferência mal sucedida dos sistemas de classificação da interdisciplinaridade científica e seus atributos para a escolar.

Por outro lado muitas das disciplinas escolares são divorciadas da disciplina científica original e algumas delas nem mesmo se relacionam com disciplinas científicas, que têm finalidades e objetos diferentes, bem como são diferentes suas aplicações e referenciais.

Podem ser consideradas duas tendências, estabelecidas em um seminário da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE), realizado na Universidade de Linköping, na Suécia, em 1985.

A primeira perspectiva considera uma finalidade basicamente epistemológica para a interdisciplinaridade - estabelecer uma síntese conceitual do saber humano buscando a edificação de uma unidade do conhecimento. As preocupações são fundamentalmente de ordem filosófica e epistemológica Implica na pesquisa de uma superciência holística, cujo saber sintetizaria todos os outros saberes, através da unificação e integração de todos os conhecimentos científicos.

Na segunda perspectiva, a interdisciplinaridade tem finalidade instrumental, tem por objeto o saber aplicável. Tal concepção implica necessariamente em uma categoria de ação, para resolver problemas concretos, práticos,da existência cotidiana, com base em práticas particulares, específicas para cada situação. Interessa a este tipo de interdisciplinaridade um saber funcional, pragmático, útil, devendo ser utilizado para resolver os problemas sociais contemporâneos.

Acreditamos ser esta a perspectiva adequada para o educador prático, que se depara com problemas da prática pedagógica resultantes da fragmentação cada vez maior do conhecimento em disciplinas, pois é verdadeiramente impossível ao educando fazer uma síntese pertinente dos saberes fragmentados que lhe são oferecidos no processo ensino-aprendizagem.

No domínio da educação, a interdisciplinaridade escolar pode envolver situações relativas à pesquisa, ao ensino, e questões organizacionais e da prática pedagógica.

Lenoir defende que a finalidade primeira da interdisciplinaridade escolar é promover a difusão de conhecimentos – por meio da integração de aprendizagens e dos conhecimentos resultantes – além da formação de atores sociais. Para atingi-la devemos:

- Colocar em prática condições apropriadas para suscitar e sustentar o desenvolvimento de processos integradores de conhecimentos e aprendizagens. Isto pode ser conseguido mediante uma adequada organização de conhecimentos a nível do plano curricular, didático e pedagógico. O nível pedagógico compreende os aspectos práticos da educação no dia a dia, na sala de aula ou nos locais utilizados pelo processo ensino-aprendizagem.
- Estabelecer ligações entre teoria e prática.
- Estabelecer ligações entre os trabalhos de um segmento de estudo.
- Ter em mente a noção de ensino, de formação.
- Ter como sistema de referência o sujeito aprendiz e sua relação com o conhecimento.
- Ter como objetivo o estabelecimento de ligações de complementaridade entre as disciplinas escolares.

A integração das disciplinas escolares, elemento fundamental no processo de interdisciplinaridade, deve ser considerada sob o ponto de vista, do educador, do educando, e da integração do conhecimento:

- *Do ponto de vista do educador* a integração é um processo que implica na articulação curricular dos programas de estudo e de gestão, durante o planejamento educacional objeto da ação interdisciplinar.
- *Do ponto de vista do educando*, se refere à integração de suas aprendizagens, nas diferentes etapas do processo educacional, durante sua interação com os objetos de aprendizagem.
- *Como integração do conhecimento*, se refere ao resultado da aprendizagem do aluno, que é conseqüência de um processo interno de construção cognitiva, feita exclusivamente por ele. Cabe ao professor colocar em prática as condições didáticas que favoreçam a integração.

Devem ser considerados três aspectos da interdisciplinaridade escolar: a curricular, a didática e a pedagógica.

A *interdisciplinaridade curricular* é o primeiro nível a ser considerado, devendo ser priorizada e preceder às interdisciplinaridades didática e pedagógica. É o ponto de partida para ações didáticas e pedagógicas seguras e conseqüentes. Consiste no estabelecimento de ligações de interdependência, convergência e complementaridade entre as diferentes disciplinas escolares de determinado nível de ensino, a fim de permitir a criação de uma estrutura interdisciplinar baseada em orientações efetivamente integradoras.

Pressupõe a existência de disciplinas especializadas, com suas especificidades, e objetiva fazer a incorporação dos conhecimentos em um todo. Prevê a manutenção das disciplinas, porém busca a integração entre seus conteúdos através da complementaridade, dentro de uma perspectiva de troca e enriquecimento. Trabalha nas fronteira de cada disciplina, procurando romper as barreiras entre elas.

Lenoir defende esta posição, argumentando que com ela há:

"o vislumbre de uma perspectiva mais realista e sem dúvida mais fecunda, mantendo as especificidades disciplinares e de instauração de relações complementares solidamente articuladas".

Para ele:

"A interdisciplinaridade curricular exclui toda tendência à hierarquização dominante e requer a colaboração de diferentes matérias escolares em termos de igualdade, complementaridade e interdependência quanto às contribuições que podem dar e que devem existir em um processo de formação".

A ausência de interdisciplinaridade curricular pode levar a relações de dominância de determinadas disciplinas em relação a outras, ou à inexistência de ligações entre elas, como pode ocorrer em determinado estudo temático proveniente de diversas matérias, constituído de elementos diversificados, desarticulados e não contextualizados.

Quando houver dominância de determinada disciplina, o ensino será baseado essencialmente na matéria considerada mais importante, e as outras participam do processo numa situação de figurantes, num estado de servidão.

A *interdisciplinaridade didática* é o segundo nível da interdisciplinaridade escolar. Trata do planejamento, organização e avaliação da intervenção educativa. Representa um instrumento operacional da interdisciplinaridade curricular, sob o ponto de vista funcional.

Exerce uma função mediadora ao propiciar um traço de união entre o plano curricular e o plano pedagógico. Tem por objetivo a articulação dos conhecimentos interdisciplinares a serem transmitidos, bem como suas inserções nas situações de aprendizagem. Sem a interdisciplinaridade didática a curricular não tem conseqüências na prática educacional, no processo pedagógico cotidiano.

No plano didático são concebidos os instrumentos conceituais que vão guiar as práticas educativas interdisciplinares, dentro de uma visão integradora.

A *interdisciplinaridade pedagógica* é o terceiro nível da interdisciplinaridade escolar. Ela torna concreto na sala de aula o processo que se iniciou com a interdisciplinaridade curricular, continuou com a interdisciplinaridade didática e culmina com sua ação. É ela quem garante a efetividade dos modelos didáticos interdisciplinares elaborados no planejamento curricular e inserindo-os em situações pedagógicas concretas.

Pertinentemente, Lenoir ressalta que outras variáveis agem e interagem na dinâmica de uma situação real de ensino interdisciplinar, a saber: a forma como a gestão da classe é desenvolvida, o contexto em que se desenvolve o processo ensino-aprendizagem, situações de conflitos externos ou internos à sala de aula, o estado psicológico dos alunos e do professor, além de outras.

A operacionalização da interdisciplinaridade no plano pedagógico deve levar em conta as condições reais que interferem na dinâmica sala de aula, e não somente as variáveis específicas do processo de interdisciplinaridade consideradas no plano curricular e no didático.

A interdisciplinaridade pedagógica é um instrumento extremamente útil para a análise e avaliação dos modelos adotados na concepção interdisciplinar do plano curricular e do plano didático, pois oferece dados objetivos que permitem verificar suas adequações e

promover as modificações necessárias, corrigindo distorções por ventura existentes.

Comentaremos a seguir obstáculos que podem surgir durante o desenvolvimento de um ensino interdisciplinar, referidos por Fazenda:

♦ *Obstáculos epistemológicos e institucionais* – a ação interdisciplinar implica em uma mudança de atitude mental diante do problema do conhecimento. Deixa-se de privilegiar o conhecimento especializado e passa-se a privilegiar o saber unificado. Esta mudança de atitude pode ser difícil para alguns, inclusive por uma acomodação à situação estabelecida, que gerará uma reação contrária à implantação da mudança.

Por outro lado, a eliminação de barreiras entre disciplinas exige uma quebra da rigidez das estruturas institucionais, mudança esta que pode contrariar interesses de pessoas ou grupos, os quais se oporão à prática interdisciplinar;

♦ *obstáculos psicossociológicos e culturais* – diversos fatores podem surgir. Desde o medo do desconhecido, levando ao medo de perder prestígio na escola, até à falta de conhecimento do significado real da interdisciplinaridade;

♦ *obstáculos metodológicos* – a implantação de uma metodologia interdisciplinar implica na mudança da forma de desenvolvimento dos conteúdos das disciplinas envolvidas no processo, em função do novo perfil do indivíduo que se pretende formar, e isto pode trazer resistências à implantação das mudanças;

♦ *obstáculos quanto à formação do educando* – a postura do professor deixa de ser a de proprietário do saber, que ele transmite para o educando. O professor passa a ser coadjuvante de um processo educacional em que o aluno é o agente central da construção do conhecimento. Fica reservada para o professor a tarefa de criar as condições necessárias para que isto ocorra;

♦ *obstáculos materiais* – a implantação de um programa de interdisciplinaridade exige uma previsão orçamentária adequada, além de espaço e material de apoio suficientes à execução do projeto.

A cultura disciplinar especializada foi desenvolvida pela humanidade em decorrência do aumento vertiginoso das disciplinas científicas, que tornou impossível a um mesmo ser humano abranger todos os conhecimentos. Daí a necessidade de criar o especialista.

A cultura especializada trouxe diversos inconvenientes para a educação, na visão de Morin, em seu recente livro, *Os Sete Saberes Necessários à Educação no Futuro*, ele argumenta:

"As mentes formadas pelas disciplinas perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes, do mesmo modo que para integrá-los em seus conjuntos naturais".

Condena a hiper-especialização, pois ela impede a percepção do global e do essencial, dificultando tratar corretamente os problemas particulares, que só podem ser propostos e pensados em seus contextos. Para Morin o conhecimento especializado abstrai o objeto estudado de seu contexto e de seu conjunto, dificultando sua real percepção, pois o considera algo abstrato, rompendo seus laços com a realidade.

Argumenta que nossa educação nos ensinou a dividir, a separar e a isolar e não a unir os conhecimentos, e que quando somos colocados diante de tal tarefa, somos incapazes de realizá-la de modo adequado. E a incapacidade de organizar o saber disperso conduz à atrofia da disposição mental natural de contextualizar e globalizar. Isto destrói as possibilidades de compreensão e de reflexão, bem como de julgamento correto e de visão a longo prazo.

Dentro destas perspectivas, cabe á Escola encetar um movimento no sentido de restaurar um ensino com características interdisciplinares, objetivando a reunificação do saber e a manutenção desta disposição mental natural de perceber o todo, o uno.

Entendemos que a operacionalização da prática interdisciplinar em qualquer instituição pressupõe duas condições: uma, é que seja adotado um conceito operacional para interdisciplinaridade, e outra é a criação de um grupo de trabalho interdisciplinar.

Com este sentido e para a devida discussão, propomos à Faculdade Castro Alves o seguinte conceito operacional de interdisciplinaridade:

"A interdisciplinaridade escolar implica na construção coletiva de um modelo pedagógico unificado, resultante da integração dos conhecimentos de diferentes disciplinas, praticada a nível curricular, a nível didático e a nível pedagógico".

Uma instituição que se propõe a construir um modelo pedagógico interdisciplinar, deve estar consciente que o pano de fundo de suas atividades interdisciplinares não é constituído por um conjunto de conhecimentos bem estabelecidos e consensuais. Pelo contrário, os fundamentos filosóficos, gnosiológicos e epistemológicos da interdisciplinaridade carecem de consenso e, no momento, são alvo de múltiplas discussões.

A situação deve ser enfrentada com muita responsabilidade, e os passos devem ser dados criteriosamente, de forma judiciosa, previamente analisados e discutidos. O consenso grupal, sem dúvidas, gerará maior confiança e entusiasmo na execução das tarefas a serem realizadas, e são fatores indispensáveis para o sucesso.

É importante a criação na instituição um clima favorável à implantação do programa de interdisciplinaridade, a criação de uma atitude interdisciplinar, que deve contaminar a todos, pois o

programa implica em uma mudança de atitude mental diante da própria concepção e busca do conhecimento humano.

A implantação de um programa de interdisciplinaridade numa escola somente será bem sucedido se for um empreendimento coletivo, para o qual todos devem ser convocados a colaborar.

Se for feita uma intervenção educativa sem os cuidados necessários, sem o planejamento adequado pode resultar uma *pseudointerdisciplinaridade*, com conseqüências nefastas sobre o processo ensino-aprendizagem. Poderá advir uma situação pior do que a que ocorreria com o ensino de disciplinas isoladas, com conhecimentos específicos sendo o objeto da educação.

Antes da implantação do programa de interdisciplinaridade, deve ser feita a necessária e indispensável sensibilização do corpo docente, sendo constituída uma equipe de trabalho interdisciplinar, com a assessoria de especialista no assunto, para a elaboração de um plano de trabalho, para ser posteriormente discutido e aprovado pelos participantes do programa.

A escolha das disciplinas, que inicialmente farão parte de um *plano piloto*, e a forma pela qual deverão ser integradas, devem ser objeto de uma análise judiciosa. Na elaboração do projeto, considerar e respeitar os diferentes planos da interdisciplinaridade, curricular, didático e pedagógico, e somente após a avaliação criteriosa dos resultados do *plano piloto*, deverá ser feita a extensão da interdisciplinaridade para outras disciplinas e matérias curriculares.

Estas são, na nossa percepção, questões fundamentais que o educador deve considerar ao refletir e operacionalizar a interdisciplinaridade na escola.

Acadêmico José Nilton Alves Pereira: a Academia Baiana de Educação regozija-se por recebe-lo em seu seio. Particularmente, estou convicto de que o dinamismo que o caracterizou durante sua vida doravante será também utilizado para promover o crescimento cada vez maior de nossa Academia, na qual V.S. entra com muito entusiasmo e muita vontade de servir à causa da Educação na Bahia.

HOMENAGEM DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO AO EX-PRESIDENTE RAYMUNDO NONATO DE ALMEIDA GOUVEIA

DISCURSO DO ACADÊMICO ANTÔNIO JESUÍNO DOS SANTOS NETTO

Tentarei controlar as emoções para manifestar o voto de sincero e profundo pesar pelo infausto acontecimento que enche este ambiente de intensa consternação pela irreparável perda do colega, amigo e Mestre ALMEIDA GOUVEIA (RAYMUNDO).

Pretendo destacar, do imenso cabedal do homenageado, aspectos da sua atuação como médico, dos mais cultos na área científica e cultural, aliada ao humanismo no exercício profissional.

Diplomado em 1927, pertenceu a uma turma que, desde o curso médico, mostrou-se diferente e instituiu a Semana do Doutorando, apresentando trabalhos científicos de alta qualidade. A turma de 1927 foi a que conseguiu conquistar o maior número de Professores Catedráticos e Livre-docentes na vetusta e tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, a Escola do Terreiro de Jesus.

ALMEIDA GOUVEIA (RAYMUNDINHO) fez concursos e obteve a Livre-Docência em:

Higiene e Medicina Preventiva;
Clínica Obstétrica; e
Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil.

O querido confrade foi o único médico entre os 9 (nove) fundadores desta Academia.

Desde o curso médico, freqüentava a Sociedade Médica da Bahia, associação que congregava os mais eminentes professores e médicos do Hospital Santa Izabel e ocupou, pouco depois de diplomado, cargos na Diretoria.

Posteriormente, foi dos mais assíduos e destacados colaboradores da Sociedade de Medicina da Bahia, apresentando trabalhos e participando com entusiasmo dos comentários às apresentações dos outros associados.

Puericultor, as suas publicações versavam predominantemente sobre o binômio mãe-filho.

No campo da Obstetrícia, tinha verdadeira idolatria pelo Prof. MENANDRO DOS REIS MEIRELLES FILHO, amigo do seu venerando Pai, desde o tempo da Hospedaria de Imigrantes e do Desinfetório Marítimo de Monte Serrat, posteriormente Hospital de Isolamento.

Isso o levou a uma maior aproximação com o Prof. MENANDRO DOS REIS MEIRELLES FILHO, que colaborou para a fundação e construção da Maternidade Climério de Oliveira, da qual veio a ser diretor.

Entusiasmado com o Prof. Menandro, revelou que gostaria de substituí-lo na Cátedra, e uma das frustrações foi não ter conseguido.

Grande alegria estaria reservada em face do seu ingresso na Academia de Medicina da Bahia, ao ocupar a cadeira de nº 36 (trinta e seis) cujo Patrono é o seu querido Mestre MENANDRO DOS REIS MEIRELLES FILHO, e, no seu discurso de posse, ao fazer o panegírico, demonstrou o carinho e a admiração, com palavras que atestavam a sua gratidão ao seu ídolo.

Referindo-se à Academia de Medicina da Bahia, demonstra descontentamento pelo fato de ter sido convidado em 1959, mas só ter sido eleito 14 (quatorze) anos depois. E disse, em seu discurso: "[...] temos de caminhar rasgando os pés nas arestas das pedras postas para toparmos".

Fundador da Academia Baiana de Médicos Escritores, ocupou vários cargos na Diretoria, e, dos seus muitos livros publicados, destaco a série de biografias, que ele intitulava de "cavaleiros", tais como OLAVO BILAC, Cavaleiro do Amor Insatisfeito; CASTRO ALVES, Cavaleiro Audaz da Liberdade; PETHION DE VILAR, Cavaleiro do Sonho e do Ideal; AFRÂNIO PEIXOTO, Cavaleiro da Medicina; FRANCISCO MANGABEIRA, Cavaleiro das Visões Iluminadas; e DA COSTA E SILVA, Cavaleiro Amante da Sociedade.

O destaque final é para a atuação de ALMEIDA GOUVEIA (RAYMUNDO) no Instituto Bahiano de História da Medicina, sendo o mais ativo de todos, com assiduidade e pontualidade, tendo apresentado o maior número de trabalhos e enriquecendo as apresentações feitas pelos outros associados, sendo reconhecido como "História Viva da Medicina Baiana". Em decorrência do seu valor intelectual, ocupou cargos na Diretoria e foi Presidente da Instituição

* Professor da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, membro da Academia Baiana de Educação e da Academia de Medicina da Bahia.

últimos períodos, consecutivamente, sendo agraciado n a outorga do título de Presidente de Honra do Instituto ano de História da Medicina, sempre admirado, peitado e venerado pelos seus pares.

Enveredando na Poesia, publica vários livros, com ietos e trovas, encantando os leitores, que, por certo, ıtinuarão embevecidos com os seus versos, ncipalmente os dedicados à sua Musa, à Medicina, à dade, ao Monte Serrat, aos seus irmãos, à Velha :uldade.

É de justiça ressaltar o denodo e a persistência com que endia a preservação do prédio da Faculdade de Medicina, do Terreiro de Jesus, com publicação em vários jornais da Capital e periódicos publicados pelas Associações Médicas.

A figura de ALMEIDA GOUVEIA (RAYMUNDO) será sempre evocada e não perderemos as oportunidades oferecidas para exaltar a sua contribuição científico-cultural nas várias esferas do conhecimento humano.

A ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO será permanentemente grata à sua inolvidável missão.

Discurso lido durante a sessão especial da Academia Baiana de Educação, realizada na sede da entidade, na Rua da Graça, nº 292 – Salvador-Ba, em 15/05/2002

DISCURSO DO ACADÊMICO JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUZA*

A década de 70, do último século, registrou o sabrochar, aqui em Salvador, no campo educacional, de ias afins, que iriam concretizar-se no surgimento da ademia Baiana de Educação.

Vários professores, examinando a realidade por eles vida na área de sua atuação, tomaram, então, a iniciativa de ıdar, na capital baiana, um sodalício voltado para esse iverso específico.

Eu havia iniciado meu magistério em março de 1942, no tigo Ginásio Dom Macedo Costa e concluíra, em 1946, a enciatura em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Bahia, hoje Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da ·Ba. Logo após, aceitaria convite para lecionar Língua ortuguesa no Ginásio, depois Colégio São José, que se calizava na Av. Luiz Tarquínio, nº 18. Neste modelar tabelecimento de ensino, seria professor de duas distintas e teligentes jovens, Cecília e Celeste, filhas do médico e ofessor Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, do qual, os depois, Maria Ruth, minha consorte, seria aluna, no ırso de Pedagogia da Universidade Católica do Salvador.

Tais fatos geraram e reforçaram minha estima e minha lmiração pelo homenageado de hoje.

Nos intervalos de aula e em outras oportunidades, não ro trocávamos idéias sobre educação e educadores. ıbíamos que vários colegas se preocupavam, de modo real, ım a problemática educacional baiana e brasileira.

Podemos dizer que as idéias respeitantes a esse assunto ıardavam, entre nós, uma afinidade básica, alimentando, ıturalmente, a formação de um ideal comum que, chegado tempo propício, iria concretizar-se, como de fato se ıncretizou, na fundação de nossa Academia.

Vivendo esse clima, enderecei ao Prof. Raymundo onato de Almeida Gouveia a carta do teor seguinte:

Professor da Universidade Católica do Salvador, membro da Academia Baiana de Educação

"Salvador, 11 de junho de 1979

Prezado e ilustre colega professor
Raymundo Nonato de Almeida Gouveia:

Temos tido oportunidade, ultimamente, de trocar idéias sobre desagradáveis problemas que se vêm avolumado no universo educacional brasileiro.
Ambos lamentamos, mais de uma vez, doutrinas em vaga e atitudes em prática, de que discordamos ou a que fazemos restrições, como educadores que temos procurado ser.
De minha parte, sempre considerei o prezado colega realmente modelar na competência e na compustora docente que o caracterizam.
Por este motivo, julgo oportuno consultá-lo sobre a conveniência e oportunidade de ser fundada, nesta Capital, A Academia Baiana de Educadores, cujos objetivos, entre outros, seriam:

a) contribuir para o fortalecimento do ideal pedagógico, à luz da Ciência e da Fé;
b) reverenciar a memória de educadores que se distinguiram por suas virtudes profissionais, por sua vida e por suas obras;
c) unir educadores atuais, desejosos de manter o magistério em alto nível de qualidade profissional e educacional.

Temos, na Bahia, graças a Deus, pessoas em condições de formar um tal sodalício.
E o professor Raymundo Nonato de Almeida Gouveia é, em meu entender, o nome capaz de aglutiná-los. Seriam pessoas, obviamente experimentadas no magistério, com obras publicadas, ou que, pelo menos, tivessem uma

atuação educacional suficiente para justificar-lhes um lugar na entidade.
Aceite, meu caro Presidente (é este o cargo que, na futura Academia, à justa lhe caberá) esta "provocação" amiga que formulo com simplicidade, mas com muita confiança."

CORDIALMENTE

José Newton Alves de Sousa"

Ora, minha visão inicial era a de reunirmos educadores como tais, pois acreditava, como acredito, que a pessoa de cada um constituía, como de fato constitui, uma realidade singular, com um potencial individualizado e com responsabilidade ao mesmo tempo pessoal e social, decorrente de sua própria função educativa e assinalada com marca inegociável.

O grupo fundador, porém, elegeu uma denominação mais adequada, sem prejuízo, antes pelo contrário, da individualidade e valor de cada um dos acadêmicos.

E é esta mesma Academia que hoje e aqui se reúne, para homenagear, postumamente, embora, seu primeiro Presidente que, em companhia de outros, a engedrou e a estabeleceu, e continua a engrandecê-la, por força de sua ilustre e querida memória.

Seja-me, agora, permitida outra referência de ordem pessoal mas que, de algum modo, se prende ao prof. Raymundo Nonato de Almeida Gouveia.

Duas vezes, em 1947, a primeira, e vários anos depois a segunda, busquei a obtenção de títulos universitários de nível pós-graduado. Em 1947 inscrevera-me, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, como candidato ao doutoramento. Minha tese versaria sobre o fanatismo e o cangaceirrismo no Nordeste brasileiro. Dois eminentes mestres estavam em vista para a escolha do orientador: Frederico Edelweiss e Thales Olympio Góes de Azevedo.

O tema receberia um tratamento em que se articulariam, organicamente, a Antropologia e a Sociologia, um tanto à maneira de Gilberto Freyre.

Ora, naquele mesmo ano de 1947, a professora Edith Mendes da Gama e Abreu, que me ensinara Didática Geral no Curso de Licenciatura, me estimulara no sentido de cursar Letras Clássicas, cujo vestibular enfrentei com êxito.

Não dei continuidade a esse curso, por força de obrigações docentes junto a vários estabelecimentos de ensino, o que me assegurava o sustento aqui em Salvador. Decidi, então, trancar a inscrição para o doutoramento e interromper, sem retorno, o curso de Letras Clássicas. A preponderância da consciência docente, dentro das coordenadas daquele tempo, privou-me de ambas as pretensões referidas, mas não me frustrou como educador.

Decorridos vários anos, estava eu em gozo de férias em minha cidade natal, quando fui advertido por um professor de Universidade Federal do Ceará, de que em breve estaria encerrado o tempo hábil para a obtenção da Livre Docência, nos moldes então vigentes. Acolhi, esperançoso, a advertência. Tomei as providências inicias exigidas, entre as quais a do registro, no Departametno de Educação da Universidade Federal do Ceará, de minha tese intitulada "Por uma Sociologia da Universidade", tendo como subtítulo (Aspectos de uma visão discentocêntrica da Universidade), impressa na Editora Mensageiro da Fé Ltda., desta Capital, e encaminhei, formalmente, os exemplares regimentais.

Dez anos, a partir de então, defluiram, sem que eu fosse convocado para a defesa de tese. É que as Universidades Federais atravessavam (o que, infelizmente não é novidade ainda hoje) grave crise e natureza financeira, inviabilizando-lhes gastos, regularmente desembolsáveis, em setores qual o da realização de concursos que, por via de regra, envolvem despesas de certo porte.

Desisti, então, de concorrer à Livre Docência, cujo título equivalia ao de doutor.

Achei por bem distribuir minha tese entre pessoas e entidades do ensino superior do País. O prof. Raymundo Nonato de Almeida Gouveia foi um dos que primeiro a receberam . Comentando-a comigo, discordou da intenção evidenciada no subtítulo, no entendimento de que era o docente e, não, o discente, o centro da Universidade. Nada respondi, porém, na ocasião.

É claro que o tema de minha tese havia sido opcional, mas não excludente, pois o autor entendia e entende que, para trabalhos como o que estava em apreciação, o ângulo escolhido poderia ser outro, sem detrimento de qualquer das demais categorias da estrutura universitária.

Posteriormente, considerando o caso com a devida isenção, e levando em conta a admirável vida educacional do prof. Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, cheguei à conclusão de que ele de tal modo sentia, vivia e avaliava o magistério, que chamava para si próprio, e queria que todos fizessem o mesmo, um comprometimento essencial, uma postura permanente e vivificante, uma tal imersão no universo educacional, inclusive no universitário, que o ser docente e, nesse universo, supunha uma centralidade impositiva, imperiosamente pela competência e pelo devotamento.

De fato, o saudoso Prof. Raymundo Nonato de Almeida Gouveia de tal maneira viveu e valorizou a Educação que, sem jamais a separar da Medicina, em que, com grandeza, também atuou, deixou para a sua e as demais gerações um rico ideário pedagógico, contido no livro que intitulou "Verdades fundamentais em Educação – Aportes à Sociologia da Educação". Salvador, Ba. 1997 – Uma súmula do seu pensamento, uma prova inconteste de sua cultura e de sua consciência profissional.

Que o seu exemplo e a sua memória sejam cultivados nesta Academia, de que era fundamento e que ele tanto amou e soube honrar.

Discurso lido durante a sessão especial da Academia Baiana de Educação, realizada na sede da entidade, na Rua da Graça, nº 292 – Salvador-Ba, em 15/05/2002.

Estatuto da Academia Baiana de Educação

(Adaptado à Reforma publicada no diário oficial de 16/05/1997)

Capítulo I
Natureza, Sede, Foro e Duração

Art. 1º - A Academia Baiana de Educação, fundada em 09 de setembro de 1982, associação cultural sem fins lucrativos, com sede e foro na Cidade de Salvador, Capital do Estado da Bahia e prazo de duração indeterminado, reger-se-á pelas disposições deste Estatuto, normas regimentais que adotar e demais dispositivos legais aplicáveis.

Parágrafo Único - A Instituição, que funcionou regularmente desde a supracitada data, passa a ter personalidade jurídica a partir do registro deste Estatuto.

Capítulo II
Finalidade e Competência

Art. 2º - A Academia tem por finalidade estudo e pesquisa, definição e interpretação dos fatos, fenômenos e problemas da educação e ensino na sua acepção geral, competindo-lhe, como órgão de cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações no campo educacional:

I - manter intercâmbio com as congêneres nacionais e estrangeiras, demais instituições e órgãos culturais, oficiais e particulares, relacionados com a educação e o ensino;

II - cultuar os fatos da educação e da memória, vida e obra de seus patronos, de titulares falecidos e de outras figuras e vultos da educação e do ensino;

III - promover cursos próprios ou em convênio, de pós-graduação, aperfeiçoamento, atualização e especialização, sobre educação e ciências pedagógicas, nos seus vários graus ou níveis;

IV - promover conferências, congressos e atividades outras que visem a elevar e melhorar nossos padrões culturais e de ensino;

V - instituir prêmios a serem atribuídos a estabelecimentos de ensino da rede pública ou privada e a profissionais de educação;

VI - adotar iniciativas e realizações outras que signifiquem preparação pedagógica ativa para a vida social, inclusive de consultoria sobre assuntos de pedagogia e de educação.

Capítulo III
Constituição do quadro e provimento das cadeiras

Art. 3º - A Academia Baiana de Educação é constituída de 40 (quarenta) cadeiras, ocupadas por membros titulares, tendo cada uma delas um patrono, que tenha sido educador, professor ou estudioso de fatos e problemas da educação na Bahia.

§ 1º - Haverá um quadro especial de 5 (cinco) membros eméritos, a ser preenchido, com a prévia aquiescência dos indicados, por membros titulares que tenham mais de 70 (setenta) anos de idade e pertençam há mais de 10 (dez) anos à Academia, e que tenham colaborado ativamente para o desenvolvimento e o renome do sodalício, ficando vaga, com cada escolha, a correspondente cadeira de membro titular.

§ 2º - A Academia terá, ainda, as categorias de sócios beneméritos, benfeitores, honorários, colaboradores e correspondentes.

§ 3º - O provimento das diversas categorias de membros e sócios da Academia será feito na forma disposta no seu Regimento Interno.

§ 4º - Sem prejuízo do número de vagas estipulado no § 1º, são considerados membros eméritos "in memoriam" os sócios fundadores Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta, podendo a Academia conceder o mesmo título a outros membros titulares falecidos que se tenham destacado por especiais serviços prestados à instituição.

Art. 4º - São membros fundadores os que, em número de nove (9), criaram a Academia Baiana de Educação, constando da relação que se segue: Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, Edivaldo Machado Boaventura, Antônio Pithon Pinto, José Newton Alves de Souza, Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Remy Pompílio de Souza, Adroaldo

Ribeiro Costa, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta.

§ 1º - São membros da Academia os membros titulares e eméritos admitidos.

§ 2º - Será considerado renunciatário o membro da Academia que, sem motivo justificado, a juízo da Assembléia Geral, faltar a 2/3 (dois terços) da sessões durante 1 (um) ano ou deixar de pagar a anuidade por igual período, competindo à Diretoria dar eficácia ao disposto neste parágrafo.

Capítulo IV
Administração da Academia

Art. 5º - São órgãos da Academia:
a) a Diretoria;
b) a Assembléia Geral.

Art. 6º - A Diretoria é constituída dos seguintes membros:
1 . Presidente
2 . Vice - Presidente
3 . Primeiro Secretário
4 . Segundo Secretário
5 . Tesoureiro
6. Diretor da Revista e da Biblioteca
7. Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo

Art. 7º - A Diretoria será eleita por um período de dois (2) anos, podendo ser reeleita total ou parcialmente e exercerá o seu mandato gratuitamente.

§ 1º - As vagas ocorridas em cargos da Diretoria, no primeiro ano do mandato, serão preenchidas por eleição e as ocorridas no segundo serão preenchidas pela Diretoria.

§ 2º - A eleição da Diretoria será feita no penúltimo mês do seu mandato.

§ 3º - As atribuições e obrigações da Diretoria serão definidas no Regimento.

§ 4º - A diretoria apresentará relatório circunstanciado no início de cada ano.

Art. 8º - As sessões da Academia serão instaladas com o mínimo de 5 (cinco) membros presentes, entre titulares e eméritos, só podendo deliberar com o mínimo de 9 (nove) membros das referidas categorias.

Art. 9º - A Assembléia Geral será constituída pelos membros titulares e eméritos, só podendo deliberar com a presença, em primeira convocação, da maioria absoluta e, em segunda convocação, da maioria dos presentes, respeitado o disposto no artigo anterior.

Art. 10º - A Academia deverá manter-se, financeiramente, com a contribuição dos seus associados, doações, renda de cursos e de outras atividades e fontes de receita, sendo que, enquanto não tiver sede própria, fará as suas reuniões em locais condignos, cedidos ou alugados.

Parágrafo Único - A aplicação de suas rendas será para fins desta instituição no território nacional.

Capítulo V
Disposições Gerais e Transitórias

Art. 11º - A Diretoria é responsável pelas obrigações e resoluções tomadas por maioria, cabendo ao seu presidente representá-la, na forma do Regimento.

Art. 12º - Em caso de dissolução da Academia, os seus bens e valores serão entregues ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a entidade congênere.

Art. 13º - A Academia reunir-se-á em sessões ordinárias e extraordinárias, da Diretoria e da Assembléia, ou em sessões públicas, comemorativas e de posse, bem assim reservadas.

Parágrafo Único - Os meses de dezembro, janeiro e fevereiro serão considerados de recesso, podendo haver convocação especial.

Art. 14º - O presente estatuto deverá ser regulamentado por um regimento, no prazo máximo de 6 (seis) meses, aprovado pela Assembléia Geral, e somente poderá ser modificado pela maioria absoluta dos membros eméritos e titulares, por proposta da Diretoria ou da referida Assembléia.

Art. 15º - O extrato do presente Estatuto será publicado no Diário Oficial do Estado, para fins de registro em Cartório e demais providências pertinentes.

Art. 16º - Até o final do seu mandato, a Diretoria eleita para o biênio 1996/1998 permanecerá constituída pelos cargos para os quais foram eleitos os atuais ocupantes.

REGIMENTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

TÍTULO PRIMEIRO

DA ADMINISTRAÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I
Da Admissão de Acadêmicos

Art. 1º - A admissão de membro titular da Academia está sujeita às seguintes condições:

a) ser brasileiro, nato ou naturalizado, educador, professor ou especialista em educação, com experiência e amplos serviços prestados à causa, ter domicílio no Estado da Bahia e possuir idoneidade moral e científico-cultural;

b) ser escolhido na forma de processo específico, composto das seguintes etapas:

1 - Decorridos 30 (trinta) dias da declaração de vacância da cadeira, a Academia reunir-se-á em sessão adredemente convocada, com a presença mínima de 9 (nove) membros titulares e eméritos, quando será facultado a cada acadêmico indicar, em envelope fechado, o nome de sua preferência para preenchimento da vaga;

2 - Os membros titulares que se encontrarem impossibilitados de comparecer à sessão referida no item anterior poderão encaminhar as suas indicações ao Presidente da Academia, em envelopes fechados;

3 - Apuradas imediatamente as indicações, será organizada lista dos nomes que tiverem obtido pelo menos 3 (três) preferências, para fins de votação.

4 - Após 30 (trinta) dias da organização da lista, em sessão com a presença mínima de titulares e eméritos exigida pelo estatuto, proceder-se-á, através de voto secreto, à eleição do novo membro, em até 3 (três) escrutínios, sendo escolhido aquele que obtiver a maioria absoluta dos votos dos acadêmicos presentes.

5 - Somente será feita a proclamação do nome eleito após sua aceitação, por escrito, ao receber comunicação feita pelo Presidente.

6 - Continuará vaga a cadeira, caso nenhum nome tenha alcançado, após os 3 (três) escrutínios, a maioria absoluta dos votos, ou no caso de recusa pelo escolhido.

Art. 2º - O membro emérito será escolhido pela Assembléia Geral, dentre os membros titulares, mediante a indicação de, pelo menos, dez (10) membros titulares e eméritos, atendido o disposto no parágrafo primeiro do art. 3º do Estatuto.

Parágrafo Único - O membro emérito manterá os mesmos direitos e prerrogativas do titular, estando dispensado, a seu critério, das anuidades e freqüência às sessões.

Art. 3º - Só poderão ser membros correspondentes personalidades de comprovado mérito, que residam e tenham domicílio fora de Salvador, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos dez (10) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 4º - Só poderão ser membros honorários educadores de notável saber em pedagogia e educação, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos (20) vinte titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 5º - A particulares e instituições que fizerem donativos à Academia ou tenham prestado serviços de alta relevância à entidade, serão conferidos diplomas de benfeitores ou de beneméritos.

Capítulo II
Das Atribuições da Diretoria

Art. 6º - Ao Presidente compete:

a) zelar pelos interesses da Academia e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento e as resoluções da Diretoria;

b) convocar e presidir as sessões da Academia, enunciando a ordem do dia e dirigindo os trabalhos;

c) manter a disciplina nas discussões, não permitindo que os debates tomem caráter pessoal;

d) representar a Academia em juízo e em qualquer ato ou solenidade, podendo fazer-se substituir por outro acadêmico que para esse fim designar;

e) apresentar relatório anual das atividades da Academia;

f) nomear e demitir o pessoal administrativo da Academia e, *ad referendum* da Assembléia

Geral, resolver os casos urgentes não previstos no Estatuto;

g) autorizar, de acordo com a Diretoria, o pagamento das despesas extraordinárias e ordenar as de caráter urgente;

h) nomear, quando se fizer necessário, comissões especiais de acadêmicos;

i) designar a secção a que irá pertencer o novo acadêmico, observada a sua formação, especialidade, vivência e experiência pedagógica;

j) rubricar todos os livros e documentos da Academia, assinar as atas das sessões, os diplomas, representações, despachos e o expediente dirigido às autoridades e instituições;

k) movimentar conjuntamente com o tesoureiro os fundos e as contas bancárias.

Parágrafo Único - Nas votações o Presidente terá o voto de qualidade, além do de membro titular, exceto para as de eleição dos cargos da Diretoria e de novos titulares.

Art. 7º - Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos.

Parágrafo Único - No exercício da Presidência, exercerá o Vice-Presidente as prerrogativas e atribuições do Presidente.

Art. 8º - Ao Primeiro Secretário compete:

a) manter e desenvolver as relações da Academia;
b) promover a distribuição das publicações da Academia;
c) auxiliar o Presidente nas providências de ordem administrativas, supervisionando o pessoal;
d) expedir os diplomas dos membros da Academia, de qualquer categoria, subscrevendo-os, juntamente com o Presidente;
e) assinar o expediente, comunicando aos interessados, em nome do Presidente, a realização das reuniões da Academia;
f) substituir o Vice-Presidente em suas faltas e impedimentos;
g) organizar e manter em dia o quadro social, encaminhando para publicação na Revista a lista de todos os membros e indicando ao Presidente as vagas a preencher;
h) fornecer ao Presidente os elementos para o relatório anual.

Art. 9º - Ao Segundo Secretário compete:

a) apresentar e ler em sessão o expediente;
b) ter sob sua responsabilidade os livros de atas e presenças;
c) substituir o Primeiro Secretário em suas faltas e impedimentos e auxiliá-lo em suas funções;
d) redigir as atas de todas as sessões.

Art. 10º - Ao Tesoureiro compete:

a) zelar pelo caixa e pelo patrimônio da Academia;
b) cobrar e receber toda a renda da Academia, tendo sob sua guarda valores em moeda ou títulos e realizar despesas para o que for autorizado pelo Presidente;
c) dar quitação dos valores, quando de direito;
d) arquivar todos os documentos relativos às finanças e à contabilidade da Academia;
e) mandar escriturar, em livros próprios, a receita e à despesa da Academia;
f) apresentar à Diretoria balancetes anuais.

Art. 11º - Ao Diretor da Revista e da Biblioteca compete:

a) coletar e organizar o material para a publicação da Revista e do Boletim da Academia, responsabilizando-se pela respectiva obediência aos critérios e normas pertinentes;
b) organizar a biblioteca da Academia, que deverá conter, principalmente, trabalhos e documentos relacionados com a educação baiana;
c) controlar as atividades da Biblioteca, inclusive o fichário;
d) viabilizar a consulta do acervo da biblioteca aos membros da Academia, bem como a outras pessoas e instituições interessadas;
e) contactar livrarias, editoras e outras instituições, visando a angariar publicações e doações para constituir o acervo da biblioteca.

Art. 12º - Ao Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo compete:

a) Organizar o acervo museológico da Academia, coletando material pedagógico, documentos, objetos, fotografias, vídeos e publicações de importância histórico-educacional;

b) Organizar a documentação e a nominata biográfica dos grandes educadores.

Capítulo III
Dos Direitos e Deveres

Art. 13º - São direitos dos membros titulares e eméritos:

a) votar e ser votado, de acordo com o Estatuto e o Regimento;
b) freqüentar as sessões, apresentar trabalhos, participar dos debates em plenário e encaminhar para publicação na Revista trabalhos de interesse pedagógico, obedecidas suas normas e critérios.

Art. 14º - São deveres dos membros titulares e eméritos:

a) respeitar e fazer respeitar o Estatuto e o Regimento, prestigiar a Diretoria e zelar pelo bom nome da Academia;

b) desempenhar os encargos e funções para os quais forem designado pela Presidência;
c) freqüentar com assiduidade as sessões da Academia, observado o disposto no parágrafo único do art. 2º deste Regimento;
d) contribuir financeiramente para custeio das atividades da Academia.

Art. 15º - É direito do membro correspondente e honorário freqüentar e corresponder-se com a Academia.

Art. 16º - É dever dos membros, correspondentes e honorários contribuir, por todos os modos, para o progresso e engrandecimento da Academia.

Art. 17º - Os membros, correspondentes e honorários, não terão direito a voto, nem podem ser votados.

TÍTULO SEGUNDO

Das Sessões da Academia

Art. 18º - A Academia Baiana de Educação realizará sessões ordinárias e extraordinárias, públicas e reservadas.

§ 1º - As sessões ordinárias serão realizadas 1 (uma) vez por mês, em dia, hora e local previamente determinados, observado o estabelecido nos Arts. 8º e 9º do Estatuto:

a) não havendo número legal, a mesa tomará conhecimento dos assuntos urgentes e o Secretário registrará o ocorrido;
b) havendo número legal, o Presidente abrirá a sessão, que constará de leitura, votação e aprovação da ata da sessão anterior, de expediente e ordem do dia;
c) os apartes serão concedidos desde que o orador permita;
d) os que falarem no expediente poderão usar da palavra uma vez e durante 5 (cinco) minutos, no máximo;
e) as moções serão apresentadas ao plenário assinadas pelo menos por 10 (dez) acadêmicos.

§ 2º - As sessões extraordinárias, que se realizarão por motivo de ordem superior ou para a eleição da Diretoria, serão convocadas pelo Presidente, observado o disposto nos Artigos 8º e 9º do Estatuto.

§ 3º - As sessões públicas serão realizadas:

a) no dia 9 de setembro de cada ano, para celebrar a data de criação da Academia;
b) na posse de novos acadêmicos;
c) no elogio dos acadêmicos falecidos;
d) quando a conveniência indicar, a juízo do Presidente.

§ 4º - Nas sessões solenes, deverá ser usado traje adequado à natureza do evento.

§ 5º - Quando a natureza do assunto o exigir, a Academia reunir-se-á em sessões reservadas tomando parte apenas os membros titulares.

TÍTULO TERCEIRO

DA CONSTITUIÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I
Da votação, Eleição e Posse

Art. 19º - As votações serão por escrutínio secreto.

Art. 20º - Para a eleição de novo membro titular, observado o disposto no Art. 1º deste regimento, a votação será por escrutínio secreto, cumprindo-se as seguintes determinações:

a) o direito de voto será privativo dos membros titulares e eméritos;
b) será permitido o voto por procuração;
c) a posse de novo membro titular dar-se-á dentro de 60 (sessenta) dias após a eleição, salvo motivo de força maior, a juízo da Diretoria, cabendo-lhe escolher entre seus pares aquele que fará o discurso de recepção;

a) ao ser empossado pelo Presidente, o novo membro titular fará o panegírico do respectivo patrono e dos seus antecessores e prestará o seguinte compromisso: "Prometo cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento e as resoluções desta Academia e trabalhar quanto em mim couber por seu engrandecimento e bom nome";
b) esgotado o prazo concedido na alínea "c" deste artigo, sem que o eleito tome posse, será declarada vaga a cadeira, com realização de nova eleição, na forma regimental, aplicando-se tal determinação a todos os casos em que o eleito não tenha tomado posse até a presente data, salvo motivo justificado, a critério da Diretoria.

Art. 21º - A eleição dos membros da Diretoria far-se-á por escrutínio secreto:

a) só poderão concorrer aos cargos da Diretoria os membros titulares e eméritos em pleno gozo de seus direitos;
b) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas de 2 (dois) em 2 (dois) anos, no penúltimo mês do seu mandato;
c) a posse da Diretoria será na sessão solene de 09 de setembro, no ano em que a mesma for eleita;
d) as vagas que ocorrerem durante o biênio que se seguir à eleição da Diretoria serão preenchidas por eleição, salvo se faltar menos de 1 (um) ano para o término do mesmo biênio, devendo

neste caso o Presidente designar o titular que deverá preencher a vaga até às próximas eleições;

e) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas 30 (trinta) dias antes do dia previsto para sua posse, em sessão extraordinária;

f) nenhum membro titular poderá exercer cumulativamente dois cargos na Diretoria

g) a votação deverá estender-se por 1 (uma) hora, e em seguida será processada a apuração, para o que o Presidente designará entre os acadêmicos, escrutinadores para a contagem dos votos, que deverão coincidir com o número de votantes, consignados em lista para este fim;

h) o estatuído na linha acima só será aplicado à eleição dos membros titulares e eméritos e da Diretoria.

Capítulo II
Dos Patronos

Art. 22º - São considerados patronos da Academia, de acordo com o Art. 3º do Estatuto, 40 (quarenta) nomes de grandes vultos já desaparecidos da educação baiana, ou a ela intimamente relacionados, que passaram à posteridade como modelos de educadores ou de homens de notório saber pedagógico.

Parágrafo Único - As cadeiras serão numeradas cronologicamente de 1 a 40, conforme relação em anexo.

Capítulo III
Do Patrimônio

Art. 23º - O patrimônio da Academia será constituído de bens imóveis, devidamente avaliados, doações, títulos e contribuições, rendas de cursos e demais atividades, bem assim de outras receitas.

Capítulo IV
Dos Prêmios

Art. 24º - A Academia, de acordo com o Art. 2º, inciso V, do Estatuto, concederá prêmios aos autores de trabalhos de real mérito sobre Pedagogia, Psicologia de Aprendizagem, Filosofia da Educação e outras ciências correlatas.

§ 1º - Os prêmios a que se refere o artigo acima constarão do louvor acadêmico e de auxílio para publicação dos trabalhos premiados, ou de valores, especificamente, para esse fim destinados por doações.

§ 2º - Poderão concorrer aos prêmios da Academia educadores, professores e especialistas estudiosos e instituições de educação.

§ 3º - O julgamento dos trabalhos a prêmio competirá uma Comissão, designada pelo Presidente da Academia, nos termos do Art. 2º, inciso V do Estatuto.

§ 4º - A Diretoria regulamentará a inscrição e a concessão desses prêmios.

TÍTULO QUARTO
Disposições Gerais

Art. 25º - A Diretoria exercerá suas funções gratuitamente.

Parágrafo Único - A Academia terá um quadro de funcionários, cujo número e vencimentos serão fixados pela Diretoria.

Art. 26º - A Academia poderá convidar pessoas estranhas ao seu quadro a fim de realizar conferências, sempre que tal convite envolver verdadeiro interesse científico e cultural, devendo tal proposta ser aprovada pela Diretoria.

Art. 27º - A Academia entrará em recesso durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, período em que haverá apenas reuniões da Diretoria, se esta assim deliberar.

Art. 28º - A Academia adota como lema LUCEAT LUX VESTRA (Luza vossa luz), inserido nas suas insígnias.

Art. 29º - O Estatuto e este Regimento somente poderão ser reformados mediante proposta assinada pela maioria absoluta dos membros titulares e eméritos ou da Diretoria.

Parágrafo Único - Proposta a reforma, o Presidente designará uma comissão composta de 4 (quatro) membros, escolhidos entre os titulares e eméritos, para, sob sua presidência, emitir "parecer", que deverá ser submetido à apreciação da Assembléia Geral.

Art. 30º - A Academia manterá intercâmbio com instituições co-irmãs, no campo das letras, das artes e das ciências, internacionais, nacionais, estaduais ou municipais, para o que serão organizados os devidos assentamentos.

Art. 31º - A partir da publicação e registro do Estatuto serão adotadas providências para:

I - reconhecimento de utilidade pública nas esferas dos poderes federal, estadual e municipal;

II - criação de subsidiárias em até 3 (três) municípios de grande porte no interior do Estado e,

III - aquisição de sede própria.

Art. 32º - Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pela Diretoria, *ad referendum* da Assembléia Geral.

Art. 33º - Este Regimento entra em vigor na data da sua aprovação.

PATRONOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO E ACADÊMICOS TITULARES

Nº	PATRONO	VIDA	ACADÊMICO TITULAR
1	Abílio César Borges	1824-1891	Ruy Simões -1º José Simões e Silva Júnior - 2º
2	Alfredo Brito	1876-	Jair de Oliveira Santos
3	Alfredo Ferreira Magalhães	1873-1943	Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira-1º
4	Alípio Correia Franca	1871-1957	José Francisco de Sá Teles
5	Alvaro Augusto da Silva	1890-1977	Edivaldo Machado Boaventura
6	Amélia do Sacramento Rodrigues	1861-1926	Germano Dias Machado
7	Anfrísia Santiago	1894-1970	Remy Pompílio Fernandes de Souza
8	Anísio Spínola Teixeira	1900-1971	Hermano José de Almeida Gouveia -1º Maria Anália Costa Moura - 2º
9	Antonio Borges dos Reis	1859-1952	Guiomar de Andrade Florence -1º Alírio Barboza Fernandes de Souza -2º
10	Antonio de Castro Alves	1847-1871	Consuelo Pondé de Senna
11	Antonio Pacífico Pereira	1846-1902	Ângelo Lyrio Alves de Almeida
12	Arlindo Costa		Adroaldo Ribeiro Costa – 1º Bárbara Vasconcelos de Carvalho – 2º
13	Arthur de Salles	1879-1952	Raul de Souza da Costa e Sá – 1º Elsior Moreira Alves –2º
14	Augusto Alexandre Machado	1896-1947	Enock Sena Souza
15	Cosme de Farias	1875-1972	João Eurico Matta
16	Diógenes Gomes da Costa Vinhaes	1901 1967	Roisle Alaor Metzker Coutinho - 1º
17	Egas Moniz Barreto de Aragão	1870-1924	Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon
18	Ernesto Carneiro de Ribeiro	1839-1920	José Newton Alves de Souza - 1º Maria Luigia Magnavita Galeffi - 2º
19	Francisco da Conceição Menezes	1896-1959	Cid José Cavalcante Teixeira
20	Gelásio de Abreu Farias	1882-	Hermano Augusto Palmeira Machado
21	Helvécio Carneiro Ribeiro	1880-1969	Pedro Julio Barbuda -1º Milton Almeida Rabelo - 2º
22	Henriqueta Martins Catarino	1886-1968	Zilma Gomes Parente de Barros
23	Hugo Balthazar da Silveira	1888-	Rômulo Galvão de Carvalho - 1º Eraldo Tinoco - 2º

Nº	PATRONO	VIDA	ACADÊMICO TITULAR
24	Isaias Alves de Almeida	1888-1968	Antonio Pithon Pinto - 1º Joselice Macedo Barreira - 2º
25	João Alves Portela		Cícero Pessoa da Silva
26	João Florêncio Gomes	1846-1925	Astor de Castro Pessoa
27	José Olímpio de Azevedo	1843-1920	Thales Olimpio Góes de Azevedo - 1º Antônio Jesuíno dos Santos Netto - 2º
28	Júlio Afrânio Peixoto	1876-1947	Oldegar Franco Vieira
29	Luiz da França Pinto de Carvalho		Luiz Fernando Seixas de M. Costa - 1º Hermes Teixeira de Mello - 2º
30	Luiz Gonzaga Cabral	1853-	Luiz Augusto F. Navarro de Brito -1º Luis Henrique dias Tavares - 2º
31	Manoel Carlos Devoto	1853-	Adelmo Soares Pessoa
32	Maria Luiza de Souza Alves	1860-	Angelina Rocha de Assis - 1º Leda Jesuino dos Santos -2º
33	Maria Romana Calmon de Bittencourt		Jorge Calmon Moniz de Bittencourt - 1º José Corgozinho Carvalho Filho - 2º
34	Paulo Fábio Dantas	1900-	Raymundo Nonato de Almeida Gouveia-1º Fernando Floriano da Rocha -2º José Rogério da Costa Vargens - 3º
35	Pedro Júlio Barbuda	1837-	Cassilandro Everaldo Barbuda - 1º João Fernandes da Cunha - 2º
36	Pedro Tenório de Albuquerque	1906-1982	Yeda Barradas Carneiro
37	Possidonio Dias Coelho		Francisco Pinheiro Lima Junior
38	Roberto Correia	1876-1941	Olga Pereira Mettig - 1º Marcelo Rocha - 2º
39	Rui Barbosa de Oliveira	1849-1923	Raimundo José da Matta - 1º Lafayette de Azevedo Pondé - 2º
40	Sátiro de Oliveira Dias	1844-1913	Antonino de Oliveira Dias - 1º. Hildérico Pinheiro de Oliveira - 2º José Nilton Carvalho Pereira - 3º

MEMBROS EMÉRITOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Bárbara Carvalho
Jorge Calmon
José Newton Alves de Souza
Oldegar Franco Vieira
Olga Pereira Mettig
Raymundo Nonato de Almeida Gouveia

ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS TITULARES

Adelmo Pessoa
Rua Barão de Loreto, 38 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-270
Fone: 247-2744

Alírio Barbosa Fernandes de Souza
Rua Edite Gama e Abreu, 545 aptº 202 - Itaigara
Salvador - Bahia
Cep: 41.840
Fones: res. 358-5758 - Esc. 242-7033

Antônio Jesuíno dos Santos Netto
Rua Visconde de Itaborai, 109 - Amaralina
Salvador - Bahia
Cep: 41.900-000
Fone: 248-0115

Astor de Castro Pessoa
Rua Caetano Moura, 39 - Federação
Salvador - Bahia
Cep: 40.210-350
Fone: 247-3832

Cicero Pessoa da Silva
Corredor da Lapinha, 52 - Lapinha
Salvador - Bahia
Cep: 40.325-100
Fones: 242-0994

Cid Teixeira
Rua das Violetas, 85 Pq. Nossa Senhora da Luz - Pituba
Salvador - Bahia
Cep: 41.810-080

Consuelo Pondé de Sena
Av. Princesa Leopoldina, 288
Ed. Mansão Princesa Leopoldina aptº 301 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-080
Fone: 336-6205

Edivaldo M. Boaventura
Rua Henrique M. Catharino, 159 - Federação
Salvador - Bahia
Cep: 40.223-660
Fones: 247-1698 / 245-0801

Elsior Moreira Alves
Av. Euclides da Cunha, 116 1º andar
Ed. Mansão da Graça - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-121
Fone: 245-7806

Enock Sena Sousa
Rua Edite M. da Gama e Abreu, 53 aptº 1002
Ed. Primo - Itaigara
Salvador - Bahia
Cep: 41.840-320
Fones: 358-5615 / 4750 / 5673

Francisco Pinheiro Lima Júnior
Rua Comendador Horácio Urpia, 04 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-250
Fone: 247-0956

Germano Machado
Rua Manoel Barreto, 688, Ed. Cidade Laranjeira aptº 102
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-360

Germano Tabacof
Av. Oceânica, 2400
Ondina Apart Hotel aptº 1070
Salvador - Bahia
Cep: 40.170-010
Fone: 203-8351

Maria Luiza Magnavita Galeffi
Travessa dos Barris,87,ap. 201 (Barris)
Ed. Nossa senhora de Loreto
CEP. 40.070-070
Salvador- Bahia
Fone 328-2585

Hermano Augusto Palmeira Machado
Rua General Labatut, 285 aptº 1001 - Barris
Salvador - Bahia
Cep: 40.070-100
Fone: 243-2167

Hermes Teixeira de Melo
Rua Plínio Moscoso, 955, Ed. Daniel aptº 301 - Apipema
Salvador - Bahia
Cep: 40.155-020
Fone: 247-4338

Jair de Oliveira Santos
Rua Rio de Janeiro, 679, Pituba, Salvador - Bahia
CEP 41830-001
Fone: 345-4382

Joselice Macedo
Rua Quintino de Carvalho, 84,ap. 1703
Ed. Vila Flora –Jardim Apipema
CEP 40.155-280
Fone: 245-7758

João Eurico Matta
Rua Prof. Edgar Mata, 04 - Ondina
Salvador - Bahia
Cep: 40.170-140
Fone: 247-0869

João Fernandes da Cunha
Fundação João Fernandes da Cunha
Praça dois de Julho, 8, Largo do Campo Grande
CEP 400080-021
Fone 329-1016

José Carlos Almeida da Silva
Rua Juiz Rosalvo Torres, 155 Apt. 804
Chame-Chame - Salvador - Bahia
Cep: 40.155-570
Fone: 235-5879 / 321-7057

José Corgozinho de Carvalho Filho
Pq. Da Fundação José Carvalho
Estrada de Santiago, s/n
Pojuca – Bahia
CEP 48-120-000
Fone: 845-8180

José Francisco de Sá Teles
Rua Renato de Menezes Berenguer, 177 - Pituba
Ed. Portal das Caravelas Aptº 1302 - lot. Vela Branca
Salvador - Bahia
Cep: 41.830-310
Fone: 353-2449

José Nilton Carvalho Pereira
Cond. Vale do Jaguaripe
Rua C, casa 182 – Piatã
Salvador – Bahia
CEP 41610-100

José Rogério da Costa Vargens
Av. Magalhães Neto, 81, Ap. 402 – Pituba
Salvador-Bahia
CEP 41820-011

José Simões e Silva Júnior
Ed. Oceânica, Ap. 66/
Fone: 247-7520
CEP. 40.740-230

Lafayette de Azevedo Pondé
Av Princesa Leopoldina, 270
Ed. Mansão Princesa Leopoldina, 270, Ap. 101 – Graça
Salvador – Bahia
CEP 40.150-080
Fone 247-9159

Leda Jesuíno dos Santos
Rua Visconde de Itaborai, 109 - Amaralina
Salvador - Bahia
Cep: 41.900-000
Fone: 248-0115

Luis Henrique Dias Tavares
Av. Princesa Leopoldina, 21 aptº 1003 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-080

Marcelo Rocha
Faculdade de Educação da Bahia
Rua da Mangueira, 33, Nazaré
Salvador – Bahia
CEP 40.040- 400

Maria Augusta da Cruz Abdon
Av. 7 de Setembro, 1736
Ed. Vitória Régia Aptº 504
Vitória - Salvador - Bahia
Fone: 337-0032

Milton de Almeida Rabelo
Rua Nestor Ribeiro, 436, Centro
Jequié – Bahia
CEP: 45.200-000
073-525-8900

Oldegar F. Vieira
Alameda da Acacias 202 - ap. 215 - Pituba
Salvador - Bahia
Cep: 41.480-000
Fone: 353-7260

Remy de Souza
Cond. Colina da Fonte, Rua B (Alberto Vita) Qd. B
Lote - 2 - Itapuã
Salvador - Bahia
Cep: 41.630-740
Fones: 249-7969

Yeda Barradas Carneiro
Alameda dos Sombreiros, 90 - Caminho das Árvores
Salvador - Bahia
Cep: 41.820-420
Fone: 247-6635

Zilma Parente de Barros
Rua Flórida, 211 aptº 203, Ed. El Prado - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.080-440
Fone: 336-7583

ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS EMÉRITOS

Bárbara Carvalho
R. Praia de Orange Q/C 17, L/22
Vilas do Atlântico, Lauro de Freitas-Bahia
Cep: 42.210
Fone: 891-3887

Jorge Calmon
Av. 7 de Setembro, 2172 - Corredor da Vitória
Salvador - Bahia
Cep: 40.080-001
Fone: 371-0071

José Newton Alves de Souza
Alameda Capimirim, 02 apt^{o} 22 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-070
Fone: 336-5832

Olga Pereira Mettig
Av. Princesa Leopoldina, 124 apt^{o} 801
Ed. Vila da Graça - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-080
Fone: 245-8640

Raymundo de Almeida Gouveia
Rua da Boa Viagem, 48 - Mont Serrat
Salvador - Bahia
Cep: 40.425-610
Fones: 226-9237

COLABORAÇÕES

A Revista da Academia Baiana de Educação aceita colaborações, sob a forma de artigos, que versem sobre temas ligados à Educação. Devem ser inéditos, limitados a quinze páginas com fonte doze e espaço 1, em tamanho ofício, em duas vias. Devem obedecer à seguinte seqüência: título, nome(s) do(s) autor(es), texto, agradecimentos e referências bibliográficas. Tabelas e ilustrações, no máximo quatro, devem ser enviadas em anexo, com legendas que permitam a compreensão, independentemente do texto.

O título do artigo e o nome, o endereço e a instituição de origem do(s) autor(es), com indicação do(s) respectivo(s) cargo(s) devem figurar em folha de rosto.

O título, que deve ser curto, pode ser completado com subtítulo, em termos que possibilite a indexação.

As referências bibliográficas, de responsabilidade do(s) autor(es), devem conter apenas as citações do texto. Devem ser listadas em ordem alfabética pelo último sobrenome do(s) autor(es) e atender às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Tomar por exemplo referências contidas neste número. As citações devem ser indicadas por um número elevado, na entrelinha, correspondendo à respectiva referência bibliográfica.

Todas as colaborações serão apreciadas por membros do Conselho Editorial. Recomendações deste Conselho serão enviada(s) ao(s) autor(es). Correções ortográficas ou sintáticas, porventura necessárias, serão automaticamente efetuadas, independentemente de comunicação aos colaboradores.

As publicações obedecerão à ordem de aprovação do Conselho Editorial.